


Unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

PÂMELA CIAN DA CRUZ

**MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES
ACADÊMICO-CIENTÍFICAS DO MESTRADO
EM EDUCAÇÃO SEXUAL DA
UNESP/ARARAQUARA-SP (2013 A 2019)**



ARARAQUARA – S.P.
2021

PÂMELA CIAN DA CRUZ

**MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES
ACADÊMICO-CIENTÍFICAS DO MESTRADO
EM EDUCAÇÃO SEXUAL DA
UNESP/ARARAQUARA-SP (2013 A 2019)**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva

ARARAQUARA – S.P.
2021

C957m	<p>Cruz, Pâmela Cian</p> <p>Mapeamento das Produções Acadêmico-Científicas do Mestrado em Educação Sexual da Unesp/Araraquara-SP (2013 a 2019) / Pâmela Cian Cruz. -- Araraquara, 2021</p> <p>135 p.</p> <p>Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara</p> <p>Orientador: Ricardo Desidério Silva</p> <p>1. Educação Sexual. 2. Mapeamento. 3. Dissertações. 4. Programa de Pós-Graduação. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

PÂMELA CIAN DA CRUZ

MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO SEXUAL DA UNESP/ARARAQUARA-SP (2013 A 2019)

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva

Data da defesa: 25/02/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva
Universidade Estadual do Paraná – Unespar, Campus de Apucarana

Membro Titular: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Sonia Maria Martins de Melo
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Ao meu pai Vailson, à minha mãe Shirley, ao meu
irmão Henrique e ao meu esposo Luiz Fernando,
minhas maiores riquezas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por estarem sempre caminhando comigo e apoiando em todos os momentos e decisões;

Ao meu irmão pelo companheirismo de sempre e amparo neste momento por meio das contribuições para esse estudo;

Ao meu esposo, pelo acolhimento, incentivo e apoio;

Ao meu orientador, pela oportunidade e todo aprendizado no decorrer de alguns anos – desde a graduação - por amenizar minhas aflições e pelas contribuições assertivas que vieram a somar em minha trajetória;

Aos meus amigos e colegas do Mestrado, Camila, Guilherme Alves, Ana, Marcos, Ítalo, Guilherme Gomes, Tatiana, Beatriz e Laís, vocês todos são especiais.

Especialmente à Thais e Sandra; quantas coisas vocês me ensinaram, tiveram paciência, me ajudaram e estenderam a mão sem ao menos que eu pedisse. Tive muita sorte em encontrar vocês! Muito obrigada!

Aos meus amigos de jornada diária, o quanto me apoiaram, vocês estiveram comigo quando muito precisei;

Aos que torceram por mim, me motivaram, fizeram orações e me desejaram felicidade mesmo me vindo de longe, meu sincero agradecimento;

À professora Dra. Eliane Maio, pelas reflexões constantes que me faz ter e pelas orientações no exame de qualificação das quais pude colaborar com a versão final da pesquisa, gratidão;

Ao professor Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, pelo aprendizado durante as aulas, foram contribuições de suma importância para minha formação; agradeço-o também pelos apontamentos que se tornaram essenciais para o aprimoramento desse estudo;

À professora Dra. Sonia Maria Martins de Melo, por ter feito apontamentos com tanto carinho e cuidado na banca de Defesa, suas colocações enriqueceram o trabalho;

Agradeço também às Prof^{as}. Dr^{as}. Andreza Marques de Castro Leão e a Andréa Cristina Martelli, profissionais que colaboram com um trabalho efetivo no campo da Educação Sexual;

Aos professores do Programa por compartilharem saberes e ensinamentos;

Aos 08 (oito) entrevistados do projeto anterior apresentado no exame de qualificação, visto que no primeiro momento tanto contribuíram para a realização do presente estudo;

Aos funcionários da seção de Pós-Graduação da Unesp-Araraquara, pela prontidão às minhas diversas solicitações;
À Deus pela proteção divina.

“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância”
Simone de Beauvoir (1961)

RESUMO

Apropriar-se dos conceitos referentes à sexualidade tornou-se ao longo dos tempos uma necessidade. As manifestações da sexualidade na contemporaneidade mesmo que ainda tímidas pelas normativas sociais, expressam urgência em incluir diálogos que permitem repensar a temática nos mais variados espaços e instituições. Imprimindo outras possibilidades de diálogo, as pesquisas científicas também servem como base atuantes para a Educação Sexual, uma vez que essas, também são disseminadoras do conhecimento e elege espaço para reflexão. À vista disso, e pensando na sua pluralidade, percebeu-se a necessidade de apresentar o que vem sendo produzido enquanto campo do conhecimento, buscando nesta pesquisa, mapear 56 (cinquenta e seis) Dissertações defendidas e disponíveis no banco de dados do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus Araraquara/SP, no período compreendido entre 2013 a 2019 - sendo esse Programa o único no Brasil, específico na área atualmente. Tratou-se de uma pesquisa denominada “estado da arte”, a qual Ferreira (2002) afirma ser de caráter bibliográfico, destacando “o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento” (s/p.). Para as análises, optou-se pelo método “análise de conteúdo na modalidade temática” de Bardin (1997), sendo as categorias de análise foram divididas em 05 (cinco) eixos temáticos: *Olhares Pedagógicos* (TEMA 01); *Olhares Psicológicos* (TEMA 02); *Olhares Sociais e Culturais* (TEMA 03); *Olhares para a Saúde* (TEMA 04) e *Olhares Históricos* (TEMA 05). Assim, as 56 (cinquenta e seis) Dissertações elencadas, foram lidas e ordenadas em quadros por ano de publicação, contendo informações como título, autor, orientador, ano de publicação, eixo principal e categoria temática em que pertence. Em suma, as categorias temáticas evidenciam variadas possibilidades de se trabalhar, aplicar, discutir e vivenciar a sexualidade e a Educação Sexual por meio dos Projetos realizados. Das ferramentas metodológicas mais utilizadas, foram elencadas: a revisão bibliográfica, a pesquisa qualitativa, a pesquisa-ação, entrevistas e questionários e a análise de conteúdo na modalidade temática. Evidenciou-se também que, nesse mesmo contexto foi reconhecido o quanto a sexualidade ocupa espaços inatingíveis em que ainda busca por um fortalecimento em sua efetivação. No entanto, o referido Programa se coloca no cerne de sua função com as produções acadêmicas, uma vez que, ao elencar tantas pesquisas críticas e construtivas na área científica, é tido como uma ação de resistência e enfrentamento frente ao desmantelamento da Educação Sexual hoje no país. Contudo, a sistematização do mapeamento realizado nessa Dissertação, possibilitará o acesso aos escritos selecionados, podendo até mesmo, ser essa utilizada como um guia ou direcionamento das produções que compreendem os anos de 2013 a 2019, o que contribuirá para novos direcionamentos e pesquisas a serem traçadas no campo da Educação Sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual. Mapeamento. Dissertações. Programa de Pós-Graduação.

ABSTRACT

Appropriating the concepts related to sexuality has become, over time, a necessity. The manifestations of sexuality, in contemporaneity, even if still timid by social norms, express urgency to include dialogues that allow rethinking the theme in various spaces and institutions. In view of this, and thinking about its plurality, it was perceived the need to present what has been produced as a field of knowledge, seeking, in this research, to map 56 (fifty-six) Dissertations defended and available in the database of the Master's Program in Sexual Education of the Paulista State University (UNESP) - Campus Araraquara/SP, in the period between 2013 and 2019 - this Program being the only one in Brazil specific in the area currently. This was a research called "state of the art", which Ferreira (2002) claims to be bibliographic in nature, highlighting "the challenge of mapping and discussing a certain academic production in different fields of knowledge" (s/p.). For the analyses, we opted for the method "content analysis in the thematic modality" by Bardin (1997), and the categories of analysis were divided into 05 (five) thematic axes: Pedagogical Looks (THEME 01); Psychological Looks (THEME 02); Social and Cultural Perspectives (THEME 03); Looks for Health (THEME 04) and Historical Looks (THEME 05). Therefore, the 56 (fifty-six) dissertations selected were read and ordered in tables by year of publication, containing information such as title, author, advisor, year of publication, main axis and thematic category in which it belongs. In a variety of ways, the thematic categories show various possibilities for working, applying, discussing and experiencing sexuality and Sexual Education through the Projects carried out. The most used methodological tools were listed: bibliographic review, qualitative research, action research, interviews and questionnaires and content analysis in the thematic modality. It was also evidenced that, in this same context, it was recognized how much sexuality occupies unattainable spaces in which it still seeks a strengthening in its effectiveness. However, this Program is at the heart of its function with academic productions, since, by elisting so many critical and constructive research in the scientific area, it is considered as an action of resistance and confrontation in the face of the dismantling of Sexual Education today in the country. However, the systematization of the mapping performed in this Dissertation will allow access to the selected writings, and may even be used as a guide or direction of the productions that comprise the years 2013 to 2019, which will contribute to new directions and research to be drawn in the field of Sexual Education.

KEYWORDS: Sex Education. Mapping. Dissertations. Graduate Program.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	As produções acadêmico-científicas em Programa de Pós Graduação (2013 – 2015)	36
Quadro 2	As produções acadêmico-científicas em Programa de Pós Graduação no ano de 2016	59
Quadro 3	As produções acadêmico-científicas em Programa de Pós Graduação no ano de 2017	70
Quadro 4	As produções acadêmico-científicas em Programa de Pós Graduação no ano de 2018	91
Quadro 5	As produções acadêmico-científicas em Programa de Pós Graduação no ano de 2019	109

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Agente Comunitário de Saúde
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
APCN	Proposta de Novo Curso
APPEx	Atividade Programadas de Pesquisa e Extensão
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPG	Controle Acadêmico da Pós-Graduação
CEDEPE	Centro de Desenvolvimento Profissional Paulo Freire
CCPG	Comissão Central de Pós-Graduação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado em Assistência Social
EAD	Educação à Distância
GE	Grupo de Estudos
GEFES	Grupo de Estudo e Formação de Educadores Sexuais
GESEX	Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Sexualidades
GESTELD	Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagem e Discursos
GT	Grupo de Trabalho
LASEX	Laboratório de Ensino e Pesquisa em Sexualidade
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
NUSEX	Núcleo de Estudos da Sexualidade
PCN	Parâmetro Curriculares Nacionais
PePSIC	Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia
PPG	Programa de Pós-Graduação
PPGEdSex	Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual
PPGEduEsc	Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROPG	Pró-Reitoria de Pós-Graduação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação

UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS.....	13
1 INTRODUÇÃO.....	16
2 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL	20
JUSTIFICATIVA	31
OBJETIVOS.....	31
5 MÉTODO	32
5.1 Tipo de Pesquisa	32
5.2 Objeto de análise.....	33
5.3 Procedimento	33
5.4 Análise dos Dados.....	33
6 MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS (2013-2019)...	36
6.1 As produções de 2013 a 2015	36
6.2 As produções de 2016.....	59
6.3 As produções de 2017	70
6.4 As produções de 2018.....	91
6.5 As produções de 2019.....	109
7 DIALOGANDO COM AS CATEGORIAS.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS.....	125

PALAVRAS INICIAIS

Minha trajetória na educação iniciou-se com o impulso dos meus pais para eu fazer magistério, já que tinha dúvidas a qual caminho seguir: dentista – trabalhava em consultório odontológico, era um sonho – ou professora. Decidi optar por uma profissão que também gostasse e que estivesse dentro das minhas possibilidades, logo, escolhi por lecionar. Eis que então, iniciei o curso Normal Superior (Magistério) entre 2008 a 2011, integrado ao Ensino Médio. Nesses quatro anos, percebi o quanto gostava da profissão, embora já houvesse interesse pelas políticas públicas e pela pesquisa em educação. Finalizei o curso, mas continuei trabalhando como auxiliar odontológica no consultório.

Ainda com dúvidas em relação ao caminho a seguir, optei por ingressar no curso de Licenciatura em Química em 2012, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - campus Apucarana (UTFPR), porém não me adaptei, pois, dados concretos das matérias exatas não me cativavam, apesar da afinidade com o laboratório. Foi então que, no final do ano de 2013, deixei o curso já com a aprovação no vestibular da UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, campus Apucarana, para o curso de Pedagogia.

Em 2014, iniciei meus estudos em Pedagogia. No segundo ano do curso, entendi que gostava da ideia de ser pesquisadora, então iniciei algumas leituras complementares, participei de projetos, cursos, congressos, escrita de artigos e até um livro (*e-book*, o que, para mim, foi incrível). Fui tomando gosto por pesquisar assuntos do meu interesse. Em um projeto científico da Universidade, pesquisei inicialmente sobre Educação Inclusiva voltada para o ensino superior, depois fui me interessando por outras questões rotineiras que se remetem ao corpo e ao indivíduo e que também precisam de atenção. Deparei-me com a Educação Sexual, sendo apresentada a mim pelo professor da graduação Ricardo Desidério da Silva, que oportunizou leituras e eventos relacionados ao tema.

Ao realizar leituras sobre a Educação Sexual, notei que existem déficits tanto em relação à formação de professores quanto à discussão da temática, o que me levou a escolher tal campo teórico para ser visto com mais cautela e reflexão.

Nesse mesmo ano de descobertas e encontros com a pesquisa, fui convocada por um concurso público, que fiz em 2015 na cidade de Apucarana para lecionar na Educação Infantil – profissão que atuo até hoje (2021) – fazendo com que eu me mudasse da cidade de Kaloré – Pr para Apucarana a fim de encarar a nova jornada, a qual não foi fácil no início, até porque as impressões que tinha sobre educação enquanto discente foram subestimadas,

especialmente pela diferenciação entre teoria e prática. No entanto, hoje, após alguns anos na profissão, busco a reflexão diária para efetivar essa aproximação dentro das possibilidades e limitações.

Rotineiramente, em meu cotidiano escolar como professora da Educação Infantil da rede pública, percebo que desde muito cedo algumas crianças são condicionadas pela mídia – televisão, novelas, redes sociais – pela família e pelo meio sociocultural a pensarem de modo excludente, individualista e preconceituoso. Muitas dessas crianças são limitadas por pensamentos – adultos – que não condizem com uma educação emancipatória, de direitos e igualdades, sendo que a família, a comunidade e os professores, por vezes, ainda não lidam com tais questões, acabando por acentuar esse processo. Penso em qual adulto ela pode se tornar e o que ela pode reproduzir. Aliás, não acontece só na Educação Infantil, o mesmo discurso atravessa idades, lares e instituições, uma vez que parte das pessoas que ocupam esses espaços não conseguiram repensar ainda os próprios conceitos internalizados, tabus, estigmas etc.

Pensando nesses conflitos e no quanto é preciso aprender sobre sexualidade para auxiliar o próprio exercício de professora da Educação Infantil, bem como o “lugar” enquanto ser reflexivo, em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)¹, sob a orientação do professor Dr. Ricardo Desidério da Silva, que, na época, também foi meu orientador, pautou-se inicialmente em um levantamento a partir do banco de dados das Dissertações do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus Araraquara-SP, buscando saber como tem sido os avanços e retrocessos na área, em especial no campo educacional.

A decisão de ingressar no Mestrado veio com o tempo, enquanto cursava Pedagogia, pelo desejo em agregar mais conhecimento científico. Nesse meio tempo, também tive a oportunidade de participar do Grupo de Estudo e Formação de Educadores Sexuais (GEFES) coordenado pelo professor Ricardo, na mesma instituição em que eu cursava licenciatura (UNESPAR), o qual contribuiu para a convicção da temática escolhida – Educação Sexual.

Concluído o curso de Pedagogia em dezembro de 2017, me organizei para a realização de um propósito: cursar o Mestrado em Educação Sexual pela UNESP. Porém não tinha a certeza se seria possível, uma vez que fica a quase 500 km de distância de Apucarana e não poderia abrir mão do meu trabalho, já que esse me custearia. Então, apesar da incerteza

¹ CRUZ, 2017.

da realização do curso, prestei a seleção. Passei no processo seletivo e ingressei no ano de 2018 na turma V do Programa.

Nesses anos todos entre idas e vindas, os medos, a insegurança e as dificuldades foram me fortalecendo e pude chegar até aqui. Quem sabe até, com o que aprendi, contribuir de alguma maneira aos que me rodeiam, já que conhecimento é ainda mais valioso quando compartilhado.

Agora, pensando nos benefícios que me trouxeram as dificuldades, percebi o quanto de valor tiveram e ainda têm os estudos enquanto agente transformador em minha trajetória, inclusive as reflexões advindas do Mestrado, das quais me fizeram olhar com mais serenidade para o meu interior e ao próximo. Assim, é desejado que o sujeito possa ser em sua totalidade quem verdadeiramente é, que tenha liberdade e que possa ser respeitado e compreendido.

Apesar de crer na potencialidade do conhecimento, não acredito que a educação por si só possa mudar o mundo, existem “n” aspectos anteriores a ela para serem melhorados, como igualdade de acesso, pobreza, saneamento básico, fome, entre muitas desigualdades que dificultam o processo de aprendizagem e a própria existência. No entanto, o conhecimento pode e muito contribuir à vida do ser humano, especialmente se construído de modo crítico e reflexivo. Neste seguimento, o estudo a ser apresentado tende a colaborar para a Educação Sexual emancipatória, na qual as considerações e o mapeamento das produções do Programa, aqui elencadas, poderão servir de subsídios para reflexões próprias e também para outras pesquisas.

1 INTRODUÇÃO

Apropriar-se dos conceitos referentes à sexualidade tornou-se, ao longo dos tempos, uma necessidade. As manifestações da sexualidade na contemporaneidade, mesmo que ainda tímidas pelas normativas sociais, expressam urgência em incluir diálogos que permitem repensar a temática nos mais variados espaços e instituições, visto que

as relações humanas estão permeadas por um apelo ao erótico, ao sensual, ao sexual, e, em contraponto, por uma repressão ferrenha contra expressões singulares da sexualidade. E o que significa tudo isso? A ambivalência e inadequação do ser humano frente a uma força poderosa que nele habita (Ferreira & Sartori, 2016, p. 88)

Para melhor compreensão da temática, faz-se necessário conceituar as diferenças entre sexo e sexualidade. Nesse sentido, Ribeiro (2005) explica que

a **sexualidade**, no nosso entender, é um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculados ao sexo ou à vida sexual. É um conceito amplo, que envolve a manifestação do impulso sexual e o que dela é decorrente: o desejo, a busca de um objeto sexual, a representação do desejo, a elaboração mental para realizar o desejo, a influência da cultura, da sociedade e da família, a moral, os valores, a religião, a sublimação, a repressão. Em sua essência, a sexualidade é biológica, e tem como objetivo primordial – aqui com o significado de fonte, princípio, origem – a perpetuação da espécie [grifos do autor] (p. 01).

Para além desse conceito, Ribeiro complementa ainda que

(. . .) o ser humano, com o uso da razão e das outras faculdades mentais, pôde ir além do impulso biológico e usar a manifestação da sexualidade para outros fins. Mais precisamente, encontrou nela uma forma de dar e receber prazer. Essa sensação ocorre por intermédio do sistema nervoso central, é estimulado por sentimentos e fantasias sexuais e é decorrente de uma resposta sexual a um dado estímulo plantado em sua mente. Já o **sexo** é um conjunto de práticas, atitudes e comportamentos

vinculados ao ato sexual, resultante das concepções existentes sobre ele [grifos do autor] (p. 01).

Desse modo, fica evidente que “a sexualidade se inscreve no corpo, na história, na construção dos sujeitos, para além da noção tantas vezes questionada de feminilidade de masculinidade ou para além das definições diagnosticadas daquilo que deve ser considerado normal ou patológico” (Silveira, 2018, p. 27).

Assim, essas vivências da sexualidade transbordam de modo a se fazerem intrínsecas ao sujeito, ao passo que “ao falarmos sobre este assunto, estamos preparando o indivíduo para a vida, capacitando-o para amar e para sentir a felicidade de amar”. Desse modo, a educação emancipatória, elegida para este estudo, remete-nos a esse conceito de liberdade e felicidade de amar (Desidério, 2014, p. 946).

Logo, à medida em que o indivíduo consegue reelaborar ideias, reconhecer a si próprio e o outro nas suas especificidades, nas suas diferenças e nos seus variados modos de ser e existir, ele se torna capaz de ressignificar antigas concepções e ainda colaborar na diminuição do preconceito, da violência, da desigualdade e outros tantos tabus arraigados ao conservadorismo presentes ainda hoje. Todavia, para que essas mudanças possam ser significativas, é necessário um processo findado pela Educação Sexual.

Se pensarmos sobre a Educação Sexual na escola, retomamos aqui o seu conceito, apresentado por Silva (2015). Para o autor, a Educação Sexual na escola é hoje

(. . .) uma necessidade a ser efetivada tanto nas discussões políticas, quanto nas ações e concretização de sua prática. Ao dizer Educação Sexual estamos nos referindo a toda ação contínua, em um processo de interação humana pelo qual, inserido em uma cultura, uma história e uma política, nos leva a pensar na construção de um sujeito ativo frente às informações, aos desejos, às necessidades básicas sobre seu corpo, seu funcionamento e organização. Assim, tal sujeito pode dialogar, ter voz ativa e poder expressar suas opiniões, respeitando as opiniões do outro e significativamente percebendo a sexualidade como algo positivo em sua vida, sem medos, tabus e/ou receios em poder/querer aprender sobre tudo que se passa a sua volta durante toda sua vida (Silva, 2015, p. 20).

Em decorrência da necessidade de tais mudanças frente a sociedade, Leão (2009, p. 31) afirma que “a escola é um dos locais mais eficazes para se erigir uma sociedade mais

justa e igualitária, na qual todos possam usufruir seus direitos. Além disso, apresenta função peculiar, a qual deve possibilitar a apoderação do saber por todos os cidadãos”.

Ao encontro, Desidério (2014, p. 947) evidencia que “ao se propor que a escola trate as questões da sexualidade numa perspectiva dos direitos do cidadão e sob os princípios da equidade, insere-se, imediatamente, a discussão do professor como Educador Sexual”.

Nesse sentido, as reflexões acerca do/a papel do/a professor/a e de todos que se envolvem e se comprometem com a educação reforçam a carência e urgência na formação a respeito da necessidade de estarem aptos para a função, a fim de que tenham subsídios que possibilitem o encaminhamento às aprendizagens relacionadas à sexualidade, considerando-as em sua transversalidade.

Todavia, caso o educador não esteja ciente de suas ações e de sua posição enquanto agente de reflexão, ele continuará a reproduzir concepções arraigadas e conteúdos segregativos aos quais acompanham as normativas sociais que há tempos já poderiam ter sido superadas, acarretando prejuízos ao próprio indivíduo e aos outros, reafirmando que “modelos de disciplinamento, censura e conservadorismo reproduzem-se, pela falta de uma discussão crítica, pautada em bases fidedignas e pela omissão destas instâncias.” Verificando, então, a necessidade de formação e um trabalho efetivo que seja capaz de se sensibilizar e convencer pela temática. (Desidério, 2014, p. 947)

No entanto, Meyer (2017, p. 52) nos atenta ao fato de que

embora a escola aqui seja citada como um dos principais espaços para o desenvolvimento da educação sexual, outras instâncias e órgãos (. . .) cumprem papéis fundamentais na disseminação da informação e construção de espaços de reflexão sobre a sexualidade: a família, as unidades de saúde, as unidades de assistência social, entre outros.

Assumindo, assim, um direcionamento quanto a outros espaços e instituições em que possam ser desenvolvidos trabalhos, projetos e afins envolvendo a temática. Dentre essas outras possibilidades, as pesquisas científicas também servem de base como atuantes para a Educação Sexual, uma vez que também são disseminadoras do conhecimento e propiciam espaço para reflexão.

Desse modo, o Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Sexual da Unesp/Araraquara-SP, como primeiro mestrado de Educação Sexual no Brasil, colabora assiduamente para a formação profissional, além de expandir a pesquisa e a temática pelo

país a fora. Já as Produções acadêmicas fruto do Programa voltam-se para seguir a mesma tendência colaborativa.

À vista disso, pensando na pluralidade e percebendo a necessidade de apresentar o que vem sendo produzido enquanto campo do conhecimento, buscou-se, nesta pesquisa, mapear e analisar as Dissertações defendidas e disponíveis no banco de dados do referido Programa da UNESP, no período compreendido entre 2013 a 2019².

Para fins de organização, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, será apresentado um breve contexto histórico da trajetória da criação do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Unesp/Araraquara-SP. Após, será exposto a justificativa, o objetivo geral e os objetivos específicos para o estudo. Em seguida, o percurso metodológico, do qual evidenciará os processos para a coleta de dados e a análise dos mesmos. Posteriormente, a descrição das Dissertações, as quais foram lidas na íntegra, organizadas em quadros, categorizadas e sintetizadas. Na sequência, o diálogo entre as 05 (cinco) categorias temáticas, e por fim, serão expostas as considerações finais resultantes deste estudo e as referências.

² Esse recorte temporal compreende as primeiras produções do Programa até o período final da coleta de dados para este estudo.

2 O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Para entender como se deu a criação do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Unesp, Campus de Araraquara-SP é preciso antes de mais nada compreender que além de um processo árduo e demorado, foi preciso atravessar paradigmas além das questões burocráticas habituais, das quais demandaram muito esforço e dedicação. Nessa tarefa, quem esteve à frente foi o Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, que já era professor da Unesp e do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar – um pesquisador bastante renomado no campo da sexualidade e Educação Sexual.

Discorrer sobre o PPGEdSex e mergulhar em sua história é imergir nas lembranças de luta, dedicação, persistência e também de comemoração. No livro *Historias de las Sexologías Latinoamericanas* – vol. II organizado por Rodrigues Jr. (2016), no capítulo escrito pelo Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, *Caminhos da educação sexual nas memórias de um pioneiro da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP*, (pp. 67-89), o mesmo deixa registrado não só sua trajetória no Programa, mas também imprimiu a notória importância que sua pessoa teve para a consolidação da temática no país, especialmente durante o processo de institucionalização da mesma na Unesp, uma vez que enquanto professor e ao decorrer dos anos em outras funções na FCL como vice-diretor, coordenador etc., o Prof. Dr. Paulo Rennes não mediu esforços em busca da expansão da temática prezando por um trabalho sério e responsável do qual foi capaz de sensibilizar muitas pessoas para novos olhares.

Desse modo, seus escritos oferecem subsídios a narrativa histórica sobre a criação do Programa presente neste trabalho. Uma outra pesquisa que auxilia na reconstrução de tal momento inédito na história, são os estudos de Bedin (2016), uma vez que em sua Tese de Doutorado intitulada *A história do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na Unesp*, a autora apresenta como se deu os processos de criação e continuidade dos grupos de estudos, laboratórios e também sobre o Programa de Pós-Graduação, levando-nos a compreender suas ligações e potencialidades.

Nesse seguimento, foi criado na Universidade “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, no ano de 2000 o NUSEX - Núcleo de Estudos da Sexualidade, sendo esse um “grupo de pesquisa vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e pertencente ao Departamento de Psicologia da Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar” (Ribeiro, 2016, p. 73). É válido frisar que, em relação ao despertar para a temática no país, iniciativas como a criação de Núcleos e Grupos de Estudos

foram se intensificando a partir dos anos 1980 pela perspectiva médico-psicológico, fomentando uma segunda onda no processo de institucionalização do conhecimento sexual no Brasil, encorajando novas ações frente à temática (Bedin, 2016).

Esse grupo, iniciado com 21 (vinte e um) membros, como nos evidencia Bedin (2016), pode ser percebido como precursor para criação do PPGEdSex, do qual foi se fortalecendo, ganhando espaço e notoriedade por meio de seus integrantes e pesquisas desenvolvidas na área, assim como os eventos resultantes dele. Ribeiro (2016) cita um fato curioso, de que, entre os participantes já existia uma Mestra do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. A primeira dissertação da turma inaugural do ano de 1997, embora fosse do PPGEduc estava relacionada à sexualidade, sendo essa defendida em 1999 por Regina Celia Mendes Senatore, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo, intitulada: *Afinal, os anjos tem ou não sexo? Uma reflexão à luz da psicanálise sobre as concepções de sexualidade infantil dos professores* (Senatore, 1999), revelando também o interesse no estudo do tema por parte dos discentes de outras áreas.

Os eventos e ações realizadas pelo NUSEX foram acontecendo e se tornando expressivos para a expansão e consolidação do mesmo. “Em 20 de novembro de 2002, foi realizado o lançamento do livro *Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão*, organizado por Paulo Rennes Marçal Ribeiro”, sendo esse o primeiro impresso a ser publicado pelo grupo (Bedin, 2016, p. 53).

No ano de 2003 foi realizado a Feira de Sexualidade *Pensando Naquilo...* em parceria com alguns órgãos da cidade de Araraquara, ocasião em que

(. . .) foram desenvolvidas oficinas, apresentadas peças de teatro, realizados fóruns de discussão, atendendo centenas de adolescentes da rede de ensino de Araraquara em um evento que visava trabalhar com questões de sexualidade e gênero junto a adolescentes de Araraquara, promovendo reflexões e conscientizando sobre a importância da educação sexual. (Processo 02512/01/2006 – FCLCAr, folha 119) (Bedin, 2016, p. 53).

Nesse mesmo ano, houve também movimentação em prol da criação de um Grupo de Trabalho (GT) direcionado às temáticas que circundam a sexualidade no campo educacional durante a 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), na cidade de Poços de Caldas no ano de 2003, sendo entusiasmados pelo Prof. Dr. Paulo. O grupo de pesquisadores/as, docentes e estudantes ali presentes acataram a

ideia e se organizaram para as tarefas emergentes: recolher 500 (quinhentas) assinaturas necessárias a favor da criação do GT-23 Gênero, sexualidade e educação, inclusive a busca do apoio da conceituada Guacira Lopes Louro, da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), devido ao seu reconhecimento no campo educacional, sugerido por Cláudia Ribeiro. A proposta foi levada à Assembleia Geral do mesmo evento, ficando aprovado o Grupo de Estudos (GE) 23 Gênero, sexualidade e educação. “Para esclarecimento, os GTs na ANPED são criados inicialmente como GEs, e após dois anos de “estágio probatório” passam a GTs.” A coordenação ficou a cargo de Guacira Lopes Louro e Paulo Rennes Marçal Ribeiro como vice-coordenador [grifos do autor] (Ribeiro, 2016, p. 77).

No ano de 2004, aconteceu a I Reunião Científica, época em que houve o lançamento do livro “*O sexo na universidade: um estudo sobre a sexualidade e o comportamento sexual do adolescente universitário*, de Maria Cristina Zampieri e integrante do NUSEX.” Já a II Reunião Científica, realizada em março de 2005, houve o lançamento do “livro *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*, com capítulos escritos por vários de seus integrantes.” A III Reunião Científica ocorrida em dezembro de 2005 contou com a presença de pesquisadores participantes de grupos de pesquisas, docentes e discentes de várias instituições e locais do país, inclusive “a conferência inaugural, intitulada *Sexualidade humana e educação: considerações sobre a identidade brasileira*, foi proferida por Isaura Guimarães, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), uma pioneira da Educação Sexual” (Bedin, 2016, pp. 56-58).

Ribeiro (2016), revela que os encontros se iniciaram com um público pequeno, mas logo se ampliaram. No ano de 2005 aconteceu na cidade de Araraquara o I Simpósio “Paraná – São Paulo” de Sexualidade e Educação Sexual organizados por Paulo e Mary Neide. Porém, logo no ano seguinte em 2006, uniram-se a Sonia Maria Martins de Melo, representante da organização da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que abrangendo mais um estado passou a ser intitulado II Simpósio de Sexualidade e Educação Sexual “Paraná – São Paulo – Santa Catarina”. Nesse evento “se destacaram: o início da internacionalização do NUSEX, com a vinda da professora da Universidade de Lisboa, Maria Isabel Chagas; e uma homenagem à professora Isaura Guimarães, da UNICAMP” (Bedin, 2016, p. 66).

Além do movimento do grupo pela pesquisa e expansão, havia também a preocupação com a solidificação do NUSEX. Em 15 de abril de 2005, já como vice-diretor da Faculdade de Ciências e Letras, o Prof. Dr. Paulo enquanto coordenador do grupo requereu ao Departamento de Psicologia da Educação um laboratório que pudesse melhor colaborar para

o desenvolvimento das pesquisas. Somente após um ano e meio depois, em outubro de 2006 foi aprovado a criação do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação Sexual (LASEX), sendo que mais tarde em 2008, foi possível contar com a primeira secretária: Dulce Mazon. Futuramente integrou-se também ao laboratório o técnico José Luís Boldrin e o secretário Eduardo Jonas Nascimento (Ribeiro, 2016).

Afinados com a ação educativa, “em outubro de 2005, o NUSEX organizou a vinda da professora Sonia Melo da UDESC, para ministrar a disciplina Paradigmas de corporeidade e a formação dos profissionais de educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar (. . .)”, sendo a primeira professora de muitas/os que vieram posteriormente para contribuir ao Programa, como em 2007, recebendo “(. . .) a professora Mary Neide Figueiró, da Universidade Estadual de Londrina, para ministrar disciplina no PPGEduc, e também Ari Fernando Maia, da UNESP de Bauru, e Celia Regina Rossi, da UNESP de Rio Claro. E, em 2008, veio a professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia, também da UNESP de Bauru” (Bedin, 2016, pp. 64-68).

Para o ano de 2006 ainda têm-se os destaques para

(. . .) a participação no Projeto Rondon, Operação Amazônia, na cidade de Mazagão, no Amapá, em que o professor Rennes e a professora Celia Regina Rossi coordenaram o grupo da UNESP (. . .). Em seguida, a segunda edição da Feira de Sexualidade, de 30 de maio a 02 de junho, e a realização da IV Reunião Científica do NUSEX, de 19 a 22 de setembro de 2006, com a participação da professora Maria Isabel Chagas, da Universidade de Lisboa (Processo 02512/01/2006 – FCL CAR, folhas 119-120) (Idem, 2016, p. 66).

Em dezembro de 2006 no Instituto de Biociências em Rio Claro, sendo o NUSEX recepcionado pelo Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Sexualidades (GESEX), foi realizado o I Fórum de Pesquisadores da UNESP da área da Sexualidade e Educação Sexual, para tratar de assuntos relacionados “a necessidade de integração dos pesquisadores e efetivação de reuniões anuais do Fórum e a criação de um Programa de Pós-graduação em Educação Sexual”.

Ainda neste mesmo ano, Ribeiro (2016) conta que recebeu apoio das professoras Sueli Itman Monteiro, Luci Regina Muzzeti e Ana Cláudia Bortolozzi Maia e conseguiram criar no Programa de Educação Escolar a Linha de Pesquisa “Sexualidade, cultura e educação sexual”, tornando essa conquista um **marco** para a consolidação da temática na instituição e

no país. Bedin (2016, p. 68), revela que “no Processo em análise, consta também que, entre sua criação, em 2000, e o ano de 2006, o NUSEX subsidiou a defesa de 9 dissertações de mestrado e uma tese de doutorado” [grifos nossos].

Já em novembro de 2007, o NUSEX organizou o II Fórum de Pesquisadores da UNESP no campo da Sexualidade e da Educação Sexual na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, com o intuito de dar vida ao processo de criação do PPGEdSex, dialogando sobre a construção do Programa, ou seja, “seu regulamento, quais as linhas de pesquisa e disciplinas a serem oferecidas” (Ribeiro, 2016, pp. 85-86).

Percebendo o fortalecimento do grupo, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Mary Neide Damico Figueiró e Sonia Maria Martins de Melo, enquanto organizadores deram um passo significativo para o crescimento do Grupo de Pesquisa: a transformação dos simpósios em congresso, passando o evento a ser o “I Congresso Brasileiro de Educação Sexual”, sendo realizado no ano de 2008 na cidade de Araraquara. Segundo Ribeiro (2016), o congresso contou com a presença de Luiz Roberto de Barros Mott, da Universidade Federal da Bahia e ainda três pessoas vindas do exterior: Maria Isabel Chagas, Universidade de Lisboa, Portugal, Maria Filomena Teixeira, da Escola Superior de Educação da cidade de Coimbra, Portugal e Eládio Sebastian Heredero, da Universidade de Alcalá, na Espanha; além de conferencistas renomados de todo Brasil.

Em 2008 foi aprovado um auxílio financeiro para o NUSEX. Com esse recurso foi possível realizar a compra de alguns equipamentos para o LASEX, além de investir na internacionalização e custeamento das viagens dos docentes [específicos para fins acadêmicos], firmando assim convênios com as universidades de Portugal, Espanha e Argentina. Desse modo a área da sexualidade foi se desenvolvendo e os trabalhos se intensificaram consideravelmente.

Segundo Ribeiro (2016, p. 86), foram encaminhadas três propostas que visavam a criação de um PPGEdSex entre os anos 2009 a 2011, sendo as duas primeiras já negadas “na própria Pró-Reitoria de Pós-graduação da UNESP, que considerava que a criação de mais um Programa em Educação seria prejudicial para o já existente PPG em Educação Escolar”.

O primeiro pedido formal de uma proposta de um curso novo para o PPGEdSex foi no ano de 2009, e como já mencionado anteriormente, o mesmo foi recusado. No entanto, antes mesmo da decisão final, o coordenador recorreu a Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG) apresentando um recurso argumentativo sobre a avaliação proposta, alegando que haviam sugestões para readequações e não a desqualificação do projeto. Outro motivo apresentado para o indeferimento seria de que o campo da sexualidade e Educação Sexual é

multidisciplinar, e assim deveria compor um Programa de Educação de modo amplo e não a um Programa específico, singular (Bedin, 2016).

Além dessas questões existiam outros impedimentos de “caráter estrutural, em que as áreas de concentração e as linhas de pesquisa não são descritas de forma clara. E também havia falta de informações mais detalhadas na estrutura curricular e na vinculação dos projetos de pesquisa às linhas e à própria produção docente”. No entanto a mesma continuou a ser negada pela Comissão Central de Pós-Graduação (CCPG) (Bedin, 2016, p.73).

Para uma segunda tentativa, em junho de 2009 o Prof^o Dr. Paulo novamente encaminhou uma proposta à CCPG readequando às solicitações anteriores. Ao mesmo tempo, faz uma crítica a opinião do parecerista sobre a relevância de um Programa específico no campo da sexualidade, sendo observado no trecho do Processo 00109/02/2009 – FCL/CAR, folha 531 citado por Bedin (2016, p. 75):

(. . .) muitos de nós pareceristas do CNPq, CAPES, FAPESP, ANPED e Ministério da Educação, com vínculos e intercâmbios com os mais dedicados técnicos e pesquisadores da área existentes no país, não concordamos com a alegação que o campo da Sexualidade e da Educação Sexual deva fazer parte de um campo geral e mais abrangente, como já nos foi sugerido, ou seja, um campo que faça parte de um Programa de Educação ou Psicologia, por exemplo. Quem pensa assim está na contramão da História e não conhece o que pensa a maior parte dos estudiosos da área. A própria ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em educação tem um GT, o GT – 23, denominado “Gênero, sexualidade e educação”. E os programas de pós “gerais e abrangentes” não querem ou não se sentem à vontade dando tanta visibilidade e investindo em uma área tão específica quanto causadora de receios e eliciadora de preconceitos”.

Perseverantes em inserir a temática da sexualidade de modo formal e institucional a nível *Stricto Sensu*, uma terceira proposta amadurecida foi enviada em julho de 2010 à CCPG. Visando um Programa que não estivesse em concorrência com o PPGEdEsc, pensou-se na “criação de um Curso de Mestrado em Educação Sexual na modalidade **Profissional** dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar (. . .)” [grifos nossos] (Ribeiro, 2016, p. 86).

No entanto novamente o pedido foi indeferido. Dessa vez o Controle Acadêmico da Pós-Graduação (CAPG), nega a aprovação fundamentando-se em aspectos já avaliados

anteriormente como favoráveis. A recusa ao surgimento do novo Programa aparentou estar mais ligada às dificuldades relacionadas a ordens políticas e ideológicas, do que a própria inadequação revelada nas análises, uma vez que os pareceres se apresentavam contraditórios; ora eram desatentos, ora desconsideravam a importância de um Programa de Pós-Graduação próprio na área da sexualidade, entre outras situações que tornavam as explicações incoerentes.

Os estudos de Bedin (2016), evidenciam que “este parecer levou a CCPG a emitir, em 14/09/2010, um parecer conclusivo se opondo à criação do Curso de Mestrado em Educação Sexual (Parecer 233/10 CCPG)”. Entretanto, o Prof^o Dr. Paulo não se rendeu a esse desfecho, e na tentativa de reverter a situação, encaminhou uma resposta à CCPG argumentando e justificando a análise realizada pelo parecerista, considerando-a equivocada especificamente sobre os quesitos: o baixo número de docentes permanentes; não há núcleos de sustentação em unidade sede; baixa densidade acadêmica para dar sustentação ao mestrado profissional; não há na proposta elementos que caracterizem a sua natureza como mestrado profissional. As colocações do coordenador abrilhantaram os pontos negativos da apreciação, contrariando o que ali estava posto, e ainda se colocou à disposição para atender possíveis melhorias a serem realizadas na proposta (p.77).

Dada situação, a PROPG considerou necessário tratar do assunto pessoalmente, marcando uma reunião com o Prof^o Dr. Paulo e os professores membros da CAPG, ocasião em que houve o reconhecimento de que existiam incongruências no parecer anterior. Dessa forma, foi emitido um novo parecer favorável à criação do Curso de Mestrado em Educação Sexual no ano de 2010 e seu encaminhamento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Em 2011 foi encaminhada ao mesmo a documentação para avaliação.

No início do ano de **2012** a CAPES **aprovou a criação do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual na modalidade Profissional como um Programa próprio**, causando um misto de emoções, já que após incansáveis trâmites burocráticos e os desarranjos ideológicos, questões políticas de cunho administrativo, entre outros desafios, faziam a todos acreditarem que esse dia estava ainda longe de chegar. Com a certeza de ter cumprido uma longa caminhada, a primeira turma se inicia no ano de 2013, sendo que em 2015 já haviam mestres e mestras em Educação Sexual no país. A primeira discente a defender sua dissertação foi Fabiana Prenhaça Giacometti, em 02 de julho de 2015 sob a orientação da Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão [grifos nossos] (Ribeiro, 2016).

Os eventos, as produções bibliográficas e o corpo docente arquitetado pelo NUSEX formaram a base que ofereceu sustentabilidade à proposta de criação e ao novo curso que ali no ano de 2012 emergia: o **primeiro mestrado em educação sexual do Brasil e América Latina**. Sobre o NUSEX, as pesquisas, eventos [inclusive os não citados], trabalhos, ações educativas os laços internacionais, entre outras atividades, continuaram a acontecer e a se intensificar, reconhecendo o grupo como primordial para o entendimento e para a construção do saber sexual, especialmente do país.

Em entrevista concedida ao Jornal Online Estadão³ no dia 07 de maio de 2012, o coordenador do curso expressou sobre o Programa na categoria Profissional:

diferentemente do mestrado acadêmico, voltado somente à pesquisa, nossa modalidade valoriza a experiência e a prática diária dos alunos, permitindo, inclusive, que a dissertação (trabalho de conclusão) seja elaborada a partir da atuação profissional (Ribeiro, 2012, s/p.).

De natureza igual, existe a necessidade dos profissionais em ter oportunidade de acesso a um curso nível mestrado que possa dispor de conhecimento científico acerca da temática, no qual suas dúvidas, medos e anseios poderão ser discutidos, refletidos e ressignificados. Tal aprendizagem contribuirá de forma assertiva para sua formação inicial e/ou continuada, para lidar com diferentes manifestações da sexualidade em seu cotidiano, seja no âmbito escolar, saúde e/ou necessidades pessoais.

Ficou evidente que caso não houvesse o comprometimento de um trabalho sólido como o do NUSEX, persistência, determinação e coragem, especialmente do Prof^o Paulo, da criação de um Mestrado com a proposta de um trabalho em Educação Sexual, hoje muitas pesquisas e projetos na área não poderiam ter sido realizados, ocorrendo ainda mais retrocessos na educação e nas relações humanas, visto que existem ainda muitas lacunas no âmbito educacional, especialmente quando se verificam os currículos dos cursos de formação, seja inicial ou continuada.

Cabe ressaltar ainda que aumentar a produção desses conteúdos favorecerá também outros grupos de pesquisa do país e, conseqüentemente, a todos que quiserem se beneficiar do conhecimento, destacando-se como questões relevantes e sobretudo integrantes de um contexto social.

No *site*⁴ da Unesp/FCLAR-Araraquara, pode-se encontrar alguns dados. O Programa conta hoje com a Coordenação da Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão e Vice-Coordenadora, Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti, o Programa foi “reconhecido pela Portaria Ministerial nº 601, de 09/07/2013, publicada no D.O.U. de 10/07/2013”. Sobre quesitos avaliativos, “no último quadriênio (2013-2016), obteve a nota 4 da CAPES” (2021, s/p.).

Sobre as determinações do PPGEdSex, visam contribuir para:

I – Desenvolver estudos a nível de pesquisa e extensão à comunidade no campo da sexualidade e da educação sexual visando contribuir para a formação de profissionais das áreas de Educação e Saúde do Brasil e do exterior;

II - Aperfeiçoamento da qualidade dos setores sociais da administração pública nas áreas de Educação e Saúde;

III – Capacitar recursos humanos vinculados ou com possibilidades de vinculação nos serviços públicos de educação e saúde, universidades e faculdades, em questões de sexualidade e educação sexual, considerando o que preconiza a própria Portaria Normativa nº 17 do Mestrado Profissional, sobre “a necessidade de estimular a formação de mestres profissionais habilitados para desenvolver atividades e trabalhos técnico-científicos em temas de interesse público;

IV - Conferir o grau de Mestre em Educação Sexual, modalidade Mestrado Profissional (2021, s/p.).

Ainda em tempo, sobre a entrevista concedida ao jornal online Estadão, em outro trecho o Prof^o Dr. Paulo, coordenador em exercício na época, afirma que “é esperado que o resultado das pesquisas inclua o estudo de práticas pedagógicas, metodologia de ensino e criação de técnicas e material didático para o campo da sexualidade e da educação sexual” (2012, s/p.). Concomitante a essa ideia, a presente pesquisa considera um dos objetivos a saber a identificação dos recursos e ferramentas didáticas como resultado do Programa, que buscou mapear e discutir como tem sido as produções acadêmicas do referido Mestrado.

Em outra entrevista concedida intitulada *entrevista educação para a sexualidade*, da Revista Diversidade e Educação (2017), o Prof^o Dr. Paulo foi convidado a dialogar sobre a

³ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,unesp-cria-1-mestrado-em-educacao-sexual-do-brasil-imp-,869621>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

⁴ Disponível em: <<https://www.fclar.unesp.br/#!/pos-educacaoosexual>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

relevância do Programa, por ser o único no Brasil e também a respeito da magnitude da temática e sua consolidação para a área acadêmica e científica; ocasião em que expressou:

Penso que a criação de um Mestrado em Educação Sexual, com uma denominação específica, sem “camuflagens”, sem medo de “mostrar a cara” foi importante para dar identidade à Educação Sexual. (. . .) Mas, além dessa questão de identidade, um Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual preenche uma lacuna existente há vinte anos, desde o surgimento dos PCNs, em 1997. Nós da área de Educação perdemos o bonde da história, ignoramos a oportunidade surgida com os PCNs e os temas transversais, e nada fizemos para o desenvolvimento e implantação de cursos para a formação de professores em educação sexual. Hoje, pagamos o preço. Tenho certeza que se o primeiro Mestrado em Educação Sexual tivesse surgido logo após os PCNs, no seu bojo surgiriam outros mestrados e cursos de especialização que teriam formado muito mais professores. Vinte anos é um tempo consideravelmente suficiente para termos muitas mentes favoráveis à Educação Sexual (Ribeiro, 2017, pp. 14-15).

É mesmo lamentável, depois de tantos anos, ainda se deparar com a situação em que o Brasil se encontra, sobretudo na educação. No entanto, o Programa tem crescido e alavancado pessoas e pesquisas, sensibilizando para o desenvolvimento da temática no país. Apesar de se ter perdido um momento precioso e propício à institucionalização da Educação Sexual, hoje existe a possibilidade de caminhar, mesmo, por vezes, nas entrelinhas, mas sem “camuflagens” como diz Ribeiro (2017), e mostrar a própria identidade, mesmo que em desencontro aos tantos retrocessos sociais.

Todavia, ao lançar olhar sobre o compromisso político e filosófico do Programa, nos deparamos com as dimensões técnicas, estética, política e ética a serem trabalhadas na Educação sexual. Para entender como essas são desenvolvidas dentro do curso, Silva (2015), destaca que uma educação técnica é aquela advinda “de uma preparação formal, sistematizada e científica quanto à formação continuada na área, fortalecendo assim o domínio nos conteúdos básicos de sexualidade e Educação Sexual (. . .)”. Já a dimensão estética oportuniza “perceber/sentir/compreender a passagem de uma sexualidade “vulgar” para uma sexualidade compreendida e vivida de forma positiva através de sua beleza, sem preconceitos e tabus. Na dimensão política, objetiva-se enaltecer o “compromisso quanto à participação ativa frente à luta na construção de uma Educação Sexual emancipada” (p. 42).

Desse modo, a identidade do Programa se revela por meio do respeito, compromisso e seriedade com a temática no desenvolvimento de tais dimensões, assim como as próprias determinações do curso, reconhecendo o indivíduo como cidadãos resultantes de diversas experiências, culturas, credos e tantos outros modos únicos e singulares de ser e existir, levando o ser humano a experienciar a própria essência como liberdade, tornando-se essas, ações benéficas incalculáveis a vida, gerando resultados positivos em relação a qualidade de suas vivências.

JUSTIFICATIVA

O Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista – Unesp/Araraquara foi escolhido por ser o único atualmente no Brasil a trabalhar especificamente a Educação Sexual.

A partir do mapeamento, agrupamento e discussão, em um único documento das pesquisas produzidas no Programa de Mestrado entre os anos de 2013 a 2019 disponíveis no banco de dados da Unesp, pensou-se na elaboração deste estudo a fim de viabilizar pesquisas futuras a terem acesso rápido a esses trabalhos, servindo de subsídio; tomando também este como ferramenta de divulgação e expansão no meio científico, oportunizando conhecer algumas temáticas da sexualidade, possibilidades de trabalho e intervenções. Além disso, tem-se, neste estudo, uma representação do quadro atual das Dissertações do Programa até o ano de 2019.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Mapear e sistematizar as Dissertações defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual disponíveis no banco de dados da Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara (UNESP), no período compreendido entre 2013 a 2019.

Objetivos Específicos:

- Categorizar as Dissertações por áreas e/ou eixos temáticos;
- Identificar os métodos (ferramentas) de estudo mais utilizados;
- Elencar as produções defendidas, de modo que, seu levantamento contribua para pesquisas futuras e fortalecimento na área.

5 MÉTODO

5.1 Tipo de Pesquisa

Pelo viés da construção coletiva do conhecimento, a pesquisa científica aqui defendida corrobora a ideia de Mazotti (2001) ao afirmar que essa não pode ser uma questão minimizada, uma vez que é uma sequência de “produção de conhecimentos "transferíveis", isto é, conhecimentos que possam ser aplicados a outras realidades, não apenas contribui para a acumulação do conhecimento, mas também favorece a divulgação das pesquisas” [grifos do autor] (s/p.), tornando-se um ato necessário para uma construção em conjunto, favorecendo a amplitude sobre ela, assim como neste trabalho, ao considerar os estudos já realizados como somatória de valor a este.

Atrelado a esse pensamento, optou-se pela pesquisa denominada “estado da arte”, a qual Ferreira (2002) afirma ser de caráter bibliográfico trazendo

o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas (. . .). Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (s/p.).

Desse modo, os escritos de Ferreira (2002) traduzem para que existam dois momentos em que se configuram as pesquisas do estado da arte, sendo o primeiro quando se “interage com a produção acadêmica através da quantificação e de identificação de dados bibliográficos” (s/p.). Assim, nesse momento, foram definidas as estratégias para a obtenção dos materiais a serem analisados, em que se optou pelo banco de dados de Dissertações do PPG em Educação Sexual-Unesp/Campus Araraquara-SP.

O segundo momento, como Ferreira, (2002) propõe, o pesquisador deve buscar responder além das perguntas "quando", "onde" e "quem" produz pesquisas num determinado período e lugar, àquelas questões que se referem a "o quê" e "o como" dos trabalhos” [grifos

do autor] (s/p.). Assim, debruçamos sobre os semelhantes problemas de investigação, os quais vêm sendo discutidos há tempos, tentando encontrar meios para resolvê-los.

5.2 Objeto de análise

Entendendo a infinidade de propostas para se trabalhar a temática, a busca pelas Dissertações do Programa de Mestrado em Educação Sexual ocorreu no período de 2013 a 2019, do início da criação do Programa até a data limite para coleta de dados para este estudo. Todas as Dissertações foram lidas na íntegra a fim de não haver limitações, possibilitando maior interação com os assuntos abordados em cada pesquisa.

5.3 Procedimento

Foram mapeadas ao todo 65 (sessenta e cinco) Dissertações dispostas no banco de dados, das quais, após serem revisadas e organizadas, foram selecionadas 56 (cinquenta e seis) para análise. Cabe destacar que alguns trabalhos não estavam completos, apresentando apenas o resumo, enquanto outros haviam ressalvas quanto à sua publicação total (exigência do/a autor/a), sendo por esses motivos não selecionados.

Mazotti (2001) afirma que “a produção do conhecimento científico constitui um processo de construção coletiva” (s/p.). Orientando, assim, quanto ao conhecimento do problema, destaca-se que esse provavelmente não se originou com tal investigação e provavelmente não acabará com ela, o que reforça a necessidade da continuidade em solucionar questões que ainda precisam ser exploradas, debatidas, difundidas, esclarecidas e investigadas.

Assim, as 56 (cinquenta e seis) Dissertações elencadas, foram lidas e ordenadas em quadros por ano de publicação contendo informações como título, autor, orientador, ano de publicação, eixo principal e categoria temática, sendo posteriormente acompanhados por uma síntese de cada produção.

5.4 Análise dos Dados

Optou-se pelo método “análise de conteúdo”, sendo esse descrito por Bardin (1997, p.42), como

(. . .) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter (por procedimentos) sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Da mesma forma, fica evidente a existência de um campo linguístico e, por outro lado, da interpretação dos códigos, sendo possível que

(. . .) pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo, todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que embora parciais, são complementares (Bardin, 1997, p. 42).

Assim, compreende-se que o conjunto de técnicas que Bardin (1977) cita, tem por objetivo a “busca do sentido ou dos sentidos de um documento” (s/p.). Para este estudo, a busca do sentido atrelado à intencionalidade da Educação Sexual reflete-se no porquê de se trabalhar a temática, contextualizando, assim, a sua importância no cotidiano de cada um, tornando-se um ato contínuo que agrega cada vez mais significado, considerando o contexto histórico e social em que o indivíduo se insere, transforma e ressignifica.

Segundo o autor, para utilizar a metodologia análise de conteúdo é necessário considerar três etapas a serem seguidas a fim de promover fidedignidade ao método, sendo elas: primeira fase de pré-exploração, a qual se deu pelas leituras das Dissertações. A segunda fase é da seleção das unidades de análise, em que essas foram organizadas e categorizadas de modo qualitativo.

Para a terceira etapa, tem-se o processo de categorização, em que buscou orientar-se pelas problematizações. Bardin (2011) transparece que “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e em seguida por reagrupamento” (p.147).

A partir da leitura prévia das Dissertações foi possível compreender a predominância de cada um dos trabalhos à um determinado campo do saber. Dessa percepção, nasceu a necessidade da criação de 05 (cinco) categorias temáticas para classificação e agrupamento das produções de modo que pudessem corresponder ao eixo temático, sendo posteriormente

apresentado ao leitor indicadores textuais que evidenciem o pertencimento à categoria. Os eixos são: TEMA 01: Olhares Pedagógicos; TEMA 02: Olhares Psicológicos; TEMA 03: Olhares Sociais e Culturais; TEMA 04: Olhares para a Saúde e TEMA 05: Olhares Históricos.

No que se refere ao eixo *Olhares Pedagógicos* (TEMA 01), percebeu-se que as Dissertações se direcionavam a um aspecto educacional propriamente dito, a um trabalho de Educação Sexual escolar ou em outras instituições que não necessariamente na escola, mas que houvessem uma finalidade pedagógica. Já *Olhares Psicológicos* (TEMA 02), foi definido principalmente pelos métodos e técnicas com bases na Psicologia, ou seja, por meio da visão do objeto de estudo a partir da vertente Psicológica. Para *Olhares Sociais e Culturais* (TEMA 03), as pesquisas categorizadas em sua maioria, abordam temas envolvendo para além da sexualidade, campos em que se manifestam a cultura e/ou envolvem discussões em torno da sociedade. Em *Olhares para a Saúde* (TEMA 04), foram consideradas as produções que abordaram conceitos entorno da saúde e sexualidade. Por fim, no eixo *Olhares Históricos* (TEMA 05), foram elencados estudos em que recorrem ao arcabouço histórico na maior parte da pesquisa.

Essas, serão organizadas na seção 7 *Conversando Com As Categorias*, sendo exploradas a fim de produzir significado aos dados coletados, considerando o lugar de destaque que a Educação Sexual ocupa em suas diversas nuances. É preciso alertar que algumas Dissertações transitaram entre duas categorias, devido a união de dois campos; ou seja, um tema preponderou mas houveram traços significativos de outros, sendo esses necessários a se considerar. Todavia, as 05 (cinco) categorias temáticas serão discutidas na seção sete à fim de tecer pontuações ao/à leitor/a no intuito de contextualizá-lo/lá por meio de elementos que possam ajuda-lo/lá a compreender os resultados deste estudo.

6 MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS (2013-2019)

Em sua totalidade, foram encontrados, no banco de dados da Unesp, 65 (sessenta e cinco) Dissertações no período de 2013 a 2019⁵. Dessas, foram selecionadas 56 (cinquenta e seis) para estudo, sendo 18 (dezoito) no ano de 2015, 06 (seis) em 2016, 15 (quinze) em 2017, 14 (quatorze) para 2018 e 03 (três) para 2019. Os outros 08 (oito), não foram elencados por estarem incompletos, dificultando uma análise mais aprofundada, apresentando-se em versões com ressalvas a pedido do/a autor/a ou apenas em resumos.

As Dissertações aqui em evidência perpassam diferentes áreas da sexualidade, oportunizando familiarizar-se com suas diversas nuances, assim como também apresentam intervenções e ações que possibilitam refletir sob a ótica de trabalhos usuais que podem ser desenvolvidos em uma gama de ambientes, como será apresentado posteriormente, visando proporcionar o bem comum e o enfrentamento das adversidades relacionadas à sexualidade, ainda vistas com dificuldades.

6.1 As produções de 2013 a 2015

A seguir, apresentamos o quadro síntese das produções acadêmicas mapeadas no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual no ano de 2013 a 2015, seguido de um resumo de cada uma delas:

Quadro 1: As produções acadêmico-científicas em Programa de Pós-Graduação (2015)

1. TÍTULO	A Educação Sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores
AUTORA	Adriana Rodrigues Zocca
ORIENTADOR	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Entender qual o pensamento dos gestores acerca da Educação Sexual no âmbito escolar, bem como apontar dificuldades para a efetivação e os desafios que emergem ao colocar em prática tais teorias.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
2. TÍTULO	O que os homens têm a dizer sobre as mulheres? Os novos posicionamentos de jovens do gênero masculino frente às transformações femininas nas relações afetivas: uma leitura sob a

⁵ Vale frisar que a primeira turma do Programa de Educação Sexual ingressou no ano de 2013; assim, as primeiras produções surgem 02 (dois) anos depois após as primeiras Defesas, em 2015.

	ótica da Psicologia Analítica
AUTORA	Alessandra Munhoz Lazdan
ORIENTADOR	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Resgatar a identidade masculina ao longo da história verificando a relação apresentada entre os jovens e a geração passada, a fim de compreender como se configuram as novas perspectivas de relacionamento afetivo com mulheres sob a perspectiva do gênero masculino.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 02: olhares psicológicos e/ou olhares para saúde
3. TÍTULO	Homossexualidade e velhice: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos
AUTOR	Alex Eduardo Lemos
ORIENTADOR	Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Consistiu em verificar as perspectivas das pessoas idosas diante das vivências da homossexualidade por meio da entrevista de 04 (quatro) pessoas da terceira idade em uma cidade do interior do estado de São Paulo.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais
4. TÍTULO	Vozes masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz
AUTORA	Ana Márcia de Oliveira Carvalho
ORIENTADORA	Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Compreender como são vistos e as dificuldades vivenciadas no âmbito escolar por homens atuantes na Educação Infantil.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 02: olhares psicológicos e/ou olhares para saúde
5. TÍTULO	O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “em seu lugar”
AUTORA	Anne Kariny Rocha
ORIENTADORA	Profa. Dra. Ana Claudia Bortolozzi Maia
ANO	2015
EIXO	Análise do jogo “em seu lugar”, descrição das regras, verificando os conteúdos das histórias e seu contexto geral.

PRINCIPAL	
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
6. TÍTULO	Educação Sexual, Saúde e Sexualidade: (re) significando as relações entre pais e filhos.
AUTORA	Andréia Serrano Cayres Rapatão
ORIENTADORA	Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Resignificar as relações entre a família e educandos, no tocante ao processo de constituição da Educação Sexual, saúde e da sexualidade.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
7. TÍTULO	Formação inicial e concepções de assistentes sociais do interior do Rio Grande do Norte sobre a sexualidade da pessoa idosa
AUTORA	Carla Bessa da Silva
ORIENTADORA	Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Investigar as percepções das/os assistentes sociais do município de Pau dos Ferros/RN sobre Educação Sexual, sexualidade e formação inicial, para identificar como esses profissionais compreendem e lidam com a sexualidade da pessoa idosa.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 03: olhares sociais e culturais
8. TÍTULO	Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa
AUTORA	Daniela Arroyo Fávero Moreira
ORIENTADORA	Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Entender a sexualidade infantil nas relações de gênero por meio das representações dos familiares, da professora e atividades lúdicas desenvolvidas junto às crianças de uma sala do 1º ano do Ensino Fundamental.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
9. TÍTULO	Análise descritiva da construção histórico-social do olhar da Psicologia sobre a homossexualidade a partir de produções do Portal de Periódicos PEPSIC: um estudo bibliográfico
AUTOR	Daniel Cordeiro Cardoso

ORIENTADORA	Profa. Dra. Fátima Elisabeth Denari
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Averiguar como a Psicologia compreende a homossexualidade na contemporaneidade por meio da revisão bibliográfica de estudos acadêmicos.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 02: olhares psicológicos e/ou olhares para saúde TEMA 05: olhares historicistas
10. TÍTULO	Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental
AUTORA	Débora Brandão Bertolini
ORIENTADORA	Profa. Dra. Fátima Elisabeth Denari
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Investigar vinte jovens entre 11 (onze) a 13 (treze) anos de idade do sexo feminino e masculino a fim de saber como veem e vivenciam a sua sexualidade.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
11. TÍTULO	Contos de fadas no ensino fundamental I: analisando os recursos empregados e as estratégias que podem ser adotadas pelas/os docentes na desconstrução de estereótipos sexistas.
AUTORA	Érica Rodrigues do Nascimento Augustini
ORIENTADORA	Prof. Dr ^a . Célia Regina Rossi.
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Análise de recursos e estratégias empregados que podem ser adotados pelas/os docentes na desconstrução de estereótipos sexistas presentes nos Contos de Fadas no Ensino Fundamental I.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
12. TÍTULO	A identidade, o costume e o direito da decisão: um estudo sobre o uso e o desuso do sobrenome do marido
AUTORA	Fabiana Aparecida Prenhaca Giacometti
ORIENTADORA	Prof ^a Dr ^a Andreza Marques de Castro Leão
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Usar ou não o sobrenome do cônjuge é ainda hoje um assunto sem diálogo. Nesse ínterim, por meio da entrevista de 20 (vinte) mulheres, investigou sobre as motivações que as levaram a incluir o nome do parceiro ao se casarem.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais TEMA 05: olhares historicistas

13. TÍTULO	Ser menino e menina, professor e professora na educação infantil: um entrelaçamento de vozes
AUTORA	Fernanda Ferrari Ruis
ORIENTADORA	Profª Drª. Marcia Cristina Argenti Perez
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Refletir como se dá a constituição dos gêneros no dia a dia da escola e o modo como é tratado as diferentes maneiras de ser menino/menina na Educação Infantil.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
14. TÍTULO	Sexualidade e deficiências: dando vozes aos adolescentes por meio de oficinas pedagógicas
AUTORA	Franciely Paliarin
ORIENTADORA	Profa . Dra . Fátima Elisabeth Denari
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Compreender como alguns alunos com Deficiência Intelectual de uma instituição especial, percebem e vivem a própria sexualidade.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 03: olhares sociais e culturais
15. TÍTULO	Cursos de formação em Educação Sexual que empregam as tecnologias digitais
AUTORA	Gabriella Rossetti Ferreira
ORIENTADORA	Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Interpretar a estrutura e os conteúdos dos cursos a distância que possuem alguns encontros presenciais, averiguando como é sua efetividade.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
16. TÍTULO	A transmissão da vida psíquica entre gerações: os aspectos determinantes do fazer-se herdeiro da violência sexual
AUTOR	Gustavo Rodrigues Salinas
ORIENTADOR	Prof. Dr. Luiz Antônio Calmon Nabuco Lastória
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Pela ótica da teoria psicanalítica, versa sobre as motivações que levam às crianças e adolescentes a vivenciarem a situação traumática de transmissão em que experienciaram seus pais, mesmo que elas não tenham sofrido abuso sexual.
CATEGORIA	TEMA 02: olhares psicológicos e/ou olhares para saúde

TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais
17. TÍTULO	Música e infância: compreendendo o significado da sexualidade através da Educação Musical
AUTORA	Karina Nonato Fernandes
ORIENTADOR	Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Entrevistou professores da Educação Infantil com o propósito de saber e reconhecer os “problemas” relacionados à sexualidade, evidenciando a música como ferramenta colaborativa no desenvolvimento humano, com destaque para experiências sonoras intrauterinas e na infância.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
18. TÍTULO	O jovem e o “ficar” à luz da teoria bourdiana
AUTORA	Natália Souza Nogueira
ORIENTADORA	Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti
ANO	2015
EIXO PRINCIPAL	Compreender a subjetividade nas relações afetivo-sexuais de 06 (seis) jovens, discentes do curso de Pedagogia de uma universidade no interior de São Paulo, por meio do método praxiológico de Pierre Bourdieu.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais

Fonte: Autora (2021)

A produção de Zocca (2015) intitulada *A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores*, enfatiza as análises através das construções históricas, destacando: aprende-se muito com o que não se fala. A autora afirma que “a sexualidade não é um conceito estático e imutável. Pelo contrário, sofre influências do tempo, do espaço e do movimento da sociedade” (p. 25).

Logo, sua pesquisa buscou compreender qual o pensamento dos gestores acerca da Educação Sexual no âmbito escolar, bem como apontar dificuldades para a efetivação e os desafios que emergem ao tentar colocar em prática tais teorias. Essa pesquisa foi realizada precisamente em um município da região Oeste do estado de São Paulo.

Sobre a pesquisa, nota-se que os gestores não se atentam aos termos Educação Sexual, sexo e sexualidade, usando algumas expressões do tipo “isso/aquilo” para se referir a tais termos. Ademais, percebe-se que os gestores ainda estão preocupados mais com o que

acontecerá quando estiverem se descobrindo do que com a maneira que estão se descobrindo. Assim, fica evidente que a relação biológica-afetiva é ignorada, reforçando mais uma vez a carência de uma abordagem consciente, comprometida e responsável.

É notável também, segundo Zocca (2015), que os gestores não sabem de fato o que abordar quando o assunto é sexualidade ou então o que engloba um programa de Educação Sexual. No momento da entrevista em que os assuntos são sobre doenças e gravidez, a maior parte dos gestores disseram que esses são os principais temas a serem abordados, evidenciando a predominância do caráter biológico. Entretanto, consideram necessário abordar a temática na escola e estão cientes de que precisam de formação para aplicá-la.

Na Dissertação intitulada: *o que os homens têm a dizer sobre as mulheres? Os novos posicionamentos de jovens do gênero masculino frente às transformações femininas nas relações afetivas: uma leitura sob a ótica da Psicologia Analítica*, de Lazdan (2015), traz reflexões de como as mudanças culturais relacionadas aos papéis de homens e mulheres têm transformado muitas relações. Com o objetivo de averiguar a perspectiva do gênero masculino sobre a forma de como agem homens e mulheres nas relações afetivas atuais, a autora resgatou a identidade masculina ao longo da história por meio de uma revisão literária, podendo verificar a relação apresentada pelos jovens aqui em análise, entre a geração passada e como se configuram as novas perspectivas de relacionamento afetivo com mulheres pela ótica da masculinidade.

Para o método, utilizou-se a pesquisa qualitativa no intuito de compreender os significados das vivências pessoais. Participaram do estudo: 05 (cinco) jovens universitários homens heterossexuais com idades dos 19 (dezenove) aos 22 (vinte e dois) anos. Para a coleta, foram realizadas entrevistas abertas semidirigidas, as quais foram gravadas e transcritas. O primeiro participante foi designado por indicação ao apresentar os requisitos necessários ao estudo, e assim sucessivamente. Na investigação foi utilizado o método análise de conteúdo, valendo-se da modalidade temática, classificando os resultados em categorias. Para interpretação dos dados obtidos apoiou-se especialmente na Psicologia Analítica de Jung, dentre outros teóricos.

Os aspectos que causam interesse sobre uma mulher foram evidenciados na entrevista como preferências gerais referentes à beleza, inteligência e simpatia; ainda, 02 (dois) deles afirmaram que o senso crítico e reflexivo, dentre outras características que sejam capazes de se distinguir do padrão, é um diferencial considerável no momento da escolha, pois chamam-lhes atenção. Nesse contexto, tem-se pelos últimos entrevistados a ideia do “novo homem”,

valendo-se pela ótica analítica junguiana, a busca pela diferenciação da persona social, ou seja, comportamentos expressos e repetidos como normativas sociais.

Quando indagados sobre quais condutas femininas incomodam os homens, predominou o excesso de exposição, vulgar, o uso de roupas curtas, falar alto e bebidas alcoólicas. Essas falas foram associadas pela autora a alguns autores que discutem tais pensamentos incomodados à ligação da imagem da mulher romântica, ligada aos instintos e prazeres, semelhante à mulher do passado. Além disso, verificou certa dificuldade nas relações afetivas em desencontro por parte dos rapazes, sendo esse fato visualizado como desconforto – na ausência de dominação - perante a crescente autonomia sexual feminina, visto como julgamento e afastamento masculino.

Em relação ao imaginário masculino, sobre o que as mulheres buscam, 03 (três) deles destacaram que num primeiro momento beleza e força, destacando para a virilidade masculina. Existe também a ideia, pela maioria da amostra, de que a iniciativa ao encontro ou das manifestações sexuais sejam esperadas por parte dos homens. No que tange à imagem do homem potente, ter controle, dinheiro, conforto, cavalheirismo etc., houve divisão nas respostas, alguns se posicionaram nos moldes de dominação, exercendo autoafirmação sobre o exercício do poder nas relações de gênero; já outros assumiram estarem de acordo com a flexibilização, tomando ideais próprios, sem a necessidade de reforço ou opressão para que aconteça a própria aceitação.

No que tange ao desenvolvimento da afetividade, ficou reconhecido por alguns que existem mudanças significativas por parte do gênero masculino, já outros reconheceram semelhança entre os gêneros na forma de lidar com os sentimentos. Em sequência, tratando dos modelos parentais, com o intuito de conhecer os valores herdados e repassados de pai para filho, a amostra apontou que os jovens pertencentes a essa relação “se mostraram mais dispostos para as vivências afetivas e outras disposições de relacionamento” (Lazdan, 2015, p. 74).

Sobre masculinidades e relacionamentos, revelou em sua maioria resistência a estabelecer vínculos afetivos com a mulher que é capaz de possuir autonomia sexual. Desse modo, as dificuldades na edificação da relação sobre a imagem da mulher erotizada fere a autoconfiança masculina por não ter dominação sobre ela, sendo mais fácil recuar do que lidar com o próprio sentimento. Ao questionar o nível de intimidade entre o gênero masculino, em linhas gerais revelou pouca conexão, e ainda, por vezes declaram trocar experiências por meio de contar vantagens, principalmente no campo afetivo-sexual.

Apesar de passos curtos, existem mudanças significativas, as quais foram evidenciadas neste estudo para expressões menos enrijecidas, que favorecem um diálogo favorável à construção do novo papel masculino, colocando o sistema patriarcal em declínio, o que gera maior abertura para igualdade.

Lemos (2015), em *homossexualidade e velhice: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos*, comunica os problemas sobre as crenças de que a terceira idade é limitada, dos quais acabam por reforçar regras sociais existentes freando muitas pessoas que estão adentrando nessa fase da vida, levando-as a pensar que estão em declínio, sejam nas suas atividades comuns ou sexuais.

O objetivo consistiu em verificar as perspectivas das pessoas idosas diante das vivências da homossexualidade. Para isso, o estudo de caráter exploratório aderiu a abordagem qualitativa. Dos participantes, 02 (duas) mulheres, uma divorciada e outra solteira, e 01 (um) homem divorciado, todos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos de idade, residentes em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Para coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, sendo posteriormente gravadas e transcritas. Os resultados obtidos foram apresentados através de relatos de histórias de vida, sendo as análises dessas organizadas por categorias de um único corpus.

No que tange à exploração da pesquisa, quando perguntado aos participantes sobre a definição de sexualidade, 02 (dois) responderam referir-se ao ato sexual e 01 (uma) fez menção ao ato sexual mas relacionou também o respeito, como, por exemplo, o fato de as pessoas aceitarem os outros como são, no entanto, de forma inconsciente. Desse modo, foi identificada dificuldade ao diferenciar os termos, compreendendo as possibilidades de apropriação individuais que permeiam o contexto social em que vivenciam.

É posto em evidência ao longo do texto a veracidade em que a sociedade tende a estigmatizar a fase da terceira idade em relação às experiências sexuais, corriqueiramente colocando os idosos em uma posição de assexuados. Contudo, pode-se perceber que a vivência dos participantes é diferente dos estereótipos citados anteriormente, revelando que 02 (dois) deles têm uma vida ativa, de forma intensa, e 01 (uma) vivencia sua sexualidade de modo mais ameno.

O autor chama atenção para os relatos que projetam uma expectativa de vida com perspectiva, uma vez que os três entrevistados saem para passear, frequentam paradas gays, dentre outras vivências em que experimentam, contrariando, assim, a heteronormatividade, a qual espera que nessas idades as pessoas fiquem cada vez mais dentro de casa e tenham

ocupações cada vez mais tranquilas, como ler jornal, trabalhos manuais, entre outros comportamentos socialmente já estabelecidos.

Sobre a história de vida, os 03 (três) entrevistados expressaram ter acontecido discriminação e dificuldade nos relacionamentos familiares. As duas mulheres relataram sofrer preconceito a todo lugar que vão. Nesse sentido, guiados foram questionados sobre a existência de relações afetivo-sexuais com parceiros do sexo oposto, obtendo resposta afirmativa de todos os participantes, em que manifestaram se sentirem oprimidos pela família, pela igreja e pela heteronormatividade social, sobretudo porque apresentavam interesses homossexuais desde muito cedo, não cabendo julgamento e sim acolhimento.

Na Dissertação intitulada *Vozes masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz*, Carvalho (2015), busca inicialmente compreender a história da educação brasileira, emergida entre 1500 a 1882.

Para a autora, infelizmente os conceitos preconceituosos perante à mulher se perpetuam até nos dias hoje. Porém, há um olhar rumo a desmistificação desses preconceitos, a fim de buscar a igualdade de gênero e emancipação da mulher e do homem, considerando-os como iguais, nascidos diferentes tão somente pelos genitais, e descobertos homens ou mulheres pelas condições e influencias sociais que receberam.

A pesquisa em si, foi realizada em um município no interior do Estado de São Paulo, onde participaram “homens que desenvolvem atividades pedagógicas e de apoio pedagógico, em centros de Educação Infantil ou pré-escolas.” (Carvalho, 2015, p. 69)

Após a análise minuciosa dos dados, a autora afirma que fica evidente os embates pelos entrevistados entre a dificuldade de ser um homem inserido na Educação Infantil e o prazer de trabalhar com crianças. Em todo discurso dos quatro entrevistados disseram sofrer ou que já sofreram algum tipo de preconceito principalmente por parte dos familiares das crianças por ser homem, revelando também a falta de apoio da escola para esses professores.

Outro fator que indica a dificuldade nas desconstruções de gênero, é o aspecto cultural sobre meninos e meninas, tanto por parte dos pais, como por parte da direção, da qual deveria já estar se ressignificando. Em outra vertente, temos a questão “abuso sexual”, da qual liga o homem ao agressor principal. Sabendo disso, muitas pessoas acreditam que o fato de ser um homem indo levar a criança ao banheiro por exemplo, ele pode cometer algum abuso por ser um momento de vulnerabilidade da criança.

Entretanto, a autora aponta que é imprescindível que a escola, equipe diretiva e todos os professores se unam para quebrar esses paradigmas, além de conversar abertamente com

os pais, cada um precisa refletir no seu íntimo sobre essas questões, já que dentro da própria escola os professores homens se sentem incomodados pela maneira que são vistos, e assim como as mulheres lutam por seus direitos, os homens enquanto atores de suas ações, querem buscar seu espaço nesse meio que se tornou historicamente feminino.

Na obra de Rocha (2015), *O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “em seu lugar”*, a autora faz um breve histórico da Educação Sexual no Brasil, salientando como foi surgindo esses movimentos. Além disso, aborda as diferenças entre sexo e sexualidade, exemplificando as variações dos termos designados para a Educação Sexual.

Para a intervenção, foi escolhido um jogo, pensando nas dificuldades encontradas no cotidiano escolar e no auxílio que este pode oferecer, tornando a aprendizagem mais dinâmica. Assim, propôs o jogo “em seu lugar”, descrevendo suas regras, verificando seu contexto geral e aplicando-o.

Esse jogo faz parte do Kit de prevenção intitulado “Prevenção Também se Ensina”, distribuído no ano de 2013 nas escolas estaduais de São Paulo. A autora descreve todo o jogo e seus objetivos. Para os resultados, considera-o bastante contraditório, uma vez que em vários trechos mostrou fortalecer estereótipos e por vezes romantizou o que deveria ser problematizado, reforçando assim para uma atenção e cuidado ao aplicar o material, adequando-o e analisando antes de iniciar o jogo com a turma, atentando-se também para a importância de se trabalhar de forma lúdica tais conceitos.

Em *Educação Sexual, saúde e sexualidade: (re)significando as relações entre pais e filhos*, escrita por Rapatão (2015), compreende a sexualidade como inerente ao ser humano e que essa está muito além da reprodução humana. Conforme salienta a autora, família é a primeira instituição em que se aprende sobre sexualidade, em que os valores culturais são repassados. Ao passar dos anos, os modelos de famílias vêm se diversificando. Essa variedade de modelos traz preconceitos aos modelos familiares considerados “tradicionais”, o que gera ainda muita polêmica.

É necessário que, independentemente da família em que o indivíduo esteja inserido, o diálogo sobre a sexualidade além da concepção da biologia prevaleça, visando a Educação Sexual e a relação familiar saudável e respeitosa, contribuindo para a formação moral e suas relações interpessoais.

Por meio dos dados analisados, fica implícita a necessidade da efetivação de uma educação intencional para a sexualidade. Certos do compromisso da escola com o

conhecimento científico, revela-se a falta de estratégias pertinentes na escola, dificultando esse processo.

Rapatão (2015) aponta para o apoio da família e ainda sugere que os pais devam abordar a temática; e que, por exemplo, as agentes de saúde, ao fazerem as visitas domiciliares, poderiam também fazer essas mediações que abordem a temática, enquanto na escola, já que se trabalha diretamente com alunos, as intervenções deveriam acontecer diretamente com eles e, assim, em momento oportuno, as três instituições poderiam se reunir, ficando então saúde x família x escola em um trabalho mais concreto e efetivo.

Silva (2015), em *Formação inicial e concepções de assistentes sociais do interior do Rio Grande do Norte sobre a sexualidade da pessoa idosa*, relata que rotineiramente os discursos morais a respeito dos idosos soam com reservas às funções de avó e avô, esquecendo que anterior a essa função existe uma pessoa com desejos e vontades, sejam elas sexuais ou não. No entanto, essa mesma parcela da população recebeu, ao longo dos anos, preconceito e aversão à sexualidade, dificultando o trabalho com essas pessoas.

Porém, iniciativas já existentes como políticas públicas e sociais, os programas e serviços voltados a esse público, têm contribuído nessa tarefa; destarte, a autora salienta a necessidade de buscar orientar por soluções que visem também a Educação Sexual para esses idosos, no intuito de colaborar para o entendimento das transformações e superação dos próprios tabus e dos preconceitos vivenciados.

A pesquisadora dispôs, ao longo do texto, pontos significativos para o entendimento da atual subjetividade do idoso, ou seja, como a pessoa idosa tem sido vista socialmente e os modos como ela tem se reconhecido. Ao longo do estudo foram tratados também: a conceituação dos termos sexo, sexualidade e Educação Sexual; o percurso histórico do Serviço Social; a relevância da formação inicial da/o assistente social, especificamente tratando-se da temática em questão e a importância do CRAS como espaço de mediação, local esse de Educação Sexual formal capaz de propiciar reflexões acerca da sexualidade da/o idosa/o por meio do debate e ressignificação pelas assistentes sociais.

O objetivo do estudo foi averiguar as percepções das/os assistentes sociais do município de Pau dos Ferros/RN sobre Educação Sexual, sexualidade e formação inicial, a fim de identificar como esses profissionais compreendem e lidam com a sexualidade da pessoa idosa.

A pesquisa configura-se de natureza qualitativa descritiva-interpretativa. O campo de estudo escolhido foi o CRAS da cidade de Pau dos Ferros no interior do Rio Grande do Norte (RN), sendo englobadas as três instituições do município. Sobre o CRAS,

(. . .) tem como público alvo distintas faixas etárias, incluindo desde crianças de 06 a 14 anos, adolescentes de 15 a 17 anos e idosos/os – o caso das/os idosos/os, o critério é ter idade cronológica de 60 anos ou mais de idade –, entre outros grupos que estejam em situações de risco e vulnerabilidade social de comunidades carentes (. . .)” (Silva, 2015, p. 32).

Participaram do estudo 06 (seis) assistentes sociais com formação, mulheres atuantes no CRAS com idosos em funções distintas, com idades entre 28 (vinte e oito) a 49 (quarenta e nove) anos. Sobre o perfil da amostra, 02 (duas) participantes realizam graduação presencial e 04 (quatro) em EAD, sendo 03 (três) delas com cargo na coordenação. As demais exercem a função de assistente social.

Para coleta de dados, com agendamento prévio, aplicou a entrevista semiestruturada na própria instituição em que estavam alocados os profissionais. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A análise de conteúdo – modalidade temática – foi o procedimento escolhido pela autora para interpretação dos dados. Nesse processo foram adotadas três categorias gerais, sendo elas: o tema da sexualidade na formação inicial; conhecimentos sobre os conceitos e atuação da/o assistente social diante da pessoa idosa, em que depoimentos das participantes trarão percepções próprias à luz.

No que tange à formação inicial, foi identificado que as assistentes sociais tiveram contato superficial com a temática, apesar de evidenciarem alguns momentos pontuais durante esse período. A autora revela também que algumas das participantes não souberam conceituar sexualidade e Educação Sexual; porém, é nítido para elas que a sexualidade é inerente ao ser humano e vai além do ato sexual.

Nesse sentido, evidencia-se também a necessidade de uma formação inicial no curso de Serviço Social especialmente voltada a Educação Sexual em que possa dar ênfase ao papel do/a assistente social, sobretudo atenção à sexualidade da pessoa idosa, para que possam estar preparadas/os para enfrentar os desafios corriqueiros, não delegando essa função a terceiros, como, por exemplo, a/o enfermeira/o do posto de saúde, como foi visto nas discussões.

Moreira (2015) em sua Dissertação *Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa*, faz a reflexão da possibilidade de se construir e desconstruir valores relacionados à sexualidade. Entre os objetivos, a autora destaca a compreensão da “sexualidade infantil nas relações de gênero, por meio das

representações dos familiares, da professora e atividades lúdicas desenvolvidas junto às crianças de uma sala do 1º ano do Ensino Fundamental” (p. 18).

Nessa pesquisa, se percebeu que, nessa faixa etária, as crianças ainda não são capazes de compreender e refletir sobre suas próprias respostas, uma vez que, no diálogo, mostraram serem flexíveis quanto às relações de gênero, por exemplo, e, no jogo que a pesquisadora propôs – em que era preciso classificar os brinquedos de meninos e meninas – faziam-no com visões dotadas de preconceitos enraizados culturalmente: basicamente, as percepções apresentadas pelas crianças eram de que boneca e casinha são coisas de meninas, assim como futebol é praticado apenas pelos meninos. Existe então uma dualidade de respostas, das quais elas apresentaram dificuldade em refletir.

A Dissertação intitulada *Análise Descritiva da Construção Histórico-Social da Psicologia sobre a homossexualidade a partir de produções do portal de periódicos PEPSIC: Um Estudo Bibliográfico*, de Cardoso (2015), apresenta um resgate histórico sobre a sexualidade e homossexualidade, considerando a perspectiva cultural dominante dicotômica, em que o sujeito é estigmatizado. Nessa perspectiva, ao considerar os embates emocionais vivenciados por homossexuais, o presente estudo pretende identificar “como a homossexualidade é vista/entendida em artigos e demais trabalhos da área da ciência psicológica (. . .)”, sendo isto o objeto geral da pesquisa: “saber como a psicologia científica vê atualmente a questão da homossexualidade” (p. 03).

Para realização da pesquisa, o método definido foi o estudo bibliográfico. O portal escolhido para a pesquisa foi o Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), com recorte temporal entre os anos 2007 a 2014. Investigou-se a partir dos títulos das produções e palavras-chave sobre o tema em análise e, posteriormente, fez-se a leitura de todos os trabalhos selecionados, aos quais somaram 64 (sessenta e quatro).

Para organização foram criadas categorias e separados os trabalhos por temas e eixos, em que foram relacionados autores, palavras-chave, tipos de estudo, dentre outros aspectos. Alguns estudos do primeiro eixo teórico chamaram atenção ao fato da existência do pensamento estigmatizado sobre a pessoa homossexual, considerando a homossexualidade como patologia.

Em destaque, em busca dos direitos – como casamento gay, adoção de filhos, igualdade, respeito, entre tantas outras reivindicações – alguns pesquisadores em psicologia social deixaram suas contribuições à luz da comunidade científica, corroborando para expansão e visibilidade sobre a temática. Com relação ao espaço escolar no que tange à

Educação Sexual, revelou dificuldades relacionadas aos modos culturais advindos da heteronormatividade e, ainda, preconceito e homofobia.

O autor expressa necessidade de mais pesquisas no campo da psicologia científica sobre homossexualidade, visto que, para além dos periódicos encontrados no portal, existem muitas pesquisas na área.

No trabalho intitulado *Sexualidade e adolescência: rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental* defendido por Bertolini (2015), como o próprio título já sugere, foi adotada, para investigação, a roda de conversa como metodologia, sendo aplicada em uma escola pública de São Paulo, possibilitando conhecer o que esses jovens pensam a respeito da temática por meio do diálogo, trocando informações e experiências, das quais evidenciaram vivências ocorridas na escola no tocante à sexualidade.

Bertolini (2015) relatou a necessidade de compreender como esses jovens pensam a respeito do sexo e sexualidade, sobre as doenças, como veem a si próprio e os outros, dentre vários aspectos que permeiam a temática, reforçando a ideia de que a Educação Sexual precisa ser efetivada na escola de modo a ouvir o que o aluno quer saber, sanando suas dúvidas e apontando para novas pesquisas, a fim de compreender melhor como se manifestam os jovens de outras faixas etárias e condições sociais diferenciadas.

Com a obra *Contos de fadas no Ensino Fundamental I: analisando os recursos empregados e as estratégias que podem ser adotadas pelas/os docentes na desconstrução de estereótipos sexistas*, Augustini (2015) analisa os contos de fadas atentando-se para o fato de que estão presentes há muito tempo na história como parte da cultura e, por vezes, estão também nos currículos; fato esse que a levou pesquisar quais as possibilidades de reflexão e visão dos/as docentes sobre as relações de gênero presentes nos contos.

De modo geral, para se trabalhar literatura, a autora afirma que os contos empregados em sala de aula são reproduzidos para ensinar a ler, escrever e interpretar de forma acrítica, quase que inconscientemente, partindo do pressuposto de que os alunos serão capazes de um dia se tornarem críticos leitores e escritores, ao terem contato com uma variedade textual maior. O problema é que se esquecem que esses livros podem oferecer muito mais que norma culta: podem fazê-los refletir sobre questões rotineiras, levando-os além dos muros da escola.

Ainda são apontadas que as diversas manifestações sexuais que emergem no contexto escolar, bem como na hora dos contos, são rotineiramente consideradas tempo perdido, pois além de gerar tumulto, é faísca para a indisciplina. Isso, por si só, denota que, muitas vezes, as falas das docentes não são totalmente condizentes e deixam transparecer, ao longo da

entrevista, que prevalece a vontade de se educar sexualmente, porém não sabem ao certo como fazer e por vezes acabam sufocando ao invés de libertar.

Giacometti (2015) em sua Dissertação *A identidade, o costume e o direito da decisão: um estudo sobre o uso e o desuso do sobrenome do marido*, considera que usar ou não o sobrenome do cônjuge é ainda hoje um assunto sem diálogo. A autora menciona “o direito da mulher para poder optar entre adicionar ou não o sobrenome do futuro marido foi promulgado em 1977 (art.50 da Lei 6.515/77). O sobrenome de uma pessoa demarca a sua identidade, se trata de um direito relacionado à decência humana (. . .)” (p. 12).

O método utilizado foi a pesquisa qualitativa de cunho descritiva. Como instrumento para a coleta de dados, foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas. Participaram 20 (vinte) mulheres voluntárias do convívio da pesquisadora, que oficializaram o matrimônio na cidade de Lençóis Paulista – SP, legalmente casadas após o ano de 1977, ano este em que foi sancionada a Lei do Divórcio, passando o uso do sobrenome do marido a ser uma escolha. A faixa etária das participantes é de 26 (vinte e seis) a 62 (sessenta e dois) anos de idade. A escolaridade varia entre Ensino Fundamental incompleto à Superior completo. Ainda em tempo, como critério de seleção, as participantes não precisariam estar casadas ainda, poderiam estar divorciadas.

O objetivo da investigação é compreender através das análises as motivações que levaram essas mulheres a incluir o nome do parceiro ao se casarem. Além disso, o “Novo Código Civil Brasileiro de 2002 (art. 1.565, &1º) prevê *a equidade nos direitos e nas opções entre os pares de casais*, ou seja, tanto a mulher quanto o homem têm o direito de adicionar ou não o sobrenome um pelo outro” [grifos do autor] (Giacometti, 2015, p. 72).

Para o método, foi utilizado a análise de conteúdo, sendo organizados em sete categorias:

1- Práticas e acontecimentos durante o pré-casamento, 2- As identidades das mulheres casadas, 3- A simbologia e o uso da aliança, 4- Percepções – por costume, por identidade ou por amor, 5-Posicionamentos - força da tradição e o direito de decisão, 6- Dos nomes dos filhos e possíveis filhos, 7- As marcas da identidade (Giacometti, 2015, p. 81).

Dos resultados, obteve-se que apenas 02 (duas) das 20 (vinte) participantes não acrescentaram o sobrenome do marido ao casar. Em relação às informações concedidas no Cartório de Registros sobre as diferentes possibilidades do uso do sobrenome, das 07 (sete)

participantes que se casaram entre os anos de 1977 até 1990, todas afirmaram não terem recebido tais instruções. Já as outras 07 (sete) delas que se casaram entre os anos de 1994 a 2002, 04 (quatro) disseram que não foram informadas, sendo as outras 03 (três) comunicadas, mas acrescentaram o sobrenome do marido.

“Em 2002 foi sancionado o atual Código Civil Brasileiro, em que a maior novidade tenha sido o direito de que quaisquer dos cônjuges poderiam adotar o nome do (da) consorte”. Desse modo, das demais entrevistadas que se casaram entre os anos de 2002 a 2013, todas as 07 (sete) relataram ter recebido explicação sobre o uso do sobrenome do marido e o direito deste em adotar o sobrenome da esposa; sendo que 02 (duas) delas optaram por não incluir. Nesse período, em nenhum dos casos houve adição do sobrenome da esposa ao do marido (Giacometti, 2015, p. 82).

No que tange à decisão em acrescentar o sobrenome do esposo, das 18 (dezoito) que fizeram a inclusão, 07 (sete) delas revelaram ser uma decisão pensada, já outras 11 (onze), assumiram ser automática, uma vez que é um costume usual. Quando indagadas sobre as percepções – por costume, identidade ou amor - do uso do sobrenome do esposo feito pelas mulheres do Brasil, 14 (quatorze) delas disseram que acreditam ser por tradição familiar e 06 (seis) pensam ser por identidade, para mostrar à sociedade que é casada, demonstrando que nenhuma delas considera a inclusão do sobrenome para agradar o marido, demonstrar sentimento ou outros motivos.

A autora frisa as marcas de uma cultura opressora perante as mulheres investigadas no presente estudo, em que a tradição familiar ligada ao *habitus*, como supõe Bourdieu, comunica intensamente com a construção enquanto ser, haja visto que o poder de escolha sobre o uso dos sobrenomes valeu-se para os cônjuges e ainda sim permaneceu a tradição, mesmo que inconsciente à dominação masculina, sem reflexão, sem mudança; o que acontece por vezes em outros setores da vida, ocasionando a violência simbólica. No entanto, é necessário ressaltar que o Cartório de Registros, ao não informar aos nubentes as alternativas para o uso dos sobrenomes tornou-se responsável por reforçar e reproduzir tal forma de violência.

Como proposta de intervenção, foi elaborado um livreto com informações sobre o Código Civil Brasileiro, pensado aos nubentes futuros, no entanto, mais voltado às mulheres, sendo intitulado: “Manual das bem Casadas”, com inicialmente 300 (trezentas) tiragens em parceria com Nussex e a Unesp – Araraquara, à serem distribuídos em escolas de Ensino Fundamental e Médio, e no Cartório da cidade de Lençóis Paulista.

Elaborada por Ruis (2015), *Ser menino ou menina na Educação Infantil: um entrelaçamento entre vozes* evidencia que as práticas estão quase sempre voltadas a separar os gêneros. A autora concebe ainda a instituição que oferece a Educação Infantil como local de descobertas, desenvolvimento de potencialidades, liberdade de gênero, aceitação e respeito, isso tudo considerando sua bagagem cultural e as relações sociais a qual a criança pertence.

Ao longo do texto é analisado como se dá a constituição dos gêneros no dia a dia da escola e o modo como é tratado os termos feminino e masculino, a fim de ressaltar as diferentes maneiras de ser menino/menina na Educação Infantil indissociáveis e inerentes à sexualidade, já que estes se envolvem num processo. Assim, Ruis (2015) conclui que o processo de reflexão sobre a prática faz-se necessário e indispensável, possibilitando ouvir a criança, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades de modo que ela seja olhada com mais cuidado.

Com a obra *Sexualidade e Deficiências: dando vozes aos adolescentes por meio de oficinas pedagógicas*, Paliarin (2015) relata como foi a experiência de trabalhar com alunos portadores de deficiência intelectual, sendo a faixa etária deles entre 14 (quatorze) e 26 (vinte e seis) anos, em uma instituição de educação especial, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). O objetivo foi compreender como alguns desses alunos percebem e vivenciam a própria sexualidade, evidenciando como vêm acontecendo essas relações e o modo como influenciam o cotidiano desses e dos que os rodeiam.

A opção escolhida pela autora foi trabalhar com oficinas; no total são 07 (sete), com duração aproximada de 02 (duas) horas cada, que abordaram assuntos como: o aparelho reprodutor, métodos contraceptivos, preconceitos, dentre outros aspectos da sexualidade, tudo isso sendo aos poucos naturalizado, tornando um ambiente de problematização que tenha condições para construção da identidade, espaço para reflexão e intervenção.

Paliarin (2015) reflete sobre a sexualidade de pessoas com Necessidades Educacionais Especializadas (NEE), enfatizando o quanto os professores e, principalmente, os pais veem essas pessoas como assexuadas, isso é quase que unanimidade e inquestionável por eles, acarretando prejuízos ao desenvolvimento das pessoas com NEE, impactando também nas relações e convívio com familiares e pessoas próximas, os quais não os compreendem como seres sexuados.

Ferreira (2015), com o trabalho *Cursos de formação em Educação Sexual que empregam as Tecnologias Digitais*, reflete sobre a importância da sexualidade para o

desenvolvimento pessoal, sabendo que essa faz parte do ser humano e interfere diretamente no cotidiano, percebendo a necessidade de um trabalho com a temática.

Nesse estudo, participaram da entrevista semiestruturada 06 (seis) responsáveis por cursos distintos, de diferentes Universidades Públicas a distância com encontros presenciais de formação em Educação Sexual, com intuito de compreender a estrutura e os conteúdos dos cursos a distância que possuem alguns encontros presenciais, averiguando como é sua efetividade, bem como a identificação do que foi trabalhado e os resultados, que foram analisados pelas instituições públicas.

Ferreira (2015) aponta que, independentemente da ferramenta escolhida para promover a discussão sobre a sexualidade vista de forma responsável, é preciso que fale, que trabalhe, que se discuta. Sem o diálogo constante sobre a temática fica difícil conscientizar a respeito do processo de construção de um sujeito ativo e capaz de vivenciar de modo emancipatório.

Contudo, cabe às instituições, à equipe pedagógica, aos professores e a todos que fazem parte do espaço escolar, adequarem-se frente às novas situações e às novas tecnologias. Visto que existem as Tecnologia da informação e comunicação (TIC), o sistema Educação à Distância (EAD), o moodle e tantas outras ferramentas que estão presentes na atualidade estão dispostos para contribuir na escola como auxiliador e propiciador de um ambiente lúdico e propício às novas aprendizagens.

Salinas (2015) dialoga em sua Dissertação, *A transmissão da vida psíquica entre gerações: os aspectos determinantes do fazer-se herdeiro da violência sexual*, a “relação entre a compulsão à repetição e transmissão da vida psíquica de conteúdos relacionados ao trauma do abuso sexual” (p. 14).

Essas transmissões, de acordo com Salinas (2015) apoiado nas teorias de Freud, podem se apresentar em formas distintas, sendo: “a) pelo contato com artefatos proibidos; b) pela imposição de uma geração a outra; c) via processos de identificação; d) via transmissão oral ou escrita” (p.47).

De caráter teórico, o trabalho consiste em um estudo bibliográfico onde relatos ilustram traumas e outras percepções resultantes dos relatos históricos, como o não-dito, o segredo, erotismo, entre outros que permeiam o episódio em que ocorrera a violência sexual; podendo essas serem percebidas, também, através da transmissão da vida psíquica, a fim de analisar e compreender como se dá, ao longo das gerações, a perpetuação dos abusos sexuais. Para tal, o autor utilizou a “teoria social crítica de base psicanalítica”, envolvendo o campo da psicanálise e da educação (Salinas, 2015, p. 17).

No que se refere ao desenvolvimento do estudo, Salinas (2015) traça alguns caminhos. Primeiramente, foram explorados os aspectos relacionados à sexualidade e à transmissão da vida psíquica. Depois, orientou-se pela teoria crítica, como a de T. W. Adorno, para investigar e compreender de que maneiras e estratégias a educação pode contribuir em relação à prevenção e elaboração de traumas relacionados à temática em evidência.

Em relação a essas estratégias educacionais, o autor faz uso da literatura de testemunho, da qual une a Psicanálise às Ciências Sociais com o intuito de fornecer subsídios para uma educação testemunhal como ação preventiva na escola em que o professor seja o mediador nesse processo. Porém, o autor evidencia em sua fala, que “partimos do pressuposto psicanalítico de que não existe prevenção possível para as neuroses (sejam elas de angústia, obsessivas ou histéricas), e, portanto, não haverá uma educação capaz de prevenir integralmente o seu aparecimento; e, por conseguinte evitar certa ordem de traumas” (Salinas, 2015, p. 18).

No entanto, faz-se necessário a existência de uma educação que propicie o esclarecimento diante das situações conflituosas, tomando o testemunho como auxiliador no processo de resignificação. Nesse ínterim, quanto a

(. . .) tendência à repetição no âmbito da vida, podemos supor a partir de Freud que nos casos de mulheres com histórico de abuso sexual isso ocorre porque elas buscam, de algum modo, na repetição, reverter (resolver) uma situação da qual não conseguiram se livrar, elaborando-a adequadamente (Salinas, 2015, p. 18).

Para os casos em que o abuso sexual aconteceu com a mãe e a transmissão continuou a se repetir sem que as filhas fossem vitimizadas pelo pai, Salinas (2015, p. 19) explica que,

(. . .) quando essas mães não verbalizam suas experiências traumáticas não elaboradas, ocorre outra forma de transmissão – instaura-se uma transmissão diretamente ao inconsciente (de significantes enigmáticos de sentido traumático), através dos processos de identificação e relações objetais envolvidos na formação do Eu da criança.

A partir das elaborações do autor, de modo geral, o estudo evidencia “que somos possivelmente o resultado não só de nossas escolhas, mas também de tudo aquilo que nos

antecede seja pela via filogenética, quando se trata de conteúdos relacionados à herança de nossa espécie” (Salinas, 2015, p. 168).

As memórias e experiências, sobretudo as da infância, foram evidenciadas no estudo pela ótica de Freud como identificações com a origem do ideal de Ego. Sendo assim, a formação do “eu” consiste em um processo de identificação que dá base para a elaboração do psiquismo.

A Dissertação *Música e infância: compreendendo o significado da sexualidade através da educação musical* de Fernandes (2015), apresenta a música como ferramenta colaborativa no desenvolvimento humano, com destaque para experiências sonoras intrauterinas e na infância, justificando a necessidade de um trabalho cuidadoso com as crianças, atentando-se em “como as letras dessas músicas influenciam na sexualidade dessas, bem como em sua percepção musical e percepção de mundo” (p.15).

Sobre os caminhos metodológicos, num primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico. Posteriormente, a autora objetivou saber e reconhecer junto às professoras que lecionam para crianças de 04 (quatro) a 05 (cinco) anos do Ensino Infantil, de diferentes escolas do município de Ribeirão Preto, os problemas relacionados à sexualidade; para isso, utilizou entrevistas semiestruturadas por meio da pesquisa-ação, em que a interação dos participantes para identificar e solucionar os problemas fazem parte do método.

No total foram entrevistadas 07 (sete) professoras, mulheres com idade entre 25 (vinte e cinco) a 49 (quarenta e nove) anos, pertencentes à classe social popular, de religião predominante católica. As entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo depois analisadas com base principal na teoria de Bourdieu, a fim de entender melhor como é percebido o ensino e existência da sexualidade por meio da música.

Realizadas as análises, ficou evidente a preferência dos discentes pelo gênero musical funk e sertanejo universitário. As músicas oriundas desses estilos - e outros, são cantadas com frequência na sala de aula entre os alunos. As professoras acreditam que esse favoritismo possa estar relacionado ao meio em que essas crianças vivem e aos conteúdos midiáticos que possuem acesso. Em sala, essa realidade não é trabalhada.

É observado pela autora, que na fala das entrevistadas há a expressão de que as crianças são “assexuadas”, mesmo que reconheceram haver manifestações sexuais no espaço escolar, acreditam ser inconsciente, proveniente do meio em que vivem, mas não propriamente de um corpo sexuado, demonstrando também desinteresse em falar com os alunos de 04 (quatro) a 05 (cinco) anos por considerarem inapropriado, ainda imaturos para tais assuntos.

Diante os resultados da pesquisa, é necessário repensar o fazer Educação Sexual. Como caminhos para realização, a autora destaca uma intervenção com os professores em um primeiro momento, depois com os pais e posteriormente com os alunos. Dessa maneira, todos poderão compreender a finalidade e seriedade ao desenvolver um trabalho com a temática, sobretudo propiciar conhecimento sobre o próprio corpo e do outro, sanar curiosidades, prevenir sobre abusos, respeito às diferenças, dentre outras questões.

Foi identificada também, a influência de músicas com letras eróticas presentes no cotidiano das crianças, sob o comportamento delas, inclusive ditando regras e costumes da vida adulta. Além de adentrarem os espaços escolares, não existe um trabalho de reflexão sobre as músicas ou outra temática envolvendo a sexualidade; e ainda não há nas escolas um profissional específico para o ensino de música.

Fernandes (2015) ressalta a música como recurso na busca de soluções, uma vez que essa faz parte do cotidiano social, assumindo, portanto, um caráter formador. Dessa maneira, como sugestões de trabalho utilizando tal ferramenta, cita possibilidades como: palestras, oficinas, cartilhas educativas, músicas midiáticas (canções de roda ou infantis), cantar, dançar, brincar, tudo que possa contribuir e tornar a música lúdica a fim de enriquecer o desenvolvimento infantil tornando o ensino da sexualidade cada vez mais natural e menos “adultizado”.

Nogueira (2015) em, *O jovem e o “ficar” à luz da teoria bourdiana*, define o “ficar” em uma relação amorosa sendo, “caracterizado pela curta duração de tempo, a falta de compromisso, e o envolvimento com vários parceiros”. A pesquisa bibliográfica revela que o conceito de jovem é de difícil delimitação, uma vez que somente a idade já não é suficiente para demarcar a transição para a vida adulta, é preciso orientar-se para os diferentes modos de existências atualmente. Nesse ínterim, conhecer a respeito das relações afetivos-sexuais desses jovens pode auxiliá-los a ter mais segurança nessa fase de mudanças, auxiliando-os em suas dúvidas, anseios e preparação para desafios futuros (p. 08).

Sobre a metodologia, foi utilizado o “método praxiológico de Pierre Bourdieu, no qual o mundo social pode ser analisado a partir de três modos de conhecimentos teóricos: o fenomenológico, o objetivista e o praxiológico”. Para a coleta de dados utilizou-se o questionário composto por perguntas abertas e fechadas, como os dados pessoais, experiência profissional, os significados do “ficar”, outros, e também a entrevista, com um roteiro de vinte e cinco perguntas sobre Educação Sexual, sexualidade e o “ficar”. Dos participantes, 06 (seis) jovens com idades entre 18 (dezoito) e 30 (trinta) anos, discentes do curso de Pedagogia de uma universidade pública no interior de São Paulo (Nogueira, 2015, p. 31).

Com base no teórico supracitado, é necessário ressaltar que “*habitus* corresponde ao processo de socialização do indivíduo em relação ao meio em que ele se insere. As relações das pessoas acontecem, em primeiro lugar, na família e, depois, nas diferentes agências de socialização, como na universidade e na Igreja, por exemplo” (Nogueira, 2015, p. 26).

Sobre os resultados apresentados, 02 (dois) dos 06 (seis) participantes declararam estar namorando. O perfil socioeconômico foi especificado a fim de compreender um pouco mais sobre o *habitus* de cada um, especialmente sobre a Educação Sexual recebida no seio familiar, percebendo por meio das falas dos entrevistados que não houve diálogo, ou quando o fizeram, aconteceu de modo pontual, independentemente do perfil estudado.

Por outro lado, em algumas falas existe o relato de incômodo pela religião (percebido como pecado), indisposição para conversar tais questões, não se sentir à vontade, como disse “Ágata em sua entrevista ao dizer que seus pais, que moraram na zona rural por longo período, não se sentiam à vontade para conversar sobre o tema” (Nogueira, 2015, p.38).

Tais atitudes são aprendidas e reproduzidas em sua maioria sem reflexão. O não falar sobre sexualidade também é educar, mas de uma forma contrária ao desenvolvimento positivo, ou seja, acontece o silenciamento, em que a reflexão não é possível e a afetividade, o prazer, o respeito, o corpo, a saúde, o relacionamento e as responsabilidades ficam à deriva.

Aos questionamentos referentes à escola/universidade x Educação Sexual, quando indagados sobre a existência de aulas ou oficinas durante a educação básica, foi afirmado pela maioria que tiveram pouco contato, a saber: uma palestra ou oficina ofertada por estagiários, principalmente da área de Ciências e Biologia. Já na graduação, 02 (dois) dos entrevistados disseram ter tido aulas sobre Educação Sexual e 01 (um) participou de um minicurso.

Dessa maneira, ter a oportunidade de acesso à essas temáticas na universidade durante a formação, contribuiu para que pudessem refletir sobre a própria prática enquanto discentes e futuros docentes, momento em que haverá possibilidades para abordar a temática em sala de aula. No entanto, não se sentem preparados para lidar com os desafios da temática, considerando que o tempo – um semestre – de aula não foi suficiente.

Pela ótica do *habitus*, a expressão do “ficar”, para os jovens entrevistados, é caracterizada por um relacionamento vivenciado em um curto período, sem necessariamente criar um vínculo afetivo. Essa prática não é dialogada em casa, aliás, pouco se fala sobre sexualidade entre as famílias, devido ao constrangimento que tais assuntos causam. Já na universidade, os jovens afirmaram sentir-se à vontade para conversarem sobre a temática, inclusive sobre trocas de experiências com colegas.

6.2 As produções de 2016

A seguir, apresentamos o quadro síntese das produções acadêmicas mapeadas no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual no ano de 2016, seguido de um resumo de cada uma delas:

Quadro 2: As produções acadêmico-científicas em Programa de Pós-Graduação em 2016;

1. TÍTULO	Educação Sexual e comunicação: o rádio como alternativa pedagógica nas escolas a partir de uma intervenção
AUTORA	Aline Santana Castelo Branco
ORIENTADOR	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
ANO	2016
EIXO PRINCIPAL	Propõe a criação de um programa de rádio na escola para trabalhar a sexualidade, objetivando saber por meio da pesquisa-ação, das dificuldades em relação a temática de 90 (noventa) alunos de duas turmas em uma escola pública da rede estadual no município de Franca-SP.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
2. TÍTULO	Sexualidade e sífilis adquirida: relatos de pessoas que realizaram o tratamento
AUTORA	Débora de Aro Navega
ORIENTADORA	Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia
ANO	2016
EIXO PRINCIPAL	O estudo buscou analisar as vivências afetivo sexuais, como se dá o autocuidado e a relação com a Educação Sexual de pessoas que se recuperaram da Sífilis adquirida.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 04: olhares médicos e biólogos
3. TÍTULO	A Educação Sexual no currículo da rede Estadual de Ensino de São Paulo
AUTOR	Érick Roberto Freire de Araújo Silva
ORIENTADORA	Prof. ^a Dr. ^a Fátima Elisabeth Denari
ANO	2016
EIXO PRINCIPAL	Elabora discussões acerca do papel da escola enquanto agente formador, buscando na revisão de literatura tecer considerações relacionadas a sexualidade. O estudo conta também com a aplicação

	de formulário online para professores/as da rede estadual de São Paulo a saber dos materiais didáticos disponíveis institucionalmente.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
4. TÍTULO	Análise da formação e da prática em Educação Sexual de professores/as de Ciências e Biologia de escolas estaduais de Macapá/Ap.
AUTORA	Izelma de Souza Costa
ORIENTADORA	Andreza Marques de Castro Leão
ANO	2016
EIXO PRINCIPAL	Dialoga com as possibilidades de intervenções na escola em relação à sexualidade à luz da vertente biológica por meio da entrevista de 10 (dez) professores/as de Ciências e Biologia investigando as defasagens formativas relacionadas à sexualidade e Educação Sexual
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 04: olhares médicos e biologistas
5. TÍTULO	A mídia e a infância: da exposição aos reflexos na escola no tocante à sexualidade.
AUTORA	Maria Angélica Brizolari Pongeluppe
ORIENTADORA	Débora Raquel da Costa Milani
ANO	2016
EIXO PRINCIPAL	Compreender as concepções dos professores diante as manifestações da sexualidade infantil, além de identificar os estereótipos de feminilidades e masculinidades presentes nas falas das crianças entre cinco e seis anos, averiguando as influências da mídia que as tratam como adultos.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 03: olhares sociais e culturais
6. TÍTULO	Coeducação dos sexos no estado de São Paulo durante a primeira república (1889--1930)
AUTOR	Paulo Jorge Rodrigues
ORIENTADORA	Débora Raquel da Costa Milani
ANO	2016
EIXO PRINCIPAL	Por meio do método bibliográfico e documental, faz-se um recorte temporal sobre o desenvolver das escolas públicas, católicas e protestantes, ao encontro de como o sexo feminino e masculino era tratado nesse espaço e seus reflexos na atualidade.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais TEMA 05: olhares historicistas

Fonte: Autora (2021)

Em *Educação Sexual e comunicação: o rádio como alternativa pedagógica nas escolas a partir de uma intervenção*, Branco (2016), propõe, como intervenção, a criação de um programa de rádio na escola com fins pedagógicos envolvendo a sexualidade como metodologia alternativa. Para realizar tal intervenção, a autora buscou saber das dificuldades dos alunos em relação a sexualidade, como a entendem e como a temática foi abordada em sala de aula durante a trajetória escolar. Ainda sobre os objetivos do estudo, orientou-se por buscar programas no rádio e na televisão sobre o tema em questão já existentes no Brasil. Além, procurou analisar pelo viés da pesquisa-ação se existe disposição e se é viável a execução de um programa de rádio na escola sobre sexualidade.

A autora traz, em sua Dissertação, discussões significativas e necessárias especialmente ao campo da escola, como as definições sobre sexualidade - relacionando-os a um conceito de vida - reflexões acerca da educação formal, informal e emancipatória, uma breve explanação histórica da Educação Sexual, visão crítica sobre os PCNs e documentos norteadores, bem como novas resoluções e os modos como a comunicação transita por diferentes campos por meio da repetição de linguagem, apresentou, ainda, desafios junto a benefícios capazes de ampliar o conhecimento. Foi abordado também o rádio na Escola, no Brasil, e a revolução no ensino público, além da representação da sexualidade no Brasil na televisão e no rádio e Educomunicação, tal termo é designado para dar voz aos alunos por meio da comunicação, sendo essa interação uma ação educativa, de diálogo, reflexão, entre outros aspectos.

Para o método, foi utilizada a pesquisa-ação, em que participaram do projeto 90 (noventa) estudantes de duas turmas, sendo uma da 8^o série do Ensino Fundamental com 45 (quarenta e cinco) alunos entre 12 (doze) e 14 (quatorze) anos e a outra o 1^o ano do Ensino Médio, também com 45 (quarenta e cinco) alunos com idades entre 15 (quinze) e 17 (dezessete) anos. Tiveram duração de 07 (sete) encontros, sendo que esses aconteceram em uma escola pública da rede estadual no município de Franca-SP.

O projeto se deu por meio de oficina pedagógica, a qual possibilitou interação entre os alunos, favorecendo a mediação no que tange às intervenções educativas fora do modelo tradicional. O primeiro encontro: aplicação do questionário com 07 (sete) perguntas abertas sobre as concepções em relação à sexualidade para um grupo de 10 (dez) alunos integrantes do Grêmio Escolar, com o objetivo de saber as considerações sobre ter um programa de rádio na escola para debater a temática. O segundo encontro foi uma aula expositiva com as duas

turmas para dar introdução à sexualidade [conceituação e modos de lidar com o assunto] além de servir para identificar temas geradores à própria dinâmica. O terceiro encontro foi prático: realizou-se uma dinâmica (Diga Ai!), em que os alunos responderam, de forma direta, a um determinado tema, no caso, às mudanças em seus corpos. As respostas voltaram-se em maioria para questões físicas e biológicas. Após, os alunos foram divididos em quatro grupos a fim de que pudessem expor um desenho para representar o corpo humano, definindo seu sexo biológico, características e sua história de vida.

O quarto encontro oportunizou um bate-papo para sanar as diversas dúvidas dos alunos. Esse momento foi tido pela pesquisadora como “eufórico”, no sentido de haver manifestações diretas da sexualidade em relação às perguntas, como cochichos, risadas, gritos, vergonha, preconceito, dentre outros comportamentos, no entanto, o diálogo ocorreu de modo aberto. No quinto encontro, foi aplicado um questionário para se saber o tema a ser discutido no primeiro programa de rádio na escola. O tema eleito foi: “a prática do sexo: afeto, primeira vez, prevenção etc.” O sexto encontro foi para a divulgação, com montagem de painel, mural e utilização dos meios em que poderiam divulgar para convidar toda comunidade escolar a participar. Estava previsto para o programa ser transmitido no intervalo. (Branco, 2016, p. 69)

Por fim, o sétimo encontro foi o processo final, chamado pela autora de “castração”. Quando chegou o dia da gravação do programa piloto – mesma semana da montagem do mural – a pesquisadora foi surpreendida: o painel havia sido retirado a pedido da coordenação, afirmando que tais assuntos na escola estavam incentivando práticas sexuais, o que necessitava ser interrompido, mesmo previamente autorizado; além de evitar conflitos entre a família, pois boa parte pertence à religião evangélica.

Portanto, o projeto deu-se por encerrado e, mais uma vez, a sexualidade na escola foi silenciada. Esse controle mostra a magnitude da dificuldade enfrentada pela equipe escolar em conseguir lidar com essas questões, que são próprias do meio escolar e familiar, reforçando a necessidade de formação e reflexão. Logo, é preciso olhar para as poucas iniciativas e políticas públicas que visam ações efetivas nesse sentido.

A Dissertação cujo título: *sexualidade e sífilis adquirida: relatos de pessoas que realizaram o tratamento*, de Navega (2016), trata de analisar as vivências afetivo sexuais, como se dá o autocuidado e a relação com a Educação Sexual de pessoas que se recuperaram da Sífilis adquirida.

A fim de contextualização:

a Sífilis adquirida diz respeito à infecção pela bactéria *Treponema pallidum* sexualmente transmitida. O outro modo de transmissão da Sífilis é a forma congênita durante a gestação ou pelo canal de parto (menos comum), que pode implicar no aborto e em graves manifestações ou sequelas para a criança. (. . .) Acerca do tratamento, (. . .) ao ser realizado por completo proporciona a cura da infecção, porém não confere imunidade (. . .) (Navega, 2016, pp.19-21).

Foi realizado, nesse estudo, uma revisão da literatura referente à produção acadêmica em torno das experiências com a infecção da Sífilis adquirida, constatando que a maioria das pesquisas se voltavam para os dados epidemiológicos, diagnósticos e estudos clínicos, identificando a necessidade de mais trabalhos na área, os quais abarquem as perspectivas do indivíduo nas fases de adoecimento, tratamento e pós-tratamento. A autora destaca a importância de “compreender melhor as atitudes que levam as pessoas ao contágio e ao tratamento e vislumbrar a sistematização de estratégias pedagógicas relevantes que garantam a prevenção” (Navega, 2016, p. 124).

O local escolhido para estudo foi o Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), Bauru, sendo os participantes 05 (cinco) do sexo masculino e 03 (três) do feminino. O instrumento utilizado para coleta de dados foi “discurso padrão”, além de um formulário sócio demográfico com 08 (oito) questões elaboradas pela autora. Além disso, foi usada também a entrevista, em que os participantes contaram a sua história de vida em decorrência da experiência do diagnóstico, tratamento e cura da Sífilis, englobando sua história de vida sexual até o momento da entrevista.

A análise de conteúdo foi o método elegido para organização dos dados. Ficou evidente que o autocuidado se torna parte do tratamento. Receber apoio dos familiares, do/a parceiro/a, dos profissionais de saúde, além de informações e conhecimentos a respeito da própria doença e dos cuidados a partir de então, maior valorização de si próprio e cuidado com o corpo, rever crenças e buscar novos ares, significa muito para o reestabelecimento da pessoa infectada. No entanto, faz-se necessário uma Educação Sexual a fim de elucidar questões inerentes ao ser humano, bem como o caso da doença, a exemplo da adesão total ao tratamento e diminuição da ansiedade após término.

Ao encontro do autocuidado, tem-se que a Educação Sexual recebida durante a vida pouco lhes contribuiu, seja para ações profiláticas, seja para reforçar o valor da afetividade, prazer e outros; pelo contrário, ficou explicitado uma visão negativa aos conceitos relacionados à temática. Ademais, os participantes demonstraram compreender a

vulnerabilidade em que se está exposto quando se trata de doenças sexualmente transmissíveis, visto que saúde não está ligado à aparência, não dispensando, assim, as práticas preventivas. Desse modo, pode-se afirmar que a experiência da Sífilis possibilitou um repensar de valores e crenças, mudando ações e comportamentos na vida dos participantes.

Verificou-se a necessidade de políticas públicas ao incentivo da testagem, pois a partir das falas dos entrevistados ficou evidente que não há preocupação com a Sífilis, sendo a mesma pouco conhecida. “Isso faz com que, na ausência de sintomas, a pessoa com Sífilis possa permanecer com a infecção sem a ciência do diagnóstico, com risco de complicações futuras, e se mantém uma transmissora” (Navega, 2016, p.121).

Silva (2016), em *A educação sexual no currículo da rede estadual de ensino de São Paulo*, apresenta inicialmente inquietações próprias do cotidiano enquanto professor da rede estadual de ensino no que tange à Educação Sexual, seguido por discussões acerca do papel da escola enquanto agente formador, atentando-se para o fato de que “a educação escolar não é sexualmente neutra. Em seus pressupostos estão implícitos conceitos, opiniões e normas que refletem o contexto social e político hegemônico” (p. 25).

Com o intuito de compreender o universo em que permeia a sexualidade, o estudo consiste na revisão de literatura acerca, principalmente, das relações de gênero, o “papel da mulher”, a cultura da diferença e o estigma, homossexualidade, educação sexual formal, currículo e documentos norteadores, dentre outros. A fim de realizar uma contextualização da pesquisa na literatura, o autor fez uma busca no banco de dados de Teses e Dissertações da Unesp - campus Araraquara, utilizando a palavra-chave “educação sexual”, em que selecionou 18 (dezoito) trabalhos completos, analisando e utilizando-os como parâmetro para destacar a relevância do estudo acadêmico. Para o mesmo fim, foram utilizadas outras 05 (cinco) Teses e Dissertações, sendo elas pertencentes ao banco de dados da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); as mesmas são descritas com mais detalhes pelo autor.

Buscou-se averiguar, na rede estadual de ensino de São Paulo, quais materiais didáticos sobre sexualidade ficam disponíveis institucionalmente. Foi investigado também, caso esses estão à disposição, se se oferecem subsídios às práticas em Educação Sexual. A respeito dos professores da rede, procurou saber se possuem acesso a esses materiais; e em caso afirmativo, se os utilizam ou não, de que forma e quais são as dificuldades encontradas; e ainda, qual material didático sobre a temática lhes seria mais útil e quais outras medidas

além desse método traria contribuições para efetivação de um trabalho com a Educação Sexual na escola.

A pesquisa caracteriza-se como quantitativa e qualitativa. A coleta de dados e análise dos resultados foram divididas em dois momentos: a primeira fase consistiu no levantamento e análise dos materiais didáticos disponibilizados aos professores da rede estadual de São Paulo sobre sexualidade, apenas os institucionais – “Consideraram-se, de forma geral, os registros escritos fornecidos por instituições governamentais”. O segundo momento da coleta consiste na aplicabilidade de um formulário online com questões obrigatórias e optativas para uma amostragem de 44 professoras/es de 17 escolas da rede estadual (Silva, 2016, p. 65).

Sobre o formulário, quando indagado sobre a importância em trabalhar a temática na escola, todos os participantes afirmaram ser necessário. Na questão posterior foi posto em debate quais profissionais devem desenvolver tais ações, resultando em um empate com 26 (vinte e seis) votos entre a categoria de professores de todas as disciplinas e a categoria de professores e/ou profissionais com capacitação específica para lidar com a temática. Já outros 13 (treze) professores acreditam ser cargo apenas dos docentes de Ciências Físicas e Biológicas. Outros ainda indicaram profissionais da saúde, como psicólogos e enfermeiros como responsáveis pela efetivação da Educação Sexual nas escolas.

Ao encontro das dificuldades vistas para implementação da temática no campo escolar, 22 (vinte e dois) participantes relataram a falta de materiais didáticos adequados, a resistência dos responsáveis em trabalhar tais conceitos com os alunos, falta de respaldo pedagógico e até mesmo por vias legais. A falta de formação foi apontada por 19 (dezenove) professores como uma dificuldade encontrada a ser superada, dentre outras limitações encontradas corriqueiramente.

Na próxima questão, buscou saber sobre os temas a serem abordados em sala. A amostra indicou prevalência para doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e métodos contraceptivos, abuso e violência, ou seja, ainda prezam por uma Educação Sexual biológica higienista e por ações preventivas, ficando as questões de gênero, por exemplo, em último grau de importância dado pelos entrevistados. No que tange às ações na escola por meio da Educação Sexual, 14 (quatorze) participantes afirmam acontecer. Já outros 25 (vinte e cinco) afirmaram que tais ações acontecem de forma pontual, somente quando há alguma manifestação em determinada situação, reforçando em suas respostas a necessidade de formação inicial e continuada.

Em relação ao contato com os materiais disponíveis institucionalmente na rede estadual de São Paulo-SP, tem-se: "Comunidade Presente" e "Prevenção Também se

Ensina?" como os principais projetos. Desses, 07 (sete) participantes já utilizaram e outros 21 (vinte e um) sequer conhecem a ferramenta, apontando para uma má articulação intencional pedagógica, mas, de outro lado, 39 (trinta e nove) dos entrevistados afirmaram que, caso tivessem acesso a esses materiais fariam uso. No que concerne às ferramentas didáticas consideradas úteis pelos docentes entrevistados para se trabalhar em sala de aula, a maioria considerou jogos interativos relacionados a sexualidade, sendo um deles sugeriu utilizar recursos audiovisuais ou filmes.

O autor seguiu as análises com base em questões discursivas de 04 (quatro) professoras/res que responderam a essa etapa do estudo para compreender o que esperam sobre as contribuições da administração pública estadual para implementação da Educação Sexual em mais escolas e como as universidades podem contribuir para esse feito, além de compreender a necessidade e relevância do desenvolvimento da temática no campo educacional e fora dele.

Os estudos mostraram que, apesar do interesse em trabalhar a temática, compreendem a teoria muito distante da prática. Além disso, a falta de formação é um dos pontos-chaves a ser revisto para dar os primeiros passos em prol de melhorias, sobretudo a utilizar recursos, uma vez que esses são mediadores no ensino. Assim, diante do exposto, ficou evidente a necessidade da utilização de um material lúdico de fácil acesso aos docentes. Pensando nisso, o autor expõe uma proposta de intervenção para uma próxima oportunidade, como o curso de Doutorado, devido ao tempo para aplicabilidade e confecção não ser hábil para realizá-lo.

Costa (2016), em *Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as de ciências e biologia de escolas estaduais de Macapá/AP*, dialoga com as possibilidades de intervenções na escola em relação a sexualidade à luz da vertente biológica. A autora comenta que, segundo estudos de Gondra (2000), essa ideia “vem desde a escola primária da Corte Imperial na qual as/os professoras/es recebiam as proposições detalhadíssimas acerca de procedimentos médico-higienistas.” Assim, “(...) existiam medidas preventivas e curativas nas disciplinas de Biologia e Ciências nas escolas com o propósito de diminuir os gastos do Estado com a saúde” (Costa, 2016, p. 23).

Desse modo, muitos anos se passaram e as pessoas ainda fazem essa relação equivocada [de que é papel específico dos/as professores/as dessas disciplinas]. Ainda, sabe-se que mesmo ficando a cargo desses professores o trabalho com a temática, os mesmos geralmente a fazem de modo estritamente fisiológico, uma vez que “formação do/a professor/a de Ciências e Biologia em sexualidade tem envolvido estratégias e informações que permitem identificar, caracterizar o corpo humano, bem como também, seus eventos de

natureza orgânica, impulsionados por fatores físico-químicos,” desconsiderando a sexualidade, as relações de gênero, a diversidade e inúmeras sensações envoltas a tais assuntos tão urgentes e necessários à formação dos sujeitos (Costa, 2016, p.37).

A escola se mostra como espaço propício para o desenvolvimento de tais temáticas devido às funções de se educar para a cidadania. Por isso, a formação inicial e continuada dos professores/as de Ciências e Biologia de 06 (seis) escolas estaduais de Macapá-AP, são temas de destaque e investigação nesse estudo, além de investigar as defasagens formativas relacionadas à sexualidade e Educação Sexual.

Nesse ínterim, utilizou-se a pesquisa qualitativa. Participaram do estudo 10 (dez) professores em pleno exercício da função, sendo 05 (cinco) mulheres e 05 (cinco) homens com idades entre 25 (vinte e cinco) e 50 (cinquenta) anos. Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada com 22 (vinte e duas) questões sobre a identificação, formação acadêmica, atuação profissional e existência de propostas de Educação Sexual no contexto escolar.

Para a análise de dados, elegeu-se o método análise de conteúdo. Objetivou conhecer como é realizado a Educação Sexual nos cursos de Licenciatura em Ciências e Biologia, sendo revelado que receberam pouca ou nenhuma formação/atividade/dinâmica/seminário/vídeo, em relação a sexualidade. Os professores que disseram que tiveram acesso à formação por intermédio de seminários e vídeos (foram atividades pontuais). Já os que não foram contemplados afirmaram não sentir falta de contato com tais conceitos por não ver necessidade de usá-los na prática, comunicando desinteresse à temática e preocupação por tamanha desinformação, desconhecimento e prejuízo aos alunos e comunidade escolar.

Os resultados sinalizam que não receberam nenhum tipo de formação ao que tange à institucionalização e efetivação da Educação Sexual na escola, especialmente em suas práticas pedagógicas. Os participantes demonstraram-se enrijecidos durante a entrevista, evidenciando pouca abertura à temática, como percebido nas respostas. Foi identificado também a inexistência da temática na grade curricular dos cursos de Ciências e Biologia, sendo necessário, de modo emergente, um rearranjo desses currículos.

É preciso salientar que os estudos biológicos não estão sendo, nesse estudo, demasiadamente desconsiderados, mas sim revistos, pensando em avanços significativos que já ocorrem no âmbito da sexualidade há anos e até hoje são, por vezes, desconsiderados. Assim, tem-se na revisão desse estudo a necessidade reafirmada de se continuar a trabalhar

em prol da Educação Sexual, visto que a precariedade de ensino ainda é uma longa - realidade.

Escrita por Pongeluppe (2016), *A mídia e a infância: da exposição aos reflexos na escola no tocante à sexualidade* destaca como a mídia adentrou lares e se instalou. Para tal, buscou analisar como têm sido o envolvimento das crianças com a mídia e os reflexos quanto à sexualidade infantil, investigando as concepções dos professores para com essas manifestações, além de identificar os estereótipos de feminilidades e masculinidades presentes nas falas das crianças, averiguando as influências da mídia que tratam a criança como adulto, na idade entre cinco e seis anos.

A autora salienta que foi possível verificar que ter acesso aos conteúdos midiáticos e as tecnologias, bem como as informações culturais, não significa que a educação da criança está se dando da melhor forma, já que essa está inserida em diversos ambientes com diferentes influências. A pesquisadora ainda afirma que toda equipe pedagógica foi sensibilizada, percebendo a importância de se educar para a sexualidade ao proporcionar o olhar crítico dos alunos, inclusive sobre a mídia e a sexualidade.

Rodrigues (2016), em *Coeducação dos sexos no estado de São Paulo durante a primeira república (1889 -1930)*, faz um recorte temporal sobre o desenvolver das escolas ao encontro de como o sexo feminino e masculino era tratado nesse espaço e seus reflexos na atualidade. Nesse sentido, “(. . .) a pesquisa aborda a coeducação dos sexos relacionada às escolas públicas, católicas e protestantes, apresentando conceitos, debates e perspectivas acerca do assunto, bem como, relaciona a importância do processo de feminilização do magistério com a coeducação dos sexos” (p. 19).

Utilizou-se o método bibliográfico e documental. O recorte temporal supracitado foi realizado por meio dos “Anuários do Ensino (1908-1927) e nos Anuários Estatísticos (1898-1912), publicados pela Imprensa Oficial e disponibilizados pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo” (Rodrigues, 2016, p. 37).

A fim de contextualização, o autor define coeducação como uma relação de respeito e igualdade entre os gêneros, sem diferenciar potencial e capacidades entre ambos que dividem um mesmo espaço. Já em uma escola mista tradicionalista, ambos os sexos raramente frequentam o mesmo espaço, existindo o mínimo de socialização, quem dirá haver busca por igualdade.

Segundo a pesquisa em análise, até o início do século XX, o papel da mulher restringia-se aos cuidados domésticos, dos filhos e do marido, não sendo preparada para

receber educação formal, do mesmo modo que são vistas, ainda hoje, muitas mulheres reproduzindo tais condições mesmo após tantos anos. No entanto, ainda que

(. . .) o ensino tenha começado com a forte presença masculina, a partir do ano de 1827, passou-se a atender também as meninas. Nessa ocasião, foi promulgada a primeira legislação que tratava da educação feminina. Ela determinou o estabelecimento de escolas para a população de todas as cidades e vilas do Império Brasileiro, para ambos os sexos (Rodrigues, 2016, p. 104).

Esse fato tem destaque devido aos processos de transformações da sociedade advindos posteriormente à implantação da República no Brasil, momento do início da ocupação, pela mulher, de outros lugares na comunidade que além dos afazeres do lar, necessitando também de escolarização e participação mais ativa no corpo social, embora houve e ainda há padrões pré-estabelecidos para os gêneros.

No que tange à coeducação dos sexos em escolas públicas, o pesquisador traz reflexões de estudos de autores como Almeida (2007b) e Silva e Machado (2012), Louro (2011), Schelbauer (1998), (Hahner, 2011), entre outros que ressaltam as transformações históricas como base motivacional para a coeducação dos sexos principalmente em escolas públicas, mesmo que a passos lentos. Reitera o fato de que a preferência ao ensino em classes mistas era por professoras mulheres, visto que essas faziam uso do “instinto maternal” para tratar com zelo e respeito crianças e também os homens; sendo isso uma possível justificativa ao excedente número de mulheres presente na educação infantil e primeira fase do Ensino Fundamental, como salientou o autor (Rodrigues, 2016).

No que tange às escolas públicas no Estado de São Paulo, predominou-se o modelo protestantismo norte-americano, guiados pelas regras da Igreja Católica e da elite, permanecendo nas escolas privadas (burguesia) a divisão entre homens e mulheres. As escolas públicas adotaram parcialmente a coeducação, visando os mesmos ensinamentos para ambos os sexos. No entanto, mesmo essas que aderiram ao processo acabaram por segregar as atividades de acordo com o gênero. A Igreja Católica delegou resistência para esse novo modelo educacional, especialmente pelas funções da mulher, pertencentes aos cuidados do lar. Porém, era viável economicamente homens e mulheres ocuparem a mesma escola, sendo pressionados a resistir à implantação do novo modelo, o da coeducação.

Segundo as análises,

à partir do último quarto do século XIX, aumentou gradativamente o acesso do sexo feminino ao ensino primário e normal que, durante as três primeiras décadas do século XX, foi estendido ao ensino complementar, secundário, profissional industrial e, ainda que bastante limitado, ao ensino superior. Destacam-se a frequência geral e efetiva das aulas, os índices de aprovação, diplomação etc., indicativos de que o sexo feminino tinha maior aplicação e aproveitamento. (Rodrigues, 2016, p. 105)

Demonstrando, assim, a relevância que a coeducação dos sexos teve para além das melhorias em toda educação, também acerca das relações de gênero, tomando a Primeira República como marco para ascensão feminina, devido aos novos modos de viver, como já mencionado anteriormente, delegando à mulher outras funções e a possibilidade de ocupar novos espaços dentro da sociedade, inclusive nos estudos.

6.3 As produções de 2017

A seguir, apresentamos o quadro síntese das produções acadêmicas mapeadas no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual no ano de 2017, seguido de um resumo de cada uma delas:

Quadro 3: As produções acadêmico-científicas em Programa de Pós-Graduação em 2017;

1. TÍTULO	Tema transversal Orientação Sexual, prática pedagógica do professor de Educação Física: trajetórias e desafios
AUTOR	Adalto Perpétuo Bianco
ORIENTADOR	Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Entender como o tema transversal Orientação Sexual se dá na prática do professor, os desafios para ser efetivada e como a percebem no ambiente escolar.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
2. TÍTULO	Gestor Escolar: sua influência na construção do Projeto Político Pedagógico no que tange a Educação Sexual.
AUTORA	Ana Maura Martins Castelli Bulzoni
ORIENTADORA	Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão
ANO	2017
EIXO	Analisar como tem se dado a atuação do gestor que recebeu a

PRINCIPAL	formação continuada sobre a Educação Sexual na escola frente a construção do Projeto Político Pedagógico.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
3. TÍTULO	O professor de Educação Física no processo de exteriorização da sexualidade das crianças a partir das manifestações corporais, à luz dos pensamentos de Bourdieu
AUTORA	Beatriz Rodrigues Kavahara Manzini
ORIENTADOR	Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Verificar como o professor de Educação Física vem atuando na construção de identidades no âmbito escolar englobando a Educação Sexual em suas práticas pedagógicas.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
4. TÍTULO	Livro “o que é privacidade?”: uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças
AUTORA	Caroline Arcari Meyer
ORIENTADORA	Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Elaboração um livro voltado ao público infantil a fim de auxiliar na prevenção contra à violência sexual como resultado do estudo.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 03: olhares sociais e culturais
5. TÍTULO	A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na Educação Infantil
AUTORA	Cristiane de Assis Lucifora
ORIENTADOR	Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Compreender como têm sido as problematizações frente a reprodução de desigualdades de gênero perante a responsabilidade de análise das teorias sobre as práticas dos Contos de Fadas/Maravilhosos.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
6. TÍTULO	Sexualidade e conhecimento popular a partir do uso de garrafadas: possibilidades para intervenções em Educação Sexual
AUTORA	Evelanne Samara Alves da Silva
ORIENTADOR	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Objetivou analisar o uso de garrafadas principalmente pela entrevista de 04 (quatro) pessoas que as fabricavam, além de ser parte da herança familiar, integram a cultura mítica, mágica e religiosa em que envolvem o processo de produção; e ainda uma proposta de intervenção e outras reflexões acerca das temáticas.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 03: olhares sociais e culturais
7. TÍTULO	Análise do jogo “trilha da proteção” como auxiliar na diminuição da vulnerabilidade para a violência sexual infantil
AUTOR	Fabricio Meyer
ORIENTADORA	Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Contempla a análise do jogo “Trilha da Proteção”, voltado para crianças de 06 (seis) a 12 (doze) anos de idade em que aborda o tema violência sexual contra a infância por meio do método <i>Learning Object Review Instrument 1.5 (LORI)</i> .
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
8. TÍTULO	Educação Sexual de crianças e adolescentes em abrigos: o lugar do educador
AUTOR	Flávio Henrique Firmino
ORIENTADORA	Profª Drª Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Conhecer o lugar que o educador ocupa em relação à sexualidade e à educação sexual de crianças e adolescentes abrigados em instituições para esse fim.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 03: olhares sociais e culturais
9. TÍTULO	Agentes comunitários de saúde: o elo entre os estigmatizados e o acesso à saúde
AUTORA	Isabela Virginia Pasquini Borges de Oliveira
ORIENTADORA	Profª Drª Fátima Elisabeth Denari
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Investigou junto aos ACS (Agente Comunitário de Saúde), as percepções desses sobre sexualidade e Educação Sexual frente aos atendimentos à população LGBT.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 04: olhares médicos e biólogos
10. TÍTULO	Igreja inclusiva: diversidade sexual e experiências religiosas

AUTORA	Jayane Santos Guimarães
ORIENTADORA	Prof. ^a Dr. ^a Maria Alves de Toledo Bruns
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Entrevistou pela ótica fenomenológica 08 (oito) colaboradores LGBT por meio da entrevista compreensiva a saber em relação a homoafetividade e a Igreja Inclusiva, bem como ocorrera a trajetória da infância até o momento em que passou a frequentar a Igreja Inclusiva; os resultados apontaram para uma visão positiva da instituição inclusiva.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 02: olhares psicológicos e/ou olhares para saúde TEMA 03: olhares sociais e culturais
11. TÍTULO	Desvelando a vivência transexual: gênero, criação e constituição de si-mesmo
AUTOR	João Paulo Zerbinati
ORIENTADORA	Prof. ^a Dr. ^a Maria Alves de Toledo Bruns
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Estudo detalhado sobre a história documental de João W. Nery, o primeiro transexual operado no Brasil; possibilitando o entendimento e análise de sua trajetória, da infância até a velhice, valendo-se das bases teóricas da escola britânica de psicanálise e do paradigma winnicottiano em conjunto com a teoria <i>queer</i> .
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 02: olhares psicológicos e/ou olhares para saúde
12. TÍTULO	Comentários de blogs sobre sexualidade e gênero: um estudo das subjetividades acerca das relações de gênero desveladas no ciberespaço
AUTORA	Juliana Cristina da Fonseca Baptistini
ORIENTADORA	Débora Raquel da Costa Milani
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Buscou investigar os olhares por trás dos comentários que são publicados nas páginas de blogs referentes a gênero e sexualidade que possam evidenciar as novas construções sociais em que se relacionam homens e mulheres.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais
13. TÍTULO	Violações de direitos e violência intrafamiliar em três gerações: estudo de caso
AUTORA	Maria Cleonice Pereira
ORIENTADORA	Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez
ANO	2017

EIXO PRINCIPAL	Problematiza, a partir do método praxiológico bourdieusiano, a subjetividade dos indivíduos pesquisados, além de contemplar a revisão de literatura, elaborando discussões essenciais a respeito da violência familiar, vulnerabilidade social, violação de direitos, políticas públicas, dentre outros aspectos em torno da trajetória de vida e manutenção da violência nas três gerações.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais
14. TÍTULO	Educação em Sexualidade, Sexualidade e Gênero: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil
AUTORA	Rita de Cassia Vieira Borges
ORIENTADORA	Profª. Drª. Célia Regina Rossi
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Identificar as dificuldades encontradas por professores da Educação Infantil em trabalhar a sexualidade perante os olhares políticos, nas relações de poder econômicos, sociais e através da ótica da igreja.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
15. TÍTULO	Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de Educação Sexual em Abaetetuba-PA
AUTORA	Suellen Silva Rodrigues
ORIENTADORA	Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão
ANO	2017
EIXO PRINCIPAL	Averiguar as demandas dos profissionais da educação e saúde relativas à sexualidade e Educação Sexual, para elaborar e implementar propostas interventivas relacionadas à temática.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 04: olhares médicos e biólogos

Fonte: Autora (2021)

Bianco (2017) em *Tema Transversal Orientação Sexual, prática pedagógica do professor de Educação Física: trajetórias e desafios* busca investigar um grupo de professores de Educação Física do Ensino Fundamental I e II da rede municipal de educação de uma cidade a noroeste do estado de São Paulo, a fim de compreender sua prática no que tange à Educação Sexual. Para isso, são abordadas algumas questões relacionadas ao tema transversal “Orientação Sexual”, descrito nos PCN (Brasil, 2001), em consonância com a prática dos professores de Educação Física, bem como os desafios encontrados.

Para conhecer as abordagens realizadas pelos professores na prática pedagógica, o autor do projeto utilizou a entrevista semiestruturada como recurso, sendo composta por 13 (treze) questões que relacionam atuação profissional, formação e histórico pessoal. Todas as 03 (três) participantes da entrevista afirmaram não terem recebido formação, desconhecem até mesmo sobre o termo “Orientação Sexual”, afirmando não fazer uso dos PCN (Brasil, 2001). Também não se sentem preparados a abordar o assunto em sala quando surge, exceto uma professora que diz sentir-se preparada para abordar a sexualidade mas sente-se insegura.

Para esclarecimentos, ao longo do trabalho foi possível perceber que o autor tomou, para sua pesquisa, o mesmo termo adotado nos PCN (Brasil, 2001): “Orientação Sexual”; tratando-o como uma temática a ser estudada, diferentemente do termo que é adotado pela pesquisadora e para o presente estudo: Educação Sexual, do qual se acredita ser mais apropriado, uma vez que orientação sexual está associado à opção sexual.

Quando o pesquisador indaga se as manifestações sexuais já ocorreram em sala de aula, os/as entrevistados/as afirmam que sim, entretanto, em suas falas é percebido a ideia de senso comum, identificando a dificuldade e o despreparo em tratar as questões da sexualidade envoltas no cotidiano profissional enquanto professor de Educação Física.

Bianco (2017, p. 133) observou que os/as entrevistados/as “apesar de considerarem o tema transversal Orientação Sexual importante para a formação das crianças e jovens, o trabalho com o mesmo não é efetivado no ambiente escolar (. . .)”. Assim, fica evidente mais uma vez o quanto a formação formal é falha, apontando para a necessidade de melhorias.

Bulzoni (2017) em *Gestor Escolar: sua influência na construção do projeto político pedagógico no que tange a educação sexual* tem como objetivo averiguar como tem se dado a atuação do gestor frente à sua atuação no que tange à Educação Sexual na escola e se existem ações e intenções planejadas descritas no Projeto Político Pedagógico (PPP), visto que esses gestores participaram de um curso de formação inicial de Gestores Escolares sobre a temática, oferecida no ano de 2013 a 2014 em uma parceria com a Secretaria da Educação por meio do Centro de Desenvolvimento Profissional Paulo Freire (CEDEPE) e a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) de Araraquara.

Dos participantes, 07 (sete) são gestores de instituições municipais do interior de São Paulo com idade entre 33 (trinta e três) a 56 (cinquenta e seis) anos, com formação oscilando entre graduação, especialização e mestrado. A coleta de dados foi por meio de entrevista com um roteiro de perguntas abertas. Essas revelaram que, apesar do curso de formação tê-los ajudado a compreender melhor a temática e sua importância, não conseguiram realizar ações para efetivação da Educação Sexual na instituição de ensino por não se sentirem capazes.

Essa é uma realidade a ser refletida, uma vez que possuem formação, mas não conseguem inseri-la no dia a dia. Surge, então, novamente, a fala sobre a necessidade de haver formação continuada, visto que se tem um problema - formação e atuação na prática - que não é só dos gestores; a falta de formação e informação se aplica a todo campo educacional e a toda sociedade, a qual, muitas vezes, não percebe a sexualidade como inerente e indispensável para contribuição no desenvolvimento pleno do ser humano.

Contraposto, “o poder público deste município não está preocupado na continuidade de uma Educação Sexual e, sim, de trabalhos pontuais preferencialmente trabalhos estes com um caráter biológico ou higienista”, acabando por desinteressar ainda mais o trabalho referente à sexualidade (Bulzoni, 2017, p. 144).

Vale ressaltar que, apesar do município não dar apoio em relação ao trabalho com a temática e não ter um projeto ativo nas escolas, todos os entrevistados consideram a temática como importante e necessária, defendendo sua realização no espaço escolar, bem como a formação e o respaldo legal por meio dos documentos já existentes; não compactuando com a retirada da temática da escola, visto no discurso: “... *a rede municipal não pode fechar os olhos pra isso, então me preocupou muito quando foi tirado do plano municipal por que nós regredimos à vez de avançarmos né!*” [itálicos do autor] (Bulzoni, 2017, p. 142).

Com o título *O professor de educação física no processo de exteriorização da sexualidade das crianças a partir das manifestações corporais, à luz dos pensamentos de Bourdieu*, Manzini (2017) estabelece a percepção do corpo como saudável, forte e que esteve e está presente nos dias atuais. Com o passar do tempo, sua importância foi percebida de diversas maneiras, dependendo do momento social, político e econômico em que o Brasil se encontrava.

Nesta pesquisa, Manzini (2017) buscou identificar como o professor de Educação Física vem atuando na construção de identidades no âmbito escolar englobando a Educação Sexual em suas práticas pedagógicas. Para isso, foram entrevistados 03 (três) professores de Educação Física da rede estadual do município de Matão-SP, onde atuam no primeiro ano do Ensino Fundamental I.

Além das análises sobre o *habitus* de cada profissional, a autora ainda observou a deficiência da Educação Sexual na formação inicial e continuada desses professores. Dessa maneira, vê-se a dificuldade em exercer mudanças no que tange à temática, refletindo de forma negativa sobre os alunos. Destaca-se ainda que a presente pesquisa pode, mais uma vez, evidenciar as dificuldades encontradas no campo educacional para a efetivação da Educação Sexual.

A Dissertação que se transformou em exemplar: *Livro “o que é privacidade?”: uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças*, de Meyer (2017), traz contribuições à educação sexual de crianças e adolescentes em face da prevenção à violência sexual por meio da literatura infantil. O livro “O que é privacidade?” utiliza os mesmos personagens da obra “Pipo e Fifi” (2012), da qual Meyer (2017) também foi autora; no entanto, a obra contemplada nesse estudo aborda diferente faixa etária e temática.

Para elaboração do livro, foi necessário apoiar-se no método analítico-descritivo, sendo organizado em três fases; ficando a primeira para a pesquisa bibliográfica: buscar dados sobre as estatísticas no país e no mundo; as peculiaridades de vítimas e agressores e seus reflexos no desenvolvimento de crianças e adolescentes; o enfrentamento perante a violência sexual e a contextualização histórica. Já a segunda fase descreve a trajetória das decisões acerca da construção da obra, bem como a elaboração textual, estética, definição de faixa etária, objetivos, definição dos personagens - Pipo e Fifi são irmãos, crianças monstrinhos - dentre outros aspectos. Para a terceira fase ficou a apresentação do produto final relacionado às outras duas fases supracitadas, reforçando o enfrentamento à violência sexual (Meyer, 2017).

Em relação às características do livro, voltado ao público infantil – faixa etária indicada para 03 (três) a 08 (oito) anos de idade –, aborda situações cotidianas em que a criança seja capaz de se reconhecer. Objetivou desenvolver os principais conceitos que crianças e jovens precisam aprender para protegerem-se da violência sexual, sendo fundamentada em 06 (seis) conceitos básicos que a criança, ao terminar a leitura deverá:

- 1- Saber nomear as partes íntimas, seja pelo nome científico ou pelos apelidos familiares;
- 2- Identificar quem são os adultos que podem tocar no seu corpo, para ajudar em situações de higiene e saúde;
- 3- Entender que adultos e outras crianças não podem tocá-la nas partes íntimas;
- 4- Entender que ela que é dona do seu próprio corpo e pode e deve dizer não, quando tocada de forma que a deixe confusa, triste ou constrangida;
- 5- Identificar a diferença entre o que pode ser feito em espaços públicos e privados;
- 6- Respeitar o corpo do outro (Meyer, 2017, p. 66).

Assim, acredita-se que, com uma mediação responsável por um adulto, esses conceitos sejam atingidos de modo a atender aos objetivos propostos, além de que a literatura promove enriquecimento ao desenvolvimento da formação enquanto leitor, aquisição de novas palavras, experiência social, entre outras inúmeras contribuições.

De modo geral, a pesquisa reuniu várias leituras e estratégias ao encontro do enfrentamento à violência sexual. O livro, como produto da dissertação, abrilhantou o trabalho em relação à temática, além de ser uma excelente ferramenta para a prevenção, se bem trabalhado. A autora destaca que a forma mais eficaz de prevenção é a informação; os conhecimentos sobre a sexualidade permitem à vítima reconhecer a violência e/ou situações abusivas, possibilitando se manifestar contra essa situação.

Elaborada por Lucifora (2017), *A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de Fadas/Maravilhosos como marcas circunscritas na Educação Infantil* evidenciou um ambiente escolar que assumiu, ao longo do tempo, a postura do espaço democrático e neutro. Porém, esse discurso faz-se refletir sobre sua inverdade, já que a neutralidade, por vezes, reafirma o silenciamento.

Para a realização da pesquisa, a autora contou com 09 (nove) professores/as que lecionavam com crianças de 05 a 06 anos de idade. O quesito de seleção destes foram perfis de formação diferenciados. Para a coleta de dados, utilizou um questionário com perguntas abertas, que abordou inicialmente a situação familiar de cada entrevistado, envolvendo a economia, membros familiares, grau de instrução, profissão, prática de leitura, interação com os Contos de Fadas/Maravilhosos e trajetórias escolares iniciais.

Frente às questões levantadas, no que diz respeito à formação dos professores, a maioria apontou que em nenhum momento tiveram disciplinas ou discussões que debatessem a importância em desconstruir as desigualdades de gênero no âmbito escolar. Alguns disseram ter tido a possibilidade de refletir sobre aspectos relacionados a gênero em sua formação. Entretanto, todos disseram estar aptos a desconstruir esses valores, mas não foi possível identificar avanços em suas práticas.

Foi possível reconhecer algumas críticas em relação aos contos, porém, seus usos são frequentes e sem problematização do conteúdo que abrange o gênero textual – conto. Compreendendo a necessidade das discussões e problematizações dos conteúdos sobre sexo, gênero e outros aspectos dessa mesma vertente, presentes não só nos Contos de Fadas/Maravilhosos, mas em todo espaço escolar e fora dele, a autora afirma que é preciso refletir mais sobre o que se tenta desconstruir, sobre o que é considerado inato e o que não deveria ser.

Silva (2017) em *Sexualidade e conhecimento popular a partir do uso de garrafadas: possibilidades para intervenções em Educação Sexual* objetivou analisar o uso de garrafadas, sendo essa, uma prática comum da população amapaense, visto que as ervas usadas medicinalmente resultantes dos saberes populares estão presentes há muito tempo na cultura

desse povo, recaindo também sobre as vivências sexuais, já que as garrafadas estão intimamente ligadas ao cuidado com o corpo. Além disso, propôs a inclusão desse tema nas aulas de história e em projetos de Educação Sexual.

Silva (2017), cita os saberes de Camargo, (1976), revelando que,

(. . .) a garrafada consiste em fórmula terapêutica contendo misturas de elementos da natureza, como plantas e gordura de animais e/ou produtos minerais, tendo como veículos água ou bebidas alcoólicas, como vinho ou aguardente e comercializadas ou doadas para a cura de diversos males da pessoa (p.52).

A pesquisa orientou-se pela investigação qualitativa guiada pelo método história de vida. Foi realizada também a pesquisa bibliográfica a fim de elucidar as questões acerca da produção das garrafadas, das relações de gênero, da sexualidade e da Educação Sexual. Foi coletado, para análise, trechos do documento *Proposta Curricular da Educação básica do Estado do Amapá* (SEED, 2016) e do *Jornal Amapá* para traçar um panorama histórico em relação à abordagem da sexualidade no currículo de história no estado do Amapá. Ainda, pela inexistência de fontes escritas, como justifica a autora, foi necessário realizar entrevista com um dos autores que criaram a “proposta relacionada à sexualidade direcionada pela Secretaria de Educação para escolas do Amapá” (Silva, 2017, p. 31).

Para saber mais sobre as garrafadas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 04 (quatro) produtores na cidade Macapá/AP: dois homens, um de 56 (cinquenta e seis) e o outro de 58 (cinquenta e oito) anos de idade e duas mulheres, sendo mãe e filha, uma com 79 (setenta e nove) e a outra com 41 (quarenta e um), respectivamente. Para a coleta de dados foi utilizado o seguinte roteiro:

Com quem aprendeu a produzir as garrafadas? Qual o significado da produção das garrafadas para a sua vida? Outra questão colocada foi: Qual o envolvimento dos mais jovens com a produção das garrafadas? Perguntou-se ainda: Você acha importante que os mais jovens conheçam sobre as garrafadas? E por fim: Quais os males ligados à saúde e a sexualidade que as pessoas buscam curar com as garrafadas? (Silva, 2017, p. 32)

Ficou evidente na fala dos entrevistados que esses possuem conhecimentos circundantes à contemporaneidade, visto que as garrafadas são, ainda, de grande procura

pelos cidadãos mesmo com a existência de outras práticas terapêuticas. Além de fazerem parte da herança familiar, as garrafadas integram a cultura mítica, mágica e religiosa em que envolvem o processo de produção – em segredo - evidenciando também o valor que elas agregam à vida dessas pessoas, sendo muito maior que o preço em real do produto.

Em relação à possibilidade de incluir a temática na disciplina de história por meio do currículo estadual, as análises de Silva (2017), apontam para a viabilidade de incluir tais assuntos dentro dos conteúdos já existentes na estrutura curricular, apenas adaptando e integrando-os com a história do país à cultura local.

Voltando-se para a viabilidade de um projeto popular em Educação Sexual, foi utilizado como referência o documento *Proposta Curricular da Educação básica do estado do Amapá (SEED, 2016)* e o texto *Orientações técnicas de Educação em Sexualidade para o Cenário Brasileiro (UNESCO, 2014)*. A partir dos eixos já contemplados, foram inseridos “temas relacionados ao conhecimento popular, com a inclusão da prática cultural de uso de garrafadas” (Silva, 2017, p. 179).

O estudo apontou a existência de problemas relacionados à saúde sexual e reprodutiva, sendo frequente a procura pelas garrafadas para resolver tais questões. Foi evidenciado, na pesquisa também, que se fará necessária a Educação Sexual na escola, de modo que possam subsidiar orientações para prevenção e diminuição das adversidades relacionadas à sexualidade. Assim, o projeto contemplou eixos e temas a serem trabalhados durante três anos em escolas estaduais, sendo os eixos: “sexualidade, cultura e direitos humanos; corpo e a sexualidade; saúde sexual e reprodutiva; diversidade de comportamentos sexuais; diversidade familiar e de relacionamentos”; vislumbrando a temática de modo abrangente, significativo e efetivo (Silva, 2017, pp.184-186).

Contudo, tem-se, nessa pesquisa, o detalhamento sobre o uso das garrafadas e como essa prática tão antiga se faz contemporânea e versa com a sexualidade. No entanto, os entrevistados reforçam que tal prática logo poderá ser encontrada em extinção devido ao distanciamento dos jovens em relação a esses saberes.

A Dissertação de Meyer (2017), *análise do jogo “trilha da proteção” como auxiliar na diminuição da vulnerabilidade para a violência sexual infantil* destaca a violência sexual como um problema de saúde de pouca abordagem que se faz urgente ser superado. Pensando nisso, buscou-se analisar o jogo “Trilha da Proteção”, o qual é voltado para crianças de 06 (seis) a 12 (doze) anos de idade, abordando o tema “violência sexual contra a infância de acordo com a metodologia *Learning Object Review Instrument 1.5 (LORI)*” (p.55).

O autor apresenta que a avaliação desse método consiste em nove categorias: qualidade do conteúdo; alinhamento do objetivo da aprendizagem; devolutiva e adaptação; motivação; estilo da apresentação; usabilidade; acessibilidade; reusabilidade e aderência a padrões. Após, é necessária uma avaliação geral de cada item. Ainda, outros dois especialistas em sexualidade foram convidados a preencher um formulário a respeito da avaliação sobre o jogo a fim de comprovar o método utilizado.

Sobre o jogo “Trilha da Proteção”, a participação de um adulto é importante, pois o objetivo é fazer com que, ao jogar, a criança seja capaz de elaborar aprendizados que a auxiliem no enfrentamento da vulnerabilidade relacionada à violência sexual. Dos participantes, podem ser de 02 (duas) a 08 (oito) crianças ou o mesmo número de grupos. Uma partida tem duração média de 20 a 30 minutos. O jogo é composto pelo livro “Pipo e Fifi”, 08 (oito) avatares para recorte, 01 (um) dado, tabuleiro de trilha, 08 (oito) cartas perguntas verde, 04 (quatro) cartas pergunta toque do sim, 04 (quatro) cartas perguntas laranja toque do não, 04 (quatro) cartas perguntas laranja, 10 (dez) cartas ilustradas perguntas toque sim ou não, 06 (seis) cartas ilustradas perguntas parte do corpo.

Para dar início, é necessário a leitura do livro “Pipo e Fifi” pelo adulto. Os avatares já deverão estar recortados e identificados com os participantes, bem como o dado montado. Cada jogador joga o dado e move-o na sua vez com o total de números sorteado no dado. Quando chega na casa, o adulto deve ajudar a fazer a interpretação das regras descritas. Caso pare em uma casa de perguntas, deve-se tirar uma carta para que o adulto leia para a criança responder e, caso acerte, poderá avançar uma casa, caso erre, terá que permanecer na casa, sendo que, na próxima rodada, em vez de jogar o dado, deverá novamente pegar a carta. As cartas na cor laranja desenhadas são para que os jogadores identifiquem se aqueles tipos de toques são permitidos ou não. Existem as casas-curingas, são elas: conselho tutelar; disque 100; escola; delegacia e pessoa de confiança. Essas casas especiais permitem avançar 03 (três) casas. Por fim, quem está protegido consegue chegar na última casa, sendo essa com o nome de proteção, atentando-se para o fato de que não existe um ganhador, todos devem chegar na proteção.

Realizado as análises, o jogo “Trilha da Proteção” foi considerado uma ótima estratégia lúdica para trabalhar a temática da violência sexual, configurando-se na prevenção e informação das crianças frente às propostas pedagógicas, contudo, o jogo só pode ser jogado desde que tenha supervisão e mediação de um adulto.

Educação Sexual de crianças e adolescentes em abrigos: o lugar do educador, elaborada por Firmino (2017), apresenta uma contribuição histórica sobre a educação no

Brasil, evidenciando que o assistencialismo para crianças em situação de vulnerabilidade ocorreu a partir do século XVIII com atenção da Igreja Católica.

Foram assistidos 02 (dois) abrigos para este estudo; ambos se localizam numa cidade do interior paulista. Por questões éticas, foram denominados na pesquisa por abrigo A e abrigo B. O abrigo A, atende adolescentes entre 13 (treze) e 18 (dezoito) anos incompletos, todos do sexo masculino. Nesse local, trabalham 01 (um/a) coordenador/a, 01 (um/a) cozinheiro/a, 01 (um/a) psicólogo/a, 01 (um/a) assistente social e 05 (cinco) educadores/as.

O abrigo B, atende entre 0 (zero) e 18 (dezoito) anos de idade incompletos, incluindo pessoas do sexo feminino e masculino. Os funcionários que compõem são: um/a coordenador/a, 01 (um/a) cozinheiro/a, 01 (um/a) psicólogo/a, 01 (um/a) assistente social e 08 (oito) educadores/as.

Para a coleta de dados, a metodologia escolhida foi o roteiro de entrevista semiestruturada. Ocorreram encontros com os coordenadores para apresentação do projeto e, em seguida, já indicaram os possíveis participantes. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

Firmino (2017) aponta, na pesquisa, que a função de educador no abrigo, por vezes, migra inconscientemente, ou não, para a função de pai, mãe, tia, tio, vó etc., sendo que os vínculos criados com essas crianças e adolescentes acabam por se fortalecer devido às situações de vulnerabilidade em que esses se encontram. Desse modo, além da pouca formação científica/formal demonstrada nas entrevistas, os educadores não veem seu lugar como de próprios educadores que são, mas sim como “pai e mãe” realmente, por causa dos laços criados afetivamente.

Portanto, ficou evidente, nas falas dos educadores, o lugar que ocupam. Assim, percebendo a concepção assistencialista, o autor aponta que são necessárias intervenções para um novo direcionamento da educação nos abrigos, principalmente em conscientizar os educadores dos papéis correspondentes e da responsabilidade que têm além do assistencialismo, compreender os lugares dos sujeitos abrigados.

Oliveira (2017) buscou evidenciar em sua Dissertação intitulada *Agentes comunitários de saúde: o elo entre os estigmatizados e o acesso à saúde*, as investigações realizadas junto aos ACS (Agente Comunitário de Saúde), a fim de compreender suas percepções sobre sexualidade e Educação Sexual frente aos atendimentos à população LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Assim, procurou compreender como os agentes comunitários realizam os atendimentos em grupo dessa população estigmatizada.

A autora evidencia que a pesquisa é de natureza qualitativa, sendo que participaram do estudo 12 (doze) agentes comunitários de saúde que atuam na estratégia de saúde em uma unidade básica, situada em um município do interior de São Paulo, região periférica. Dos instrumentos, foram utilizados a entrevista semiestruturada, o grupo focal definido [coleta de dados por meio de interações grupais para discutir um tema específico] e o diário de campo. As entrevistas ocorreram na unidade básica de saúde durante a jornada de trabalho dos profissionais em sala reservada.

Os resultados foram organizados em blocos temáticos. O primeiro bloco foi para identificação dos participantes. O segundo diz respeito ao entendimento dos entrevistados sobre identidade de gênero e orientação sexual, pedindo-lhes que dessem significado à heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, transexualidade e nome social. Nesse campo de análise, a maioria conseguiu assimilar a palavra ao conceito; apenas para transexualidade houve maior confusão de ideias. No entanto, a autora salienta que o intuito da investigação é saber o conhecimento da amostra e, por isso, não existem, nesse caso, respostas certas ou erradas.

No bloco três, buscou averiguar as dificuldades no atendimento quando o assunto abordado envolve a sexualidade. De modo geral, a maioria revelou não ter dificuldades em abordar os assuntos. Os poucos que relataram ter constrangimentos, abordam o assunto da mesma forma. Foi percebido que as orientações partiram das dúvidas e anseios dos pacientes, no entanto, o vínculo e confiança que esses estabelecem com profissionais comunitários, por si só, são incentivadores de aprimoramento da formação em Educação Sexual, visto que esses agentes lidam de maneira direta com essa população.

O bloco quatro diz respeito a informações e saberes recebidos durante a formação acadêmica/profissional dos agentes de saúde. A maioria dos entrevistados relataram não se lembrar, visto que a formação ocorrera há tempos atrás [13 anos ou mais] e, ainda, dos que receberam, pouco foram as intervenções.

Ainda em tempo, como um dos objetivos do projeto, a pesquisadora elaborou uma ação de intervenção por grupos focais. Essa proposta objetivou elucidar os caminhos percorridos na entrevista, além de possibilitar a elaboração de novos conceitos para reflexão e aplicação nas práticas, conscientizando sobre a relevância e necessidade de tais conhecimentos para o acolhimento da população LGBT.

Foram realizados 04 (quatro) encontros, sendo os três primeiros voltados à explanação da Educação Sexual, trabalhando temas como: sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero, nome social, mitos e tabus da sexualidade e homofobia. Além desses, apresentou e

discutiu casos fictícios e buscou simular situações de atendimentos com a população LGBT. O objetivo desses encontros era discutir os entendimentos dos participantes acerca das temáticas trabalhadas [supracitadas] (Oliveira, 2017).

Foi realizado ainda um quinto encontro do grupo focal como avaliação de seguimento. Esse, realizado 09 (nove) meses após a finalização do quarto encontro, procurou saber se houve a apropriação dos conteúdos pelos participantes do estudo. Esse momento da avaliação foi positivado pela pesquisadora devido aos resultados que evidenciaram melhora no atendimento ao que diz respeito à sexualidade, compreendendo que o objetivo do trabalho proposto foi atingido e rendeu bons frutos. No entanto, reforça a necessidade de uma progressividade com a formação continuada para também os profissionais agentes comunitários de saúde.

A *Igreja Inclusiva: diversidade sexual e experiências religiosas*, de Guimarães (2017), dialoga sobre as dificuldades das pessoas LGBT ao frequentarem espaços religiosos tradicionais. A compreensão da trajetória acerca do lugar que a religião ocupa e o significado que ela tem na vida dessas pessoas são discussões necessárias para ampliação dos horizontes em relação às diversidades, sobretudo em relação à homofobia religiosa.

Partindo da fenomenologia, por meio da pesquisa qualitativa, buscou entrevistar 08 (oito) pessoas evangélicas, com idades entre 24 (vinte e quatro) e 51 (cinquenta e um) anos, pelo método entrevista compreensiva, sendo “uma mulher lésbica, uma transexual e seis homens gays”, buscando saber em relação à homoafetividade e à Igreja Inclusiva, bem como ocorrera a trajetória da infância até o momento em que passou a frequentar a Igreja Inclusiva. O acesso aos colaboradores da pesquisa foi por meio do método bola de neve. Os critérios de seleção eram: “participar de cultos em Igrejas Inclusivas localizadas na região Metropolitana de São Paulo/SP, ser gay ou lésbica, e maiores de 18 anos” (Guimarães, 2017, p. 49).

Em um primeiro momento, os participantes foram convidados a responder um questionário sobre informações pessoais que permitem caracterizá-los, como profissão, idade, filhos etc. Após isso, foi oportunizado o diálogo para a questão norteadora da entrevista, em que puderam falar sobre suas histórias, desde a infância até o momento em que se depararam com a experiência religiosa inclusiva. As análises foram elaboradas a partir de unidades de significados, sendo agrupadas as categorias por meio do discurso fenomenológico na concepção de AmatuZZi, sendo elas: nos horizontes da experiência religiosa na infância, na adolescência, na fase jovem adulta/ adulta, na religiosa Inclusiva e o silenciamento das lésbicas (Guimarães, 2017).

Posteriormente, foi elaborada uma síntese compreensiva a fim de entender, segundo Guimarães (2017), as “convergências e divergências” dessas unidades (p. 51). Nesse intuito, evidenciou-se que cinco participantes tiveram influências familiares religiosas na infância, interferindo na escolha da religião no decorrer da vida. Em relação à adolescência, foi percebido a tentativa de adequação aos padrões vigentes, especialmente sobre a temática em questão; dois colaboradores se afastaram das instituições religiosas após novos conhecimentos, conectando-se menos a essas práticas. Todos os entrevistados na categoria adulto sinalizaram respeito às instituições em que já passaram, considerando as experiências passadas importantes ao seu desenvolvimento pessoal.

Para a perspectiva inclusiva, todos os entrevistados revelaram que as experiências religiosas inclusivas despertaram amadurecimento religioso e aceitação da própria sexualidade, assim como melhora na qualidade de vida. Seis deles expressaram boa vontade em auxiliar outras pessoas a viverem outras experiências que lhes farão melhor, como a troca da Igreja Tradicional pela Inclusiva. Por fim, o silenciamento da sexualidade nas Igrejas Tradicionais ainda é uma possível forma de reafirmar o machismo, visto que, para esse estudo, a maioria das mulheres lésbicas contatadas recusou a participar da entrevista, sendo assim interpretado pela autora.

Contudo, verificou a necessidade de continuar os estudos em relação à essa temática, visando a “publicação de um livro a partir dos resultados dessa dissertação. Também, está em fase de elaboração uma cartilha explicativa, onde, será elucidada a abordagem da teologia inclusiva e as Igrejas Inclusivas no Brasil, além de publicação artigos científicos” (Guimarães, 2017, p. 121).

Zerbinati (2017), em *Desvelando a vivência transexual: gênero, criação e constituição de si-mesmo*, busca compreender as vivências transexuais fazendo reflexões acerca da mudança de sexo e da transgeneridade, correlacionando a construções históricas, especialmente sobre psicanálise e patologias – a fim de despir-se da última – em que envolvem o sujeito “a partir da escola britânica de psicanálise, sobretudo de paradigma winnicottiano, em diálogo com a teoria *queer*” (p. 72).

Zerbinati (2017, p. 28) explica que “transexualidade é um matiz da sexualidade em que o sujeito não se identifica com o gênero lhe atribuído no nascimento, tendo como referência o modelo binário, cisgênero, para o sexo e gênero”.

De natureza qualitativa, o estudo se deu por meio do recorte longitudinal da autobiografia de João W. Nery, o primeiro transexual operado no Brasil. Para isso, elegeu-se o método de investigação em psicanálise, sendo a pesquisa do mundo vivido o cerne da

análise. Foi apresentada, minuciosamente, a história documental do sujeito estudado, possibilitando o entendimento e análise de sua trajetória da infância até a velhice, valendo-se das bases teóricas supracitadas.

A sexualidade na história de João tem se mostrado como força motriz para alavancar mudanças, ultrapassando o campo biológico. Nesse sentido, o ato de coragem, ao deixar Joana e tudo o que era e representava, inclusive sua carreira acadêmica e profissional, para ser João, um cidadão que acabara de “nascer”, analfabeto e sem direitos, possibilitou novos horizontes à sua vida transexual, e a partir de então pôde ser resinificada (Zerbinati, 2017).

Essas revoluções interiores provocadas pela sexualidade, sobretudo quando o sujeito age de modo crítico em direção à desconstrução dos padrões normativos, ocasionando também mudanças sociais, são reelaborações entre o íntimo e o externo, mas, por vezes, causam dor e sofrimento, como percebido nas vivências de João. No entanto, esse sofrimento foi amenizado quando ele elaborou um novo “eu” de si próprio. O autor reforça ainda a importância da psicanálise para amenizar a angústia e acolher o sujeito a fim de auxiliá-lo na reelaboração e amadurecimento do próprio ser.

A Dissertação intitulada *Comentários de blogs sobre sexualidade e gênero: um estudo das subjetividades acerca das relações de gênero desveladas no ciberespaço* de Baptistini (2017), buscou investigar os olhares por trás dos comentários que são publicados em páginas de blogs referentes a gênero e sexualidade que possam evidenciar novas construções sociais em que se relacionam homens e mulheres, caso exista.

Como método, foi adotada a abordagem qualitativa e pesquisa documental, sendo objeto de estudo 61 (sessenta e um) comentários que permeiam as relações entre sexo feminino e masculino; eles foram retirados de 02 (dois) blogs do *Google*, inserindo, na busca, as palavras relação de gênero e papel social. O primeiro blog é da psicanalista, escritora, palestrante e consultora de um programa de televisão intitulado “Amor&Sexo” na rede Globo, Regina Navarro. Já o segundo, da cordelista, criadora do clube da escrita para mulheres e também escritora Jarid Arraes (Baptistini, 2017).

Foi adotada, para o estudo, a análise de conteúdo como método para desvelar os dados encontrados, sendo categorizados em 04 (quatro) categorias, representadas pelo quadro 02 (dois) e aqui descritas, sendo: 1) categoria: representações sociais; subcategorias: padrão social normativo, estereótipos e imposições comportamentais; 2) categoria: percepções das relações de gênero; subcategorias: relações com o gênero oposto, a mulher, o homem, constructo social, relações contemporâneas e conflitos das relações; 3) categoria: motivações

das desigualdades; subcategorias: sociedade patriarcal, fatores biológicos e feminismo; 4) categoria: equidade de direitos; subcategorias: estudos de gênero, escola e equidade.

Tais categorias buscam encontrar e verificar, nos discursos, a subjetividade das representações de gênero no ciberespaço. Feitas tais averiguações, pôde-se compreender que as relações de gênero construídas atualmente frente aos comentários de blogs no meio virtual vão em direção às construções que ora favorecem ora desfavorecem os gêneros. Ainda são nítidos os traços de dominação – na construção histórica – do gênero masculino, acentuando os padrões heteronormativos, tomando como verdade absoluta condutas naturalizadas culturalmente que acabam por legitimar definições sociais de gênero. Assim, ficou evidente que as opiniões e discussões no meio virtual são acentuadas por padrões antigos ainda vigentes, considerando que os diálogos entre os grupos, por vezes, são instáveis, gerando conflitos e discursos falsos ideológicos.

Desse modo, Baptistini (2017, p. 118) destaca, que

(. . .) no que toca às relações de gênero, a cibercultura corrobora ao reforçar as desigualdades entre homens e mulheres. O patriarcado e seus agentes, valendo-se de todo o contexto do ciberespaço propagam valores, pensamentos, princípios e representações exaltando hierarquizações da suposta superioridade masculina. Os inúmeros recursos existentes no ciberespaço podem ser utilizados para a propagação de ideias e práticas contrárias à igualdade entre os gêneros.

No entanto, é válido ressaltar que muitos comentários reconheceram as mudanças já ocorridas em sociedade, sobretudo em relação aos papéis de gênero. Porém, é necessário que aconteçam espaços para o diálogo em que as pessoas possam se expressar e serem ouvidas. O blog é um canal interessante de diálogo, no entanto, é insuficiente para promover um debate que acrescente, visto que os comentários são para interação dos internautas, logo, não existe uma mediação eficaz que seja capaz de superar as dificuldades ali destacadas. Ademais, como continuidade do presente estudo, a autora apresenta um e-book intitulado *blogs para a equidade de gênero: possibilidades em democratizar reflexões*, no qual evidencia ferramentas a contribuir para a transformação social a partir das reflexões das subjetividades das relações de gênero no ciberespaço.

Intitulada *Violações de direitos e violência intrafamiliar em três gerações: estudo de caso*, a Dissertação de Pereira (2017) problematiza, a partir do método praxiológico bourdieusiano, a subjetividade dos sujeitos pesquisados, além de contemplar a revisão de

literatura, elaborando discussões essenciais a respeito da violência familiar, vulnerabilidade social, violação de direitos, políticas públicas, dentre outros aspectos em torno da trajetória de vida das três gerações.

O presente estudo, de caráter qualitativo objetivou averiguar

(. . .) a violência intrafamiliar tomando em consideração três gerações que sofrem violações de direitos; (. . .) verificar as diferentes formas de violência intrafamiliar nas duas primeiras gerações que trazem consequências para a terceira geração; ampliar a compreensão do fenômeno do abuso sexual no contexto desta família; investigar se as Políticas Públicas Setoriais contribuíram para a manutenção da violência intrafamiliar” (Pereira 2017, pp.17-18).

Dos instrumentos, foram utilizados dois deles: a pesquisa documental e a empírica. Os prontuários da família elegida para o estudo foram investigados. Foram averiguados também os prontuários dos familiares da segunda geração familiar atendida no Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), localizado no interior do Estado de São Paulo, respeitando o Código de Ética em pesquisa. No que diz respeito à pesquisa empírica, empregou-se a entrevista semiestruturada a fim de conhecer a realidade familiar. Participaram do estudo 03 (três) mulheres, sendo: Paula, Fábria e Ana (nomes fictícios). Paula foi identificada como a titular da pesquisa, sendo as demais parentes da mesma.

Ao investigar a história das três gerações, especialmente sobre a violência intrafamiliar, ficaram evidentes os prejuízos que as duas primeiras gerações causaram à terceira, sendo comprovada a repetição do comportamento abusivo nesse estudo. Foi constatado que a política e as intervenções adotadas até o momento da coleta de dados foram ineficazes para romper a violência e sua reprodução nessa família e em suas gerações.

Desse modo, as situações de vulnerabilidade social ainda resistem, fazendo-se urgente o acompanhamento de todo grupo familiar. É importante frisar que, nesse núcleo numeroso, ocorrem recasamentos com pessoas que possuem os mesmos perfis dos agressores anteriores, reproduzindo e perpetuando a violência nessa instituição, até mesmo assumindo a posição herdeira no tráfico de drogas, sendo essa atividade a renda familiar.

As três mulheres entrevistadas demonstraram não ter condições próprias de superar a situação de vulnerabilidades em que se encontram, necessitando de ações contínuas capazes de auxiliá-las para garantir o mínimo possível de qualidade de vida.

Intitulada *Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil*, Borges (2017), busca compreender as construções histórico-sociais de gênero que estão sob a ótica da sociedade que tem naturalizado as relações de dominação do sexo feminino pelo masculino. Ao longo da Dissertação, a autora busca investigar como tem sido vista a sexualidade perante os olhares políticos, as relações de poder socioeconômicos e a igreja.

Participaram do estudo 14 (quatorze) funcionárias de um Centro de Educação Infantil Municipal de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Para coleta de dados foram utilizados questionários e entrevistas. Todo o processo aconteceu na instituição. Ao término das conversas, foi feita a devolutiva a fim de sanar as dúvidas apresentadas no decorrer das entrevistas.

Para Borges (2017), é perceptível que, por mais que educadores e demais funcionários não tenham a formação necessária, essas funcionárias tentam, de alguma forma, compreender a criança na sua totalidade, mostram-se muito inseguras em suas falas, mas, ao mesmo tempo, refletem sobre suas ações para com a sexualidade, assumindo seus medos e seus moldes culturais, porém sempre com reflexões. No entanto, ao tratar de sexualidade, suas falas estão sempre atreladas ao tocar-se (genitais), o que remete a ideia de associação da temática às concepções biológicas.

Sobre os brinquedos e brincadeiras para meninos e meninas, 13 (treze) reconheceram que não fazem distinção. Em contrapartida, apenas 01 (uma) educadora disse que faz distinção devido à crença de que meninos devem brincar com carrinhos e meninas com bonecas e afins. As discussões elencadas ao decorrer da pesquisa propiciaram saber como têm sido vivenciadas as concepções sobre sexo e sexualidade e como são organizados os pensamentos dos professores em relação a essas temáticas.

A intervenção possibilitou, nessa instituição, o início da quebra de paradigmas, quando os educadores puderam repensar e refletir sobre sua prática em relação ao sexo, ao gênero e à sexualidade. Despertou também o interesse por saber mais sobre o assunto, o que reflete como positivo, especialmente por se tratar de Educação Infantil, em que acontecem as primeiras manifestações e se inicia todo o processo de construção do indivíduo, fase em que o acolhimento se torna ainda mais necessário.

Rodrigues (2017) em sua Dissertação *Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetetuba-PA*, apresenta dificuldades em reconhecer o trabalho de profissionais com a Educação Sexual nas escolas de Abaetetuba-PA, observando que as estratégias de

ensino, bem como as diretrizes curriculares das escolas selecionadas pela autora não apresentavam a temática que envolvia a sexualidade, iniciando seu projeto com certa relutância e estranheza nesses ambientes.

Participaram da pesquisa 16 (dezesseis) profissionais da área da educação e 01 (uma) psicóloga que atende crianças e adolescentes do município. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário com questões abertas, em que os convidados participantes se reuniram para responder individualmente; sendo esse aplicado antes do início do curso e, posteriormente, foi novamente aplicado após o seu término a fim de averiguar suas contribuições.

O curso se deu por meio de oficinas que aconteceram durante 08 (oito) encontros, das quais trataram de temas biológicos e sociais, como a gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, prevenção, sexo e sexualidade de modo conceitual, diversidade sexual, direitos sexuais e reprodutivos e violência sexual. Ao final, os participantes receberam certificado.

A pesquisadora conta que os entrevistados tiveram muita dificuldade para responder aos questionários. Sobre as atividades, apresentaram os conceitos de forma confusa, não sabendo ao certo relacionar palavras/conceitos ao seu significado, como, por exemplo, a diferenciação entre sexo e sexualidade, gênero e orientação sexual, entre outros, colocando-os em posição de senso comum, demonstrando a realidade cultural em que vivem.

Por outro lado, em diversos momentos do texto, relata que os participantes tiveram muito interesse em participar e, principalmente, que puderam perceber a sexualidade desde muito antes; além de perceberem como a igreja, com seu poder, definiu as orientações para o sexo, influenciando diretamente na vida e na cultura de cada um, bem como ações passadas que hoje são caracterizadas como crime ou dotada de preconceitos, como a relação sexual entre homens, que na época significava relações de poder.

Assim, os assuntos despertaram para o não julgamento de ações, pensando nos valores de cada época, colaborando para diminuir o preconceito, sobretudo atentando-se ao fato de refletir sobre o passado para compreender o presente. Contudo, nota-se que a falta de apoio das famílias e o despreparo dos profissionais são fortes obstáculos para a implementação da temática no cotidiano. Todas as atividades propostas e realizadas pela pesquisadora demonstraram o quanto é necessária a existência de uma formação que seja sustentada pelo conhecimento científico contextualizado com a prática de cada um, considerando o sujeito sempre como ser histórico.

6.4 As produções de 2018

A seguir, apresentamos o quadro síntese das produções acadêmicas mapeadas no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual no ano de 2018, seguido de um resumo de cada uma delas:

Quadro 4: As produções acadêmico-científicas em Programa de Pós-Graduação em 2018

1. TÍTULO	Sou gay e daí: a homossexualidade declarada por jogadores de voleibol – um estudo de caso
AUTOR	Alexandre Alberto Scabello Volpe
ORIENTADOR	Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Buscou investigar como foi a percepção da homossexualidade por 04 (quatro) atletas de voleibol e a relação em que essa exerce sobre as práticas e o meio esportivo.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais
2. TÍTULO	“Não deficientize minha sexualidade”: repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas pedagógicas
AUTORA	Denise Maria Nepomuceno Schiavon
ORIENTADORA	Profa. Dra. Fátima E. Denari
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Explora como 06 (seis) jovens com deficiência intelectual experimentam e vivenciam sua sexualidade, apresentando maneiras de trabalhar a temática contribuindo ao desenvolvimento desses enquanto prática pedagógica.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 03: olhares sociais e culturais
3. TÍTULO	Sob o signo da sereia: a feminilidade na experiência de mulheres trans deficientes
AUTORA	Drielly Teixeira Lopes Silveira
ORIENTADORA	Profa. Dra. Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Analisa o estigma em que o corpo transexual e deficiente sofre em relação às suas exteriorizações em relação à sexualidade perante as regras sociais, destacando para a experiência da feminilidade de mulheres trans deficientes.
CATEGORIA	TEMA 03: olhares sociais e culturais

TEMÁTICA	
4. TÍTULO	Negritudes, adolescências e afetividades: experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo
AUTORA	Elânia Francisco Lima
ORIENTADORA	Profa. Dra. Célia Regina Rossi
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Abarca reflexões alusivas à afetividade, negritude, gênero, classe e adolescência, entrevistando 06 (seis) adolescentes negras a compreender a subjetividade nas relações, desvelando suas potencialidades propiciando um resgate histórico.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais
5. TÍTULO	Do centro de ressocialização à reinserção social: o papel do poder executivo público municipal neste processo
AUTORA	Flávia Saletti Grecco Dotoli
ORIENTADORA	Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Conhecer a partir da ótica do poder executivo público municipal a reinserção social de reeducandas, investigando se existem ações que visam a prevenção da reincidência criminal.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais
6. TÍTULO	Sexualidade e deficiência intelectual: uma proposta de criação de material didático-pedagógico para intervenção escolar no município de Araraquara – São Paulo – Brasil
AUTORA	Karin Elizabeth Krüger
ORIENTADOR	Vagner Sérgio Custódio
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Conhecer ações de uma equipe escolar para trabalhar sexualidade principalmente com alunos que possuem Deficiência Intelectual. Como proposta de formação, propôs a construção e aplicação de um jogo como material pedagógico.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
7. TÍTULO	Sexualidade humana e Educação Sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do Ensino Fundamental
AUTORA	Lorena Christina de Anchieta Garcia Pola
ORIENTADORA	Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia
ANO	2018

EIXO PRINCIPAL	Apresentar uma proposta de formação de professores em Educação Sexual, visando a implementação da temática no Projeto Político Pedagógico da escola e conseqüentemente, adequá-la ao dia a dia em sala de aula.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
8. TÍTULO	O gênero feminino e os calçados: a influência do capital social como formação dos gostos de classes
AUTORA	Natália Castelli Bulzoni
ORIENTADOR	Prof. Dr. Vagner Sérgio Custódio
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Investiga 10 (dez) mulheres por meio do método praxiológico de Pierre Bourdieu, sobre o habitus de consumo, averiguando como o capital social interfere nas preferências do sujeito.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais
9. TÍTULO	Sexualidade e identidade feminina em “Iracema” de José de Alencar: da literatura romântica de vestibular à visão crítica dos vestibulandos
AUTORA	Nelma Eugenia Svizzero
ORIENTADORA	Profa. Dra. Maria Regina Momesso
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Por meio da análise do discurso foucaultiano buscou averiguar a obra literária <i>Iracema</i> de José de Alencar, a fim de subsidiar o trabalho no tocante à sexualidade com alunos do Ensino Médio e Técnico, analisando como essa intervenção pode contribuir para dar novos horizontes aos alunos vestibulandos.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
10. TÍTULO	Sexualidade, Educação Sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual
AUTORA	Paula Camila Argenti
ORIENTADORA	Profa. Dra. Débora Raquel da Costa Milani
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Dirige-se a averiguar as contribuições do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Unesp/campus Araraquara-SP, para a educação por meio da análise de 09 (nove) Dissertações.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos

11. TÍTULO	A história da criação do Papo Jovem: um projeto de Educação Sexual integrado ao currículo de uma escola de Ensino Fundamental e Médio
AUTORA	Rita Cássia Pereira Bueno
ORIENTADORA	Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Criação e aplicação do Projeto Papo Jovem, do qual significativamente contribuiu para avanços em relação a Educação Sexual exercida na escola.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos
12. TÍTULO	A construção discursiva do corpo do transhomem na perspectiva foucaultiana
AUTORA	Silvanie Campos de Souza
ORIENTADORA	Profa. Dra. Maria Regina Momesso
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Analisar o discurso de pessoas transgêneras sob a ótica do saber e poder que permeiam as relações pela análise do discurso de Foucault.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 03: olhares sociais e culturais TEMA 04: olhares médicos e biologistas
13. TÍTULO	Escola e transfobia: vivências de pessoas transexuais
AUTORA	Sylvia Maria Godoy Amorim
ORIENTADORA	Profa. Dra. Ana Paula Leivar Brancaleoni
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Buscou problematizar e refletir sobre a diversidade sexual no espaço escolar, dando voz aos que se sentiram estigmatizados. Sugeriu um jogo a fim de promover o respeito as diferenças.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 03: olhares sociais e culturais
14. TÍTULO	Estratégia Lúdica para a aprendizagem da diversidade de arranjos familiares na infância
AUTORA	Sylvia Regina de Oliveira Rodrigues
ORIENTADORA	Profª Drª Marcia Cristina Argenti Perez
ANO	2018
EIXO PRINCIPAL	Elaboração de uma proposta de material lúdico a ser trabalhado na escola enfatizando as famílias.
CATEGORIA	TEMA 01: olhares pedagógicos

TEMÁTICA	
-----------------	--

Fonte: Autora (2021)

A Dissertação de Volpe (2018), com o título: *Sou gay e daí: a homossexualidade declarada por jogadores de voleibol – um estudo de caso*, versa sobre a necessidade da desconstrução de gênero como pensamento dicotômico e polarizado. Historicamente, o voleibol, no país, foi praticado mais por mulheres, segregando o esporte pelo gênero, imprimindo muitos estigmas pela sociedade, como afirma o autor.

Os participantes desse estudo assumem a sua condição de “gays” perante a coletividade, no entanto, recebem reforços negativos a todo instante para se adequarem às normatizações que é do outro. Diante desses conflitos, a pesquisa, de caráter qualitativo, busca investigar “como atletas de voleibol adquiriram sua homossexualidade e se ela tem relação com uma possível evolução nas suas trajetórias esportivas”, bem como na sua história de vida (Volpe, 2018, p. 89).

Para análise dos dados, orientou-se pelo processo indutivo. A pesquisa de campo foi usada como mediação entre o ambiente e o objeto de estudo, uma vez que a subjetividade está inserida nesse contexto, constituindo-se o pesquisador como elemento primordial nessa fase.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas abertas com 04 (quatro) jogadores de voleibol homossexuais. Essas, guiadas por um roteiro composto de 15 (quinze) questões estruturadas a fim de saber mais no que corresponde à homossexualidade.

Foi expresso, na entrevista, que diariamente os participantes são expostos a comentários vexatórios em que se sentem oprimidos e pressionados a assumirem o papel heterossexual pelas próprias pessoas do cotidiano, inclusive do voleibol, como, por exemplo, na fala do entrevistado Ticão: “eles seguem muito a linha da estética do time, até mesmo por causa dos pais, patrocínios, eles nunca foram contra, sempre falam que a sua opção é com você, mas eu quero na equipe que seja assim, assado, que respeite, tenha limite” (Volpe, 2018, pp. 114). No entanto, houve unanimidade ao afirmar que a homossexualidade não atrapalha as relações profissionais. Todavia, as reflexões e o diálogo ainda inexistem na maioria dos espaços, o que acaba por reforçar tais práticas estigmatizadoras.

A pesquisa de Schiavon (2018), do qual se intitula *Não deficiencie minha sexualidade: repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas pedagógicas*, explora a dificuldade que os sujeitos têm de lidar com questões ligadas

à sexualidade de pessoas com deficiência intelectual, essas, por vezes, ignorada considerando que são assexuadas. Assim, a autora orienta para mudanças nas práticas pedagógicas que possam contribuir ao aluno e, por consequência, nas relações de convívio social.

Sensibilizar-se diante daquilo que foi ou é negado socialmente apenas por não seguir um padrão social, significa, também, mover-se diante das situações em que há estigma e segregação. Nesse sentido, ao que tange aos propósitos da pesquisa, Schiavon (2018), buscou analisar as representações gráficas de 06 (seis) jovens com deficiência intelectual, sendo esses não alfabetizados, com idades entre 15 (quinze) a 31 (trinta e um) anos, sendo cinco do sexo masculino e uma do sexo feminino, evidenciando suas potencialidades e dificuldades em relação à temática, assim como a forma que percebem e experimentam a sexualidade. De cunho qualitativo-descritivo, desenvolveu-se, no espaço escolar, oficinas pedagógicas em 03 (três) encontros numa Instituição de Educação Especial no interior do estado de São Paulo, sendo esses posteriormente registrados em diário de campo.

No primeiro encontro foi projetado um vídeo sem falas ou palavras, sendo: *Minha vida de João*, contando a história de um garoto que habitava uma sociedade demasiada extremista ao seguir os padrões de gênero. O segundo encontro da oficina pedagógica foi para dialogar sobre o filme e para criação dos desenhos, sendo pedido para que os participantes ilustrassem suas percepções por meio de uma imagem e explicassem-na. Houve a necessidade de reproduzir o vídeo novamente para lembrarem as situações apresentadas no filme. O terceiro e último encontro consistiu em sanar as dúvidas dos participantes sobre os assuntos abordados no vídeo, averiguando se os mesmos conseguiram compreender a temática, bem como a proposta da oficina pedagógica. Schiavon (2018) evidenciou questionar cada um dos jovens a fim de ter um panorama geral sobre o tema e a subjetividade da amostra.

De modo geral, os temas abordados nos desenhos estavam relacionados à doença sexualmente transmissível, violência e primeira relação sexual. Das discussões em que permeiam as análises, ficou evidente a compreensão dos participantes em relação aos assuntos abordados pelo vídeo e mediados pela pesquisadora em que foram expressos por meio dos desenhos. Sobre primeira relação sexual, houve a representação de duas pessoas na cama, sobre doenças sexualmente transmissíveis, o desenho de camisinha e, ainda, desenhos de hospitais e seringas, que sinalizam hospitalização em casos mais graves da doença. Para a violência doméstica, trouxeram muitas vivências do cotidiano, quando, por exemplo, expressaram “que o pai é violento, “que bebe” e “bate””, dentre outras situações. A partir de tais elaborações, evidenciou-se que, ao considerar o deficiente intelectual como assexual, está

se cometendo um equívoco, além promover a violência simbólica [grifos da autora] (Schiavon, 2018, p. 87).

A Dissertação intitulada *Sob o signo da sereia: a feminilidade na experiência de mulheres trans deficientes*, de Silveira (2018), analisa o estigma em que o corpo transexual e deficiente sofre em relação às suas exteriorizações da sexualidade perante as regras sociais e práticas heteronormativas, destacando para “a experiência da feminilidade de mulheres trans deficientes” (p. 28).

Como referencial teórico, a autora destaca as teorias: *queer*, *crip* e os *disability studies*. Para compreender melhor as experiências e a subalternidade existente na relação mulher x corpo deficiente e a mulher x transgênero em uma mesma pessoa, a pesquisa contemplou a metodologia de história oral temática, propondo a escuta da “história de vida de 02 (duas) mulheres trans portadoras de deficiência física, e 01 (uma) mulher transexual portadora de deficiência sensorial”, por meio da indagação: “o que a transgeneridade e a experiência do feminino acrescentaria à deficiência?” (Silveira, 2018, p. 28)

A pesquisa também traz considerações à construção dos conhecimentos sobre deficiência em relação à diversidade, à acessibilidade e à própria sexualidade, sobretudo aos estigmas circunscritos marcados socialmente. Sobre o método de análise, foi utilizada a análise textual discursiva, sendo os dados posteriormente categorizados por 03 (três) eixos, sendo: 1) “*o trânsito* como transgressão: da dificuldade de trânsito ao gênero itinerante (. . .); 2) *o olhar* como fonte de escárnio, reconhecimento e desejo (. . .); 3) *a mulher* como poder” [itálicos nossos] (Silveira, 2018, p.31).

As falas das entrevistadas vão em direção à desconstrução das relações já existentes sobre o feminino. A autora salienta que a ideia de acréscimo aliada ao belo junto à deficiência não se aplica, como foi a questão principal do estudo, visto que o corpo, especialmente do deficiente transexual, não é uma condição neutra socialmente, visto que muitas são as indagações perante a concepção de normalidade, travando lutas diárias por reconhecimento e liberdade para poderem ser quem são.

Lima (2018), em sua Dissertação, *Negritudes, adolescências e afetividades: experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo*, abarca reflexões alusivas à “afetividade, negritude, gênero, classe e adolescência”. Nesse ínterim, no intuito de elucidar questões subjetivas, a autora utilizou a pesquisa qualitativa. Para a coleta de dados, foram elegidos os recursos metodológicos grupo focal e história de vida (p. 59).

Participaram do estudo 06 (seis) adolescentes negras entre 13 (treze) a 17 (dezessete) anos moradoras do distrito de Grajaú, localizado no extremo sul de São Paulo-SP. A análise de conteúdo foi elegida para o tratamento de dados. As categorias elaboradas pela autora são: “identidade negra; olhares sobre as estéticas negras; vivências afetivo-sexuais e educação em sexualidade” (Lima, 2018, p.79).

De modo geral, as falas das entrevistadas exprimiram vulnerabilidade em relação à afetividade desde muito cedo, percebidas logo na infância situações de violência em que se imprime principalmente o racismo, perpetuando até o momento, mesmo que se instale hoje de modo mais subjetivo. A fragilidade em que se encontram essas e muitas outras meninas negras é consequência de uma sociedade que não respeita o próximo sequer nos seus mínimos direitos. É lamentável ter que conviver em uma sociedade que oprime, estigmatiza e seleciona, apenas por ser diferente dos padrões estabelecidos. Então vem o questionamento: afinal o que é belo? Foi concluído ainda, pela pesquisadora, que essa parcela da sociedade tem um caráter de invisibilidade.

O grupo focal aconteceu com uma participante a menos visto que essa não pôde comparecer no dia marcado. Para essa intervenção também foram adotadas 03 (três) categorias de análise, sendo: vivências afetivo-sexuais; autoimagem e racismo e, por fim, saúde mental. As participantes apresentaram-se e, em seguida, receberam a transcrição individual das próprias falas, momento em que puderam resgatar suas histórias de vida a fim de promover o diálogo e até mesmo ações motivadas pela pesquisa.

Dotoli (2018), em sua Dissertação: *Do centro de ressocialização à reinserção social: o papel do poder executivo público municipal neste processo*, dialoga sobre gênero e sexualidade, versando assuntos da literatura que estão relacionados a mulher presidiária e ao centro de ressocialização, refletindo também sobre a precariedade de programas para a reinserção social, a complexidade da lei de execução penal e a visão do poder executivo público municipal.

Dotoli (2018, p. 40) manifesta que,

discorrer sobre a mulher presa é entrar em contato com um universo ambíguo, onde a mulher após a reclusão é o foco e a imagem de algo ruim, transgressor e fragmentado, perde-se neste cenário a figura santificada do ser sagrado, da mãe, da mulher com desejos, do ser enquanto feminino, aprisionando desejos, sonhos e consciência de si.

À vista disso, o estudo tem a intenção de “conhecer a reinserção social de reeducandas na visão dos integrantes do poder executivo público municipal, investigando dentro disso, se há ações direcionadas à prevenção da reincidência criminal”. Nesse ínterim, para a coleta de dados foi realizado uma entrevista qualitativa com 10 (dez) questões abertas guiadas também por um roteiro semiestruturado concomitante ao questionário (Dotoli, 2018, p. 24).

A pesquisa foi realizada na cidade de Araraquara, na Prefeitura Municipal. Participaram do estudo 04 (quatro) integrantes do poder executivo público do município, sendo eles o prefeito, uma secretária de assistência e desenvolvimento social, um chefe de gabinete do prefeito e uma assistente social.

Para a análise de dados foi utilizado o método análise de conteúdo, sendo elaboradas as categorias temáticas: espaço, programa, mercado de trabalho, oportunidade, educação, convívio, acolhida, cursos, mercado de trabalho, amor e reincidência criminal. No que tange aos resultados, houve apontamentos positivos para a reinserção social referente aos assuntos tratados em cada tema, evidenciando a importância do engajamento e compromisso dos profissionais para recuperar as mulheres em reclusão em benefício da pessoa e da sociedade, colaborando para diminuição da reincidência criminal, além de tornar o processo mais humanizado.

Pode-se observar também que os projetos voltados diretamente às mulheres presidiárias são indispensáveis para que elas possam ir ao encontro da própria identidade que foi perdida. Sabendo disso, a prefeitura do município de Araraquara demonstrou comprometimento a oportunizar novos horizontes a essas pessoas.

Sexualidade e deficiência intelectual: uma proposta de criação de material didático-pedagógico para intervenção escolar no município de Araraquara – São Paulo – Brasil de Krüger (2018), apresenta a importância e a dificuldade em compreender que o ser humano que tem alguma deficiência não é assexuado e que ele também pode vivenciar a sexualidade. Em seu estudo, aborda especificamente a Deficiência Intelectual, mas as barreiras diante a sexualidade da pessoa com deficiência, independente de qual seja, ainda é um tabu enraizado culturalmente de difícil desconstrução.

O objetivo consiste em averiguar frente às atitudes de educadores em relação à sexualidade, as ações existentes em uma instituição de ensino pública na cidade de Araraquara, onde frequentam alunos que possuem algum tipo de Deficiência Intelectual. Propôs também a elaboração de um jogo didático e uma apostila a fim de proporcionar informação e orientação, contribuindo para a prática dos professores em relação a esses alunos e também enquanto formação.

Durante o texto, a autora buscou momentos na história em que mostrasse a evolução das políticas públicas em relação à adequação dos alunos com necessidades educacionais especiais. Ficou evidente que, atualmente, eles são mais respeitados e compreendidos, entretanto, muitos foram os esforços para tal e a realidade em que estes alunos se encontram hoje, inseridos no contexto escolar, ainda está longe do que seria considerado ideal.

O estudo se deu pela pesquisa de campo. Antes de iniciarem os jogos, foram realizados 07 (sete) encontros, em que se abordou alguns assuntos relacionados à sexualidade juntamente a atividades lúdicas com os alunos. A sala escolhida era dos primeiros anos do Ensino Fundamental, da qual havia uma criança com Deficiência Intelectual.

O jogo “Me Conhecendo” pretendeu fazer com que a criança falasse sobre si, como, por exemplo, o que mais gosta, o que a deixa angustiada, seus sentimentos, seu corpo, tudo isso de forma prazerosa, lúdica e significativa, uma vez que, ao jogar, elas podem falar, desenhar, fazer mímica, cantar, interpretar, enfim, usar a imaginação para falar de si, ficando à luz do mediador [professor] conduzir os temas, ajudar a planejar ações e executar.

Todas participaram dos jogos com entusiasmo, inclusive a aluna com deficiência intelectual, demonstrando apenas uma certa ansiedade até que chegasse sua vez. Desse modo, o docente, enquanto mediador desses saberes, pode inserir conceitos sobre a sexualidade de forma natural e tranquila, de modo que esses novos conhecimentos permitam-lhes conhecer o próprio corpo, bem como entender melhor seus sentimentos e sensações.

Ao utilizar essas estratégias, o professor favorece para o desenvolvimento do aluno com Deficiência Intelectual, contribuindo para que aconteça a inclusão de forma que este se sinta parte integrante desse espaço, fortalecendo a autoestima e motivando-os a continuar no caminho para o bom relacionamento e respeito com as diferenças.

Pola (2018) em sua Dissertação intitulada *Sexualidade Humana e Educação Sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental*, pode perceber, nas escolas, a aceitação em trabalhar a Educação Sexual. No entanto, observou a existência de um quadro de insegurança que evidencia dificuldades por parte dos professores para lidar com o assunto. Desse modo, viu-se a necessidade da formação desses profissionais, a fim de oferecer subsídios para trabalharem a temática no espaço escolar, visando também a inclusão da Educação Sexual no Projeto Político Pedagógico (PPP), uma vez que o Plano Municipal da cidade em que ocorreu a pesquisa visa metas e objetivos em relação à sexualidade.

O projeto a ser aplicado no Ensino Fundamental I, intitulado como: “Eu e o mundo: conhecendo e respeitando a diversidade”, constitui-se junto aos professores com atividades de

formação continuada, das quais seriam realizadas em horários destinados às Atividades de Trabalho Coletivo - duas horas semanais após o período de aula -, sendo esses momentos já existentes destinados à formação. A instituição é uma escola municipal de Bauru em que a pesquisadora é professora, sendo facilitadas as suas sugestões, ideias e projetos a serem inseridos na rotina da instituição. Assim, concordaram com o projeto a equipe diretiva, docentes e os pais dos alunos.

O grupo foi composto por 25 (vinte e cinco mulheres) e todas tinham formação em nível superior, sendo a maioria com graduação em Pedagogia, outras em Arte e Educação Física, e 04 (quatro) membros da Equipe Gestora da Unidade Escolar do Ensino Fundamental – ciclo I. Aconteceram 04 (quatro) encontros com duração de 01 (uma) hora cada. As participantes esclareceram que nunca receberam formação sobre a temática e não se sentem aptas a trabalhá-la em sala, reconhecendo a necessidade de adquirirem saberes a respeito (Pola, 2018).

Conforme Pola, (2018), o Projeto Político Pedagógico da escola inseriu o Programa de Educação Sexual elaborado pela professora pesquisadora, sendo trabalhados pelas disciplinas “de Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Inglês, Arte e Educação Física” (p. 64). Desse modo, cada disciplina pode contribuir ao desenvolvimento da temática. Os temas escolhidos para os encontros foram: “diferença entre os conceitos de sexo e sexualidade, Plano Municipal de Educação vigente, Educação Sexual no Projeto Político-Pedagógico e Violência Sexual Infantil”; sendo analisados também os materiais que dispunham (p. 10).

Como metodologia de análise, foi utilizado o questionário e o método caderno de campo para resultados e anotações sobre o desenvolvimento do projeto. Ao fim do encontro, aplicou-se o questionário com questões abertas e fechadas com intuito de ter um parâmetro sobre o que consideraram ser positivo e negativo, além de obter sugestões.

Em relação aos resultados, o projeto já inserido no Projeto Político Pedagógico, propiciou o entendimento ainda maior por parte da gestão, professores e pais, avaliando o programa de modo proveitoso e construtivo, uma vez que conseguiram sanar muitas dúvidas e adquirir novos conhecimentos, além de que estiveram mais conscientes sobre a necessidade de a Educação Sexual ser inserida na escola. Porém, ficou evidente que acreditam ser mais eficiente quando feita por pesquisadores da área profissionais de saúde, revelando, assim, que ainda não possuem consciência dos seus lugares nessa tarefa e, ainda, que ela deve acontecer sempre e não esporadicamente.

No entanto, embora a formação tenha sido positiva, as professoras encontravam-se ainda inseguras para trabalhar a temática, buscando sempre auxílio da pesquisadora para a realização da atividade em sala de aula, evidenciando que não desenvolveram autonomia para colocar em prática ações para a efetivação da Educação Sexual.

A Dissertação de Bulzoni (2018), *O gênero feminino e os calçados: a influência do capital social como formação dos gostos de classes*, investiga “o habitus de consumo de agentes do gênero feminino utilizando-se do método praxiológico de Pierre Bourdieu, o qual se utilizou da análise de estratificação social e sustenta que o capital social interfere na formação dos gostos e desejos dos indivíduos” (p. 22).

Foi realizado também pesquisas do tipo bibliográfica e qualitativa, ambas sustentadas pelas teorias de Pierre Bourdieu. Essa última, consistiu na aplicação de um questionário semiestruturado aberto via online e entrevistas semiestruturadas, das quais participaram 10 (dez) mulheres do interior de São Paulo. É necessário frisar que Bulzoni (2018), comercializa sapatilhas femininas de sua própria marca [*meGusta!*]. Assim, o critério de seleção das participantes se deu por traçar um perfil consumista a partir de suas clientes.

Ao investigar as falas das entrevistadas, a autora revela que existe uma simbologia por trás do sapato comprado. Esse valor atribuído à forma material exhibe os padrões ditados socialmente, influenciando e determinando com quem, como, onde e quando se deve fazer algo para pertencer a um grupo aceito pelas regras e normas, sobretudo do consumo, sendo comprovado nos exemplos relatados pelas participantes desse estudo, das quais afirmaram se sentirem mais seguras e felizes ao adquirir um sapato novo.

Em suma, a moda pode ser considerada supérflua, sendo que a classe social em que pertence o sujeito diz muito sobre essa condição. É preciso considerar que as vivências e a necessidade em se sentir aceito por um grupo social é um comportamento – quase – intrínseco ligado ao consumismo e a outros comportamentos sociais. Usando esses artifícios, muitas marcas valem-se de propagandas voltadas aos desejos das mulheres, incentivando ainda mais a compra. Assim sendo, pela ótica do *habitus*, essa visão de produto necessário ou não será expresso também dependendo do estilo de vida, sendo que a moda geralmente permeia as classes médias e acima dela.

Svizzero (2018), em *Sexualidade e identidade feminina em “Iracema” de José de Alencar: da literatura romântica de vestibular à visão crítica dos vestibulandos*, versa sobre multidisciplinaridade em que a sexualidade está imersa, especialmente no âmbito educacional, expressando que a Educação Sexual como tema transversal é viabilizada em conjunto com outras áreas do conhecimento, mas precisa de formação e planejamento.

A pesquisa evidenciada nessa Dissertação está articulada a um estudo macro em que se insere o questionário utilizado nesse estudo. Envolve-se “três discentes do ensino médio técnico, advindas de pesquisas de Iniciação Científica PIBIC/Jr, as quais fazem parte das atividades desenvolvidas dentro do projeto de pesquisa *Educação Sexual: a literatura e as mídias como tecnologias de si na construção de modos de existência*”, integrantes também às pesquisas do Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagem e Discursos (GESTELD) (Svizzero, 2018, p. 131).

Assim, Svizzero (2018, p. 11) desenhou nesse estudo uma proposta que favoreça trabalhar duas áreas do conhecimento: a Educação Sexual e a “leitura literária de obras canônicas que vem se apresentando como um problema, isto é, a leitura interpretativa que os jovens vestibulandos têm de realizar das obras propostas para as provas de admissão é um grande desafio para os professores e alunos”.

Dos objetivos da pesquisa, buscou, por meio da análise do discurso francesa, averiguar “a obra literária *Iracema* de José de Alencar, identificando a presença de aspectos relativos à sexualidade, ao erotismo e à identidade feminina, para que sirvam de subsídio para o trabalho com a Educação Sexual dentro do Ensino Médio e Técnico”. Ainda, verificou como essa leitura reflexiva da obra pode contribuir para dar novos horizontes aos alunos vestibulandos (Svizzero, 2018, p. 15).

Dos caminhos metodológicos, contemplou a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. O início da coleta deu-se em parceria ao trabalho da professora de Língua Portuguesa e Literatura Colégio Técnico e de Ensino Médio de uma cidade do interior de São Paulo/SP. Para tratamento dos dados, definiu-se pela análise do discurso francesa orientando-se por reflexões foucaultianas.

Foi aplicado um questionário online com 13 (treze) questões para 102 (cento e dois) alunos do segundo ano do Ensino Médio Técnico do curso de informática, eletrônica e mecânica de um colégio técnico estadual de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, com idades entre 14 (quatorze) a 20 (vinte) anos a fim de saber se conseguiram ressignificar os temas desenvolvidos nas análises do romance *Iracema*. As questões estão divididas em duas partes, sendo as 04 (quatro) primeiras de múltipla escolha e as outras 09 (nove) discursivas.

Dos resultados, mostraram-se positivos a medida em que os alunos conseguem responder com segurança o questionário, evidenciando que a maioria pôde assimilar e elaborar os novos conhecimentos. Algumas respostas evidenciaram que alguns assuntos precisam ser mais dialogados, todavia, esse processo é necessário, faz parte do aprendizado e precisa ser contínuo.

Svizzero (2018) ainda sugere como proposta de trabalho na escola, um projeto de Literatura e Educação Sexual para o Ensino Médio “a partir da ressignificação da obra *Iracema*”, contemplando o desenvolvimento da leitura literária crítica, interpretação textual e ressignificação dos temas trabalhados na obra (p. 153).

A Dissertação *Sexualidade, Educação Sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual* de Argenti (2018), dirige-se a averiguar as contribuições do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Unesp/campus Araraquara para a educação por meio da análise de 09 (nove) Dissertações, investigando ações frente à formação docente a fim de oferecer subsídios para a efetivação no espaço escolar.

Evidencia-se que “na escola a sexualidade também está presente. É esperado que os docentes contribuam através de reflexões sobre as temáticas junto aos alunos, orientando-os e fazendo questionamentos, desfazendo preconceitos e tabus” (Argenti, 2018, p. 20).

Desse modo, o objetivo do estudo permeou analisar especificamente as produções das 02 (duas) primeiras turmas do programa compreendidas entre os anos de 2015 a 2017, no banco de dados do referido Programa, das quais estejam relacionadas ao tema sexualidade, educação sexual e gênero diante do ambiente escolar. Em um primeiro momento, foram levantados 35 (trinta e cinco) Dissertações; posteriormente por meio de palavras-chave foram selecionadas 09 (nove) para análise, como já mencionado anteriormente, devido ao enfoque do trabalho. (Idem, 2018)

Para sistematizar os dados coletados, foi utilizado a metodologia análise de conteúdo. A autora fez uma síntese das pesquisas e posteriormente dividiu em quadros os resultados, traçando um panorama e explorando as Dissertações de modo a evidenciar as similaridades e diferenças entre elas a fim de promover discussões sobre a esfera escolar, bem como sobre a formação do aluno e do professor e os desdobramentos para fazê-la. Ainda, ao reiterar sobre os resultados dos projetos, imprimiu-se variadas maneiras de se trabalhar a Educação Sexual no campo educacional objetivando contribuir à prática que ainda é tida como adversa por muitos docentes.

Verificou-se a falta de políticas públicas capazes de atender as demandas da sexualidade na escola, inclusive há um desinteresse por alguns da gestão e órgãos públicos para assumir tais responsabilidades. O Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Unesp/campus Araraquara-SP, ao possibilitar a divulgação das pesquisas, compromete-se a colaborar na propagação das experiências positivas e responsáveis em sexualidade empregadas na prática pedagógica, incentivando as mesmas.

Bueno (2018), em *A história da criação do Papo Jovem: um projeto de Educação Sexual integrado ao currículo de uma escola de Ensino Fundamental e Médio*, conta que o projeto “Papo Jovem” foi constituído ainda quando a pesquisadora cursava uma especialização em Educação Sexual, sendo já posto em prática no decorrer de suas aulas nas instituições públicas onde lecionava na cidade de Amparo-SP e, posteriormente, em uma escola privada na cidade de Jaguariúna-SP onde era professora e coordenadora da mesma.

A autora conta que, depois de muitos esforços, o projeto foi aceito pela escola particular, sendo incluído no Projeto Político Pedagógico (PPP) e também no currículo. A linha de trabalho do projeto é próxima à Educação Sexual emancipatória, da qual acredita que “a sexualidade deve ser integrada na totalidade da pessoa e se converte em expressão consciente e autêntica do que ela é”, considerando o diálogo como ferramenta para adquirir saberes e conceitos relacionados à temática (Bueno, 2018, p. 61).

Os participantes têm entre 09 (nove) e 17 (dezesete) anos, sendo a metodologia utilizada a pesquisa-ação. Os eixos norteadores das aulas nos projetos foram divididos por anos e séries, dispostos da seguinte maneira: Ensino Fundamental II; 6º ano - puberdade, 7º ano - corpo reprodutivo, 8º ano - corpo sexual, 9º ano - vulnerabilidade e IST. Para o Ensino Médio: 1º série - valorização pessoal e IST, 2º série - relacionamentos e diversidade, 3º série - projeto de vida. Posteriormente, com a reestruturação da grade curricular, o projeto teve a oportunidade de ser incluído no currículo, relacionando escola e família e sendo expandido para outras turmas de diferentes idades (Bueno, 2018).

Oriundas do projeto, várias atividades foram realizadas, sendo elas: oficinas em feira de ciências na escola, onde foram realizadas diversas atividades dinâmicas que explicavam a temática para a comunidade escolar e externa, até um filme produzido e estreado pelos próprios alunos, além de tendas informativas nas ruas para dar, por meio da abordagem e distribuição de panfletos, esclarecimentos à comunidade sobre doenças transmissíveis e, ainda, deram entrevista na rádio sobre o projeto sendo noticiados no jornal “Gazeta”, criaram páginas nas redes sociais e houve também a participação em congressos, sendo este último representado pela professora.

Entretanto, durante o percurso a professora e pesquisadora Rita Bueno, pode perceber momentos em que a sexualidade era frágil no campo educacional. Mesmo com inúmeros objetivos alcançados, a falta de parceria com outros professores no dia a dia era mínima, assim como acontecimentos rotineiros ligados à sexualidade estavam diretamente relacionados de modo negativo com o nome da professora e ao projeto em que desenvolvia.

Ainda, os professores usavam nomes pejorativos a ela e ao projeto, como “a sala da suruba, a professora do sexo”, entre outros (Bueno, 2018, pp. 116-117).

Embora existam posicionamentos contrários, a autora salienta “que trabalhar com a Educação Sexual exige dedicação, criatividade, respeito, cautela, perseverança e profissionalismo e que as dificuldades citadas podem ser superadas pelo sorriso de gratidão e pelo feedback dos alunos”. Todavia, o principal objetivo do projeto Papo Jovem era oportunizar momentos de construção de aprendizagens sobre a Educação Sexual, e assim foi feito (Bueno, 2018, p. 119).

Souza (2018), em sua Dissertação intitulada: *A construção discursiva do corpo do transhomem na perspectiva foucaultiana*, analisa os discursos de pessoas transgêneras descrevendo as “relações discursivas que constroem o corpo do transhomem, tanto as relações imersas a verdades e saberes, quanto as permeadas por controle, disciplina e poder que se materializam nesses corpos” (p. 07).

Uma curiosidade a saber: das razões pela qual a autora escolheu a temática de sua Dissertação, foi em razão da “inauguração do 1º Ambulatório da região Norte para pessoas transgêneras no ano de 2015. Este ambulatório é 6º polo do Brasil a oferecer o processo transexualizador pelo SUS,” despertando-lhe curiosidade sobre as vivências desse local (Souza, 2018, p. 66).

A pesquisa, aqui qualitativa, contempla o estudo de campo, guiado pela análise de discurso francesa de Foucault. Como método, utilizou-se um roteiro de entrevista. Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico. Posteriormente, a coleta de dados aconteceu no município de Belém-PA pelo intermédio “da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (SEJUDH), por meio da Gerência de Proteção à Livre Orientação Sexual/GLOS, representada naquele momento pelo gerente José Roberto Chaves Paes”, sendo esses quem auxiliaram a pesquisadora a encontrar os participantes para o estudo, além de contribuir para agendamento e local das entrevistas (Souza, 2018, p. 65).

Participaram do estudo 04 (quatro) transhomens com idades entre 20 (vinte) a 40 (quarenta) anos de idade. Conforme os dados da entrevista, todos declararam ter passado pelo processo transexualizador, além da hormonização, sendo que um dos participantes fez também a mamoplastia masculinizadora. Todos afirmaram também não terem realizado retificação do nome civil, mas fazer uso do nome social (Idem, 2018).

Foram definidas duas categorias de análise, sendo elas: saber e poder. Nesse seguimento, foi identificada a indissociação entre as verdades produzidas e os poderes a elas direcionadas. Nesse sentido, tem-se a ideia do corpo discursivo em um cenário estranho onde

reina a heteronormatividade, fazendo-o questionar a ordem do discurso e, caso esse se encontre enraizado e naturalizado pela norma, tornar-se-á um corpo heterossexual, como necessidade de ocupar a imagem do homem cisgênero e não mais a visão de transexualidade, uma vez que essa condição ainda os estigmatiza. Ficou nítido que a busca é pela adequação aos padrões do modelo heteronormativo, essa posição evidencia o discurso de legitimidade.

Amorim (2018) em seu estudo *Escola e transfobia: vivências de pessoas transexuais*, faz uma reflexão sobre a percepção da pessoa transexual na escola, considerando esse ambiente hostil e humilhante por meio de ações preconceituosas, como a “discriminação, negação, estigmatização ou ódio contra toda sexualidade que não seja a heterossexual se expressam de forma sistêmica na escola”, impedindo muitas vezes a conclusão dos estudos, levando-os a evasão (p. 15).

Ao longo de seus escritos, buscou evidenciar que o sexo visto simplesmente como algo biológico necessita ser problematizado e refletido, uma vez que o sujeito na posição de pessoa transexual causa certo “estranhamento” quanto à heteronormatividade, sendo essa posta em confronto, pensando nas normas como a verdade moral a ser seguida. No entanto fica o questionamento: a verdade de quem?

A escola, vista como local privilegiado de relações interpessoais, interações e manifestações sexuais, ainda não consegue viabilizar o respeito e a igualdade perante as diferenças, passando a entender que até o momento “é uma instituição que promove o silenciamento sobre a sexualidade, acarretando efeitos discriminatórios na realidade de alunos de orientação homoafetiva e transexuais” (Amorim, 2018, p. 37).

A metodologia utilizada foi a “história oral temática”, em que buscou entender a história de vida dos entrevistados antes e durante a trajetória escolar. Sobre a caracterização dos entrevistados, 05 (cinco) participaram do estudo, sendo eles: 02 (dois) homens trans, 01 (uma) mulher trans (politicamente travesti) e 02 (duas) travestis. Todos possuíam Ensino Médio, alguns Ensino Superior e Ensino Técnico, exceto um deles, que tinha Ensino Médio incompleto. As idades entre eles variaram entre 20 (vinte) e 45 (quarenta e cinco anos).

Sobre os resultados da pesquisa, todos os participantes demonstraram sofrer algum tipo de constrangimento por sua diferença de gênero ou representação que não condiziam com o cenário binário. Essas diferenças foram acentuadas por um ambiente desrespeitoso e opressor, existindo o desprezo, silenciamento, repulsa, preconceito, violência verbal e não verbal, invisibilidade pelos sentimentos de exclusão, por não se sentir confortável nas vestimentas condizentes às normas, dentre outros. Entretanto, chama atenção na fala de todos entrevistados que não compreendem ao certo o que acontecia, percebiam que havia algo

considerado errado e só entenderam com o passar do tempo. Esse ambiente negativo resultou em uma trajetória traumática na escola, que pode causar danos futuros, cena que continua acontecendo e por vezes levando à evasão.

Pensando em um material que possa oferecer conhecimento ao mesmo passo em que envolva afeto e empatia, a autora elaborou um jogo por meio dos relatos dos entrevistados para ser trabalhado na escola com o intuito de refletir sobre a heteronormatividade, o preconceito em sala de aula, as dificuldades em conseguir emprego, a rejeição familiar, a violência, o isolamento, o conhecimento dos Direitos Sociais, entre outras inúmeras possibilidades de trabalho.

Voltado para professores e alunos do Ensino Fundamental 6º, 7º, 8º e 9º ano e Ensino Médio, o jogo intitulado *Trans(dialogando)* permite abordar questões de gênero, orientação e práticas sexuais; além de discutir as dificuldades das quais vivenciam pessoas consideradas fora do padrão social, buscando colocar-se no lugar do outro, além de propiciar orientações pelos Direitos sociais para LGBT (Amorim, 2018).

Contudo, por meio das falas dos pesquisadores, a escola tem se mostrado local de silenciamento, segregação e reprodutora de padrões heteronormativos, os quais ainda causam sofrimento nos indivíduos que apresentam alguma diversidade, fazendo-os sentir não pertencentes a este ambiente.

Estratégia Lúdica para a aprendizagem da diversidade de arranjos familiares na infância de Rodrigues (2018), compreende que, por meio da história e suas transformações, é possível identificar as modificações no seio familiar e seus diferentes modos de se constituir. Apesar de ser um fato habitual, a sociedade brasileira ainda se mostra muito conservadora, tendo dificuldades em lidar com essas mudanças, transbordando preconceitos e até ódio sobre tudo o que é contrário aos ideais, à moral e aos bons costumes.

Pensando em maneiras de mostrar à criança como as famílias podem ter várias configurações e como abordar esse e outros assuntos relacionados à sexualidade de forma lúdica e significativa no ambiente escolar, o estudo propôs a elaboração de um material que pudesse colaborar com a prática pedagógica em relação ao trabalho que visa os diversos arranjos familiares.

Sobre o material, foram confeccionados, em tecido: dedoches com características masculinas, femininas e infantis, bonecos com diferentes características, avental e tapete. Segundo a pesquisadora, o “objetivo é trabalhar com as crianças sobre as novas formações familiares existentes na atualidade”, sendo que, “. . .) o professor pode aproveitar o momento

para abordar temas como imagem corporal, preconceitos e autoestima e algumas diferenças entre homens e mulheres (. . .)”, e outras possibilidades de uso (Rodrigues, 2018, pp. 81-84).

A proposta de utilização consistiu basicamente em criar uma identificação pessoal com os materiais dispostos, observando quais características se parecem mais com a própria família. O professor, por sua vez, mediador da atividade/brincadeira, pode apontar os diferentes aspectos que fazem as características se tornarem únicas, compreendendo o que pensam os alunos a respeito, legitimando o vínculo afetivo das famílias nas relações e não nas configurações.

Percebendo as brincadeiras e os jogos como potentes ferramentas de aprendizagem, Rodrigues (2018, p. 87), diz que “é na representação de papéis que as crianças se projetam no mundo dos adultos, mesmo sem compreender completamente os hábitos e a cultura”. Dessa maneira, os materiais concretos lúdicos aqui descritos e elaborados pela pesquisadora podem ser utilizados com variadas estratégias por meio da mediação do professor, de modo que as vivências trazidas pelas crianças no momento da brincadeira possam ser reelaboradas e ressignificadas.

6.5 As produções de 2019

A seguir, apresentamos o quadro síntese das produções acadêmicas mapeadas no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual no ano de 2019, seguido de um resumo de cada uma delas:

Quadro 5: As produções acadêmico-científicas em Programa de Pós-Graduação em 2019;

1. TÍTULO	Percepções da infância na contemporaneidade: a escuta de educadores formadores de uma rede municipal de ensino
AUTORA	Andréa Simone de Andrade Colin
ORIENTADORA	Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez
ANO	2019
EIXO PRINCIPAL	Objetivou saber de um grupo de 06 (seis) educadores formadores de uma cidade do Estado de São Paulo, que atuam em um centro de formação continuada especialmente para professores da Educação Infantil da rede municipal, quais eram suas percepções sobre a infância e os saberes necessários a essa construção no lugar do educador na atualidade.
CATEGORIA	TEMA 01: olhares pedagógicos

TEMÁTICA	
2. TÍTULO	Abordagem metodológica sociodramática para a reflexão sobre a temática da diversidade em uma instituição de ensino
AUTORA	Melissa Oliver Vidal
ORIENTADORA	Profa. Dra. Célia Regina Rossi
ANO	2019
EIXO PRINCIPAL	Buscou problematizar a escola pela ótica do método sociodramático usando a pesquisa-ação para conhecer as percepções em relação a diversidade no ambiente escolar de um grupo de professores de uma escola pública de Ensino Integral no interior do estado de São Paulo.
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos TEMA 02: olhares psicológicos e/ou olhares para saúde
3. TÍTULO	Infância, gênero e Educação Infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores
AUTORA	Vanessa Cristina Sossai Camilo
ORIENTADORA	Prof. ^a Dra. Marcia Cristina Argenti Perez
ANO	2019
EIXO PRINCIPAL	Compreender e colocar em prática ações para 12 (doze) educadores do Ensino Infantil de uma cidade do interior de São Paulo, no que tange às percepções relacionadas a infância, sexualidade e gênero por meio de um Projeto de Intervenção intitulado <i>Pequenos Passos</i> .
CATEGORIA TEMÁTICA	TEMA 01: olhares pedagógicos

Fonte: Autora (2021)

Colin (2019) para o estudo intitulado *Percepções da infância na contemporaneidade: a escuta de educadores formadores de uma rede municipal de ensino* vai de encontro aos saberes necessários a construção da infância na contemporaneidade.

De natureza qualitativa, a pesquisa objetivou saber de um grupo de 06 (seis) educadores formadores de uma cidade do Estado de São Paulo, que atuam em um centro de formação continuada especialmente para professores da Educação Infantil da rede municipal, quais eram suas percepções sobre a infância na atualidade.

Para tal, foi utilizado um estudo empírico contemplando a entrevista semiestruturada, sendo essa dividida em seis categorias:

a primeira trata do perfil do participante, a segunda refere-se à vivência da infância do participante, a terceira da concepção de infância e criança, a quarta da prática docente

com a infância e por último, e quinta parte, a infância e a mídia sobre a ótica do participante (Colin, 2019, p.59).

Sobre o perfil dos entrevistados: possuem idades entre 37 a 54 anos, sendo 05 (cinco) do sexo feminino e 01 (um) do sexo masculino. Após a fase da coleta, os dados foram transcritos e interpretados pela análise de conteúdo.

Foi identificada, nesse estudo, a visão positiva de uma infância pessoal pelos entrevistados. A amostra relaciona veementemente o brincar, as brincadeiras e o brincar com o fato da infância ter sido feliz, logo, compreendem as diferenciações da contemporaneidade atreladas à época em que se vive, acompanhando as transformações sociais.

A pesquisa revela semelhanças entre as percepções dos educadores, exprimindo afinidade também nas idades entre eles, além de expressarem experiências infantis parecidas e relacionadas ao brincar – à época em que foram crianças – realizam atividades em conjunto desde o ano de 2014, semelhantes até mesmo na prática docente. Fatos esses que a autora comenta ser possíveis justificativas para pensamentos tão homogêneos.

No que tange à formação de outros educadores, pelos participantes, todos sentem-se responsáveis em dar sua contribuição a fim de promover novas reflexões e ações para a Educação Infantil, sobretudo nas relações que envolvem o lúdico e o brincar, oportunizando novas maneiras de aprendizagem e interação, como no caso das tecnologias digitais.

A Dissertação intitulada *Abordagem metodológica sociodramática para a reflexão sobre a temática da diversidade em uma instituição de ensino*, Vidal (2019), utiliza o sociodrama como base teórica, sendo esse “método composto de técnicas de ação que auxiliam o desenvolvimento das relações humanas, para compreender como o tema da diversidade emerge para os/as professores/as e o que eles/as revelam sobre o tema e sobre o método sociodramático” (p. 17).

O sociodrama integra à Sociatria, tais termos configuram-se como métodos de ação para intervenções grupais. Vidal (2019, p. 28) explica que, segundo a teoria de “Malaquias (2012), as práticas dessa estrutura são sustentadas pela tríplice: contexto (social, grupal, dramático), elementos (diretor, ego-auxiliar, protagonista, palco, plateia) e fases (aquecimento, dramatização, compartilhar, processamento)”. Ainda, as técnicas duplo, espelho inversão de papéis e interpolação de resistência são utilizadas dentro da sociatria como práticas básicas de aquecimento e dramatização.

Seguindo essas técnicas, tem-se a catarse, fase de destaque no psicodrama, compreendendo-a em um estágio terapêutico purificador capaz de promover equilíbrio e serenidade, indo além do alívio e da cura. Entende-se, então, que, em um sociodrama, a “liberação do potencial espontâneo é desencadeada pela catarse de integração”, sendo o novo modo de perceber o mundo, por seus sentimentos e sensações capazes de promover uma integração coletiva a fim de lidar com as questões sociopsicológicas em conflito para buscar uma nova harmonia social. Nesse sentido, a autora buscou problematizar a escola pela ótica do método sociodramático, pensando na diversidade encontrada nesse espaço (Vidal, 2019, p. 32).

Ao relacionar o campo da diversidade com a escola, observa-se a necessidade da reconstrução dos hábitos há tempos marcados nesse ambiente, visto que a ocorrência da violência simbólica é frequente e naturalizada, além de outros inúmeros desafios que necessitam urgentemente de estratégias pedagógicas capazes de dar novos rumos à educação.

Nesse ínterim, foi usado a pesquisa-ação para conhecer as percepções em relação a diversidade no ambiente escolar de um grupo de professores de uma escola pública de Ensino Integral no interior do estado de São Paulo por meio do sociodrama. Para além, a metodologia qualitativa foi elegida para o estudo de caso a fim de compreender as particularidades dos olhares da equipe escolar. Participaram do estudo 22 (vinte e dois/duas) professores/as, a gestora e a vice gestora. Usou-se o “questionário semiestruturado e o método sociodramático para compreender como o tema da diversidade emerge para os/as professores/as e o que isso revela sobre o tema e sobre o método sociátrico” (Idem, 2019, p. 41).

Sobre a aplicação do projeto, foram realizados 04 (quatro) encontros na escola citada anteriormente, sendo um por mês. Por meio das quatro fases do sociodrama, “aquecimento, dramatização, compartilhamento e processamento”, foram trabalhados o tema diversidade. “Nas quatro intervenções executadas, foram utilizadas as técnicas do duplo e objeto intermediário na fase do aquecimento”. Nos dois primeiros encontros, os participantes estavam desconfortáveis e resistentes à participação, sendo percebido na fala da/o participante: “Estamos aguardando, só de olho”. Assim, nessa fase de aquecimento, o psicodratista precisa construir uma certa sintonia com os participantes (Vidal, 2019, p. 70).

Usando o duplo, verbalizava os sentimentos quando esses eram parecidos ao sentimento dos participantes, e ainda, verbalizava aqueles possíveis de não serem ditos. Nesse momento, a autora reforça a importância dessa fase ser feita com autenticidade e sinceridade, para dar fidedignidade às novas percepções que estão emergindo. Conforme

foram experimentando as vivências grupais, a resistência foi diminuindo, relacionando esse fato à sensação de pertencimento, o que gerou maior aproximação e intimidade entre o grupo, mesmo que existam diferentes concepções.

Sobre a fase de dramatização, nos dois primeiros encontros o exercício era repensar e falar as impressões sobre a temática proposta, em que também eram convidados/as a ouvir o/a outro/a. A autora identificou a evolução a cada encontro, positivando a escuta empática, além da oportunidade do compartilhamento pessoal com os outros, sendo percebido na fala: “eu estava enganado com várias coisas e vários colegas”, o que favoreceu o crescimento pessoal, profissional, fortalecimento do vínculo e do sentimento de acolhimento. O terceiro encontro também foi marcado por esses sentimentos após a dramatização (Vidal, 2019, p. 72).

Pela ótica das experiências sociodramáticas, os participantes tiveram a oportunidade de buscar um novo equilíbrio entre as antigas e novas concepções sobre os conceitos trabalhados. Nessa vivência grupal, puderam se expressar e ser verdadeiramente o que são, sem regras morais, sem rótulos, distinções etc. Desse modo, foi possível elaborar novos modos de interpretar a realidade e, com isso, novas formas de lidar com o cotidiano. Para ilustrar a fase do encontro, esse processo recebe o nome de catarse. O último encontro remete-se às perguntas do questionário. Por meio da dramatização, são questionadas as reivindicações dos professores: falta de formação, falta de tempo, currículo extenso, dentre outros.

Essa reflexão intensa, marcada pelas novas elaborações da catarse, permite compreender que todos nós somos sujeitos no universo da diversidade, não só os alunos – como pensavam alguns educadores no início da intervenção – e, por fazer parte desse grupo macro, serão capazes de mover ações próprias para lidar com as dificuldades no tocante à diversidade enquanto pessoa ativa e professor/a. Portanto, no presente estudo, o método sociodrama demonstrou-se efetivo para compreender as novas elaborações, perspectivas, reflexões e busca pelo novo equilíbrio nesse espaço em relação à temática em destaque.

A Dissertação *Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores*, de Camilo (2019) dialoga sobre as relações que a escola propicia para a construção do sujeito, considerando-as como fundamentais na elaboração do processo de desenvolvimento. Assim sendo, a comunidade escolar, especialmente o professor, tem em mãos a responsabilidade de lidar com as diversas questões rotineiras e transversais às aulas necessárias de discussões. Uma delas é a sexualidade. Desse modo, o intuito da presente pesquisa foi de compreender e colocar em prática ações relacionadas à atuação de 12 (doze)

educadores do Ensino Infantil de 04 (quatro) a 05 (cinco) anos de idade em uma cidade do interior de São Paulo, analisando, para isso, percepções relacionadas à infância, sexualidade e gênero por meio de um Projeto de intervenção intitulado “Pequenos Passos”.

O estudo foi dividido em três fases: 1º) estudo teórico; 2º) mapeamento no Repositório Institucional da Unesp (Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual - FCLAr), utilizando as palavras-chave: gênero, formação docente e Educação Infantil, sendo o recorte temporal de 2013 a 2019; 3º) investigou-se professores da rede pública de Educação Infantil, sendo elaborado um curso de formação para os mesmos a partir das dificuldades identificadas pela pesquisadora por meio da pesquisa-ação.

A formação aconteceu em 03 (três) encontros realizados em espaço cedido pela Secretária de Educação. O primeiro foi para aplicação do questionário e apresentação do projeto para as/os docentes. Já no segundo, a pesquisadora expôs gráficos com a análise dos questionários. Após isso, ela introduziu, aos educadores, conceitos relacionados à infância, a fim de despertá-los para a temática. Em seguida, puderam indicar, por meio de uma filipeta, os temas dos quais gostariam que fossem abordados para o próximo encontro.

Para o terceiro encontro, houve a conceituação de gênero e apresentação de vídeos que tratavam da sexualidade em suas inúmeras nuances. Após tal explanação, foram trabalhadas 04 (quatro) atividades práticas sobre a infância tratando questões relacionadas a gênero e sexualidade, sendo elas: luva pedagógica, história na lata, música e vídeo aula, evidenciando a esses profissionais as variadas possibilidades de trabalho, além dos benefícios, da seriedade e da responsabilidade com a Educação Sexual formal pelos princípios éticos, estéticos e políticos. Ao final da formação as/os participantes receberam certificação.

Para as análises de dados, utilizou-se o conceito de unidades significativas. Para o seguimento metodológico, foi adotada a análise de conteúdo e qualitativa. Dos resultados, foi possível identificar a ausência de uma Educação Sexual formal recebida anteriormente ao estudo, evidenciando não só a necessidade e relevância em projetos como esse, mas também como o incentivo de políticas públicas, documentos norteadores e pessoas dispostas a executarem tais ações, uma vez que é preciso, antes de se trabalhar a Educação Sexual em sala de aula, exercitá-la no interior de cada indivíduo. O estudo mostra que é possível trabalhar a sexualidade de forma lúdica e tranquila a partir das experiências práticas que já são realizadas em sala de aula apenas fazendo algumas adaptações, além da organização e do planejamento prévio.

Aqui se findam as sínteses, mas não se finalizam as considerações sobre o estudo. O Estado da Arte possibilitou experienciar um leque de conhecimentos, indagações e árduas e intensas reflexões sobre os estudos apresentados nesta pesquisa, considerando a vasta diversidade e transversalidade em que circula a sexualidade e a Educação Sexual, como visto nesta seção. Desse modo, será apresentado nas considerações finais, ponderações resultantes desta Dissertação que visam oferecer subsídios à futuras pesquisas e o fortalecimento na área, a fim de sensibilizar para que as práticas tenham em seu aporte teórico uma Educação Sexual que vá ao encontro da formação que se faz urgente, visto que a contemporaneidade tem retomado a comportamentos repressores sociais que já haviam sido, em parte, superados.

7 DIALOGANDO COM AS CATEGORIAS

Após intensa reflexão, partindo do mapeamento apresentado, ficaram evidentes também, as categorias temáticas elencadas nessa pesquisa e que inicialmente nortearam cada Dissertação, sendo: TEMA 01: Olhares Pedagógicos; TEMA 02: Olhares Psicológicos; TEMA 03: Olhares Sociais e Culturais; TEMA 04: Olhares para a Saúde e TEMA 05: Olhares Históricos.

Alguns elementos puderam caracterizar o pertencimento a cada uma delas, sendo melhor compreendido ao descrevê-los, como será feito abaixo. Vale destacar que algumas produções percorreram mais de uma categoria. Isso ocorre devido a união de dois campos; ou seja, um tema preponderou, mas houveram elementos significativos de outros que também se destacaram, tornando necessário os considerar. Desse modo, esta seção permite exibir uma pequena amostra diante da riqueza das Produções emergidas durante o Programa frente às categorias elaboradas para esse estudo.

Sendo assim, no que se refere ao eixo *Olhares Pedagógicos* (TEMA 01), percebe-se que as Dissertações se direcionavam a um aspecto educacional propriamente dito, a um trabalho de Educação Sexual escolar ou em outras instituições que não necessariamente na escola, mas que houvessem uma finalidade pedagógica. Ao todo, foram categorizadas 37 (trinta e sete) Dissertações para este eixo, revelando ser o maior enfoque produzido até o momento do recorte temporal.

É possível identificar tal direcionamento a partir do objetivo geral da pesquisa de Pongeluppe (2016, p. 69), em que expressou “averiguar a exposição de **crianças** da **Educação Infantil** à mídia, em suas diferentes veiculações, bem como analisar os reflexos, na **escola**, dessa exposição quanto à sexualidade desvelando as percepções da **docente** acerca dessas manifestações” [grifos nossos].

Na Dissertação de Branco (2016, p. 01), no próprio título “**Educação Sexual** e comunicação: o rádio como **alternativa pedagógica** nas **escolas** a partir de uma intervenção” [grifos nossos], já se confirma o pertencimento ao eixo *Olhares Pedagógicos* (TEMA 01) por meio das indicativas educacionais, assim como também na pesquisa de Bueno (2018, p. 01), intitulada “A história da criação do Papo Jovem: um **projeto de Educação Sexual** integrado ao **currículo** de uma **escola de Ensino Fundamental e Médio**” [grifos nossos]. Até mesmo nas palavras-chave da pesquisa de Colin (2019, p. 10) é possível identificar: “**infância**

contemporânea. criança. docência” [grifos nossos]. No entanto, vale frisar que a confirmação dessas e de todas as categorias foram feitas após a leitura completa do estudo.

Para essa categoria, os instrumentos metodológicos mais utilizados foram a revisão bibliográfica, a pesquisa qualitativa, a pesquisa-ação, entrevistas, questionários e a análise de conteúdo na modalidade temática. Teve destaque também para os materiais produzidos, diferindo-se das outras categorias temáticas, sendo esses elaborados de forma lúdica, envolvendo a música, oficinas pedagógicas e/ou projetos, cartilhas educativas, jogos diversos, confecção de materiais, elaboração de livro, materiais voltados à Educação Especial e a Literatura como intervenção pedagógica.

Já para a categoria *Olhares Psicológicos* (TEMA 02), temos que 09 (nove) Dissertações se relacionam ao eixo temático, compreendendo a terceira maior produção categorizada por este estudo. Esse eixo temático foi definido principalmente pelos métodos e técnicas com bases na Psicologia, podendo ser identificado na Dissertação de Lazdan (2015, p. 07), elaborando que, “para a **Psicologia Junguiana**, os elementos femininos e masculinos estão presentes na natureza de homens e mulheres, porém, a dimensão feminina tem sido melhor desenvolvida nos dias atuais na consciência masculina” [grifos nossos]; e também na Dissertação de Salinas (2015, p. 17),

(. . .) apoiado pela **psicanálise** investigou-se os aspectos envolvidos na **transmissão da vida psíquica** de conteúdos ligados ao tema da **sexualidade**. E, num segundo momento, baseando-nos também em esclarecimentos possibilitados pela psicanálise e pela **Teoria Crítica**, tal como desenvolvida por **T. W. Adorno**, sondamos como a educação pode orientar tanto suas práticas quanto as possíveis estratégias de **prevenção** e elaboração de **traumas** dessa ordem [grifos nossos].

[Nesse trecho há o alerta para os elementos que dão base as Dissertações pertencentes à duas categorias]. Foi verificado também aspectos que caracterizam a vertente psicológica em títulos, temas ou subtemas de capítulos, como na pesquisa de Vidal (2019, p. 01), em que o título já nos leva ao (TEMA 02), sendo a “*Abordagem metodológica sociodramática para a reflexão sobre a temática da diversidade em uma **instituição de ensino***”, e acaba perpassando ao (TEMA 01), quando relaciona a abordagem sociodramática a instituição de ensino [grifos nossos].

No subtítulo da produção de Zerbinati (2017, p. 65), também foram evidenciados termos usados na psicologia, sendo a “**exegese, hermenêutica e interpretação em**

psicanálise”, podendo identificar simultaneamente como pertencente ao (TEMA 02) [grifos nossos].

Para inclusão no eixo (TEMA 02), também foram observados elementos nos assuntos introdutórios, como na Dissertação de Cardoso (2015, p. 03), sendo traçados pelos objetivos dos quais “pretende-se analisar as **diversas linguagens** utilizadas pelos **pesquisadores** dentro da **Psicologia** para se estudar a **homossexualidade**” [grifos nossos].

Pode-se observar, no eixo *Olhares Psicológicos* (TEMA 02), a prevalência por trabalhos que utilizaram como ferramenta metodológica a entrevista: história de vida, as entrevistas guiadas por roteiros e/ou questionários e análise de conteúdo na modalidade temática.

Para o eixo *Olhares Sociais e Culturais* (TEMA 03), foram compreendidas 22 (vinte e duas) Dissertações, representando a segunda maior posição enquanto área de produção seguindo a classificação deste estudo. As pesquisas categorizadas nesse eixo, em sua maioria, abordam temas envolvendo para além da sexualidade, campos em que se manifestam a cultura e/ou envolvem discussões em torno da sociedade.

Para compreensão, Fernandes (2015, p. 17) expressa as relações sociais em que

a **construção histórica de vida** de cada criança tem sua trajetória marcada por condições materiais de existências materializadas na família através da **cultura**, dos **valores**, das **crenças**, das **proibições**, da **fração de classe** ao qual pertencem, enfim, o que determina seu **modo de ser, agir, pensar**, quer seja a **sexualidade** ou a **música**, pois essas também **fazem parte da totalização do ser humano** e **constroem** momentos decisivos para a **formação educacional** de cada um, direcionando **padrões** de comportamento [grifos nossos].

Outro direcionamento quem oferece é Giacometti (2015, p. 86) ao demonstrar costumes usuais da sociedade, estando intimamente ligados ao eixo *Olhares Sociais e Culturais* (TEMA 03), revelando que a sua “pesquisa mostra que o **uso da aliança**, o **símbolo** do **matrimônio**, é feito mais pelas mulheres do que pelos seus maridos” [grifos nossos].

Em busca de significados culturais, Lima (2018, p. 09) aponta objetivos em seu estudo que confirmam a presença do (TEMA 03) nas relações sociais, “entendendo que **adolescentes negras** trazem em seus **corpos marcas** da intersecção das **opressões de**

gênero, raça e classe, buscamos compreender como, e se, o **racismo afeta** as vivências **afetivo-sexuais** de adolescentes negras periféricas” [grifos nossos].

[Nesse trecho há o alerta para os elementos que dão base as Dissertações pertencentes à duas categorias]. A pesquisa de Silva (2015, pp. 82-106) atravessa o eixo *Olhares Pedagógicos* (TEMA 01), sendo evidenciado no trecho em que a pesquisadora “consistiu em conhecer as concepções da **formação inicial** das assistentes sociais concernentes à temática da sexualidade (. . .)” [grifos nossos], e também no eixo *Olhares Sociais e Culturais* (TEMA 03), quando a autora recorre ao arcabouço teórico e faz “uma breve retomada do percurso **histórico** do Serviço Social”, entre outros aspectos de seu estudo [grifos nossos].

Os recursos metodológicos mais utilizados neste eixo, *Olhares Sociais e Culturais* (TEMA 03), foram, em suma, entrevistas, questionários, entrevista por meio da história de vida, análise midiática e análise de conteúdo na modalidade temática. Houve, também, alguns materiais lúdicos impressos e *online* resultantes dos estudos.

Para a categoria *Olhares para a Saúde* (TEMA 04), foram destacadas 06 (seis) Dissertações, representando a quarta maior posição enquanto área de produção seguindo a classificação deste estudo. Foram aqui compreendidas as produções que abordaram conceitos a respeito da saúde e sexualidade. Ao encontro desse eixo, Navega (2016, p. 19) coloca-nos à disposição elementos característicos da Educação Sexual biológica, explicando que

a **Sífilis** adquirida diz respeito à **infecção** pela bactéria **Treponema pallidum** sexualmente transmitida. O outro modo de **transmissão** da Sífilis é a forma congênita durante a gestação ou pelo canal de parto (menos comum), que pode implicar no **aborto** e em **graves manifestações** ou **sequelas** para a criança [grifos nossos].

Outro destaque é para o título do capítulo de Souza (2018, p. 34): *O Discurso médico: o normal, patológico e sexualidade*. Sendo esse por si só esclarecedor a respeito da criação da identidade do transhomem, em que também apresenta características do TEMA 04.

[Nesse trecho há o alerta para os elementos que dão base as Dissertações pertencentes à duas categorias]. A pesquisa de Rodrigues (2017), pertence aos eixos *Olhares Pedagógicos* (TEMA 01) e a *Olhares para a Saúde* (TEMA 04), pois envolve “a **integração** entre **escolas** e Unidades Básicas de **Saúde**” [grifos nossos] (p. 58), recorrendo à “**formação de profissionais** da **educação e saúde**, visto que a literatura científica mostra a necessidade de se ter profissionais de diferentes áreas que atuam em **Sexualidade e Educação Sexual**” (TEMA 01) [grifos nossos] (p. 64); mesclando então os temas 01 (um) e 04 (quatro) no

trecho em que a autora expressa o recurso metodológico utilizado e no momento em que se refere aos temas biológicos já trabalhados, expondo que, nas “**oficinas** foram abordados diversos assuntos de sexualidade, dentre eles, relações de gênero, **gravidez na adolescência, prevenção as IST-HIV-AIDS, Diversidade Sexual-Vamos falar sobre isso? Direitos Sexuais e Violência sexual**” [grifos nossos] (p. 89).

Para o eixo *Olhares para a Saúde* (TEMA 04), os instrumentos metodológicos mais utilizados para os trabalhos foram: pesquisa qualitativa, revisão de literatura, entrevista, entrevista: história de vida, análise de discurso e análise de conteúdo na modalidade temática.

O eixo *Olhares Históricos* (TEMA 05) abordou 03 (três) Dissertações, representando a quinta posição enquanto área de produção seguindo a classificação deste estudo. Para essa categoria, foram elencados estudos em que recorrem ao arcabouço histórico na maior parte da pesquisa. [Nesse eixo todas as três Dissertações apresentaram elementos pertencentes à duas categorias, apesar de uma delas – Olhares Históricos – ser predominante]. Um deles é o estudo de Rodrigues (2016, p. 15), estritamente de caráter histórico, sendo representado pelo trecho em que “durante a **colônia**, a economia brasileira **era** basicamente agrária, com destaque para a produção de açúcar para exportação” [grifos nossos].

No entanto, a história também é a representação dos costumes sociais, sendo assim, pertencendo também ao eixo *Olhares Sociais e Culturais* (TEMA 03), sendo observado nos dizeres sobre quando “a educação feminina era basicamente orientada por **valores religiosos** e pelos **costumes morais** de então” [grifos nossos] (Rodrigues, 2016, p. 32).

Giacometti (2015, p. 25), além do (TEMA 03), evidencia, em um dos objetivos para o estudo, o eixo *Olhares Históricos* (TEMA 05) quando busca “apontar **historicamente** quais as transformações e significados que o sobrenome ganhou ao longo dos tempos, e pontuar como foi a **história da mulher** em relação ao do homem, demarcando **quem são as mulheres do presente** e como elas têm reagido ao uso do sobrenome do marido” [grifos nossos].

Cardoso (2015, p. 13), embora já apresentado no eixo *Olhares Psicológicos* (TEMA 02), tem sua pesquisa também de cunho histórico, denotando as perspectivas da homossexualidade ao longo do tempo, já nos apresentando, desde a antiguidade, estratégias contra estigmas sociais, uma vez que “no início do **século XVII**, tendo por referência os **movimentos políticos** ocorridos anteriormente na França, o Brasil encontra **caminhos** para **atenuar a perseguição** contra os homossexuais” [grifos nossos]. Desse modo, confirma-se a classificação para o eixo *Olhares Históricos* (TEMA 05).

Os instrumentos metodológicos mais usuais no eixo *Olhares Históricos* (TEMA 05) foram as pesquisas do tipo bibliográfica e documental, qualitativo-descritivo, entrevista e questionário; e ainda vale ressaltar que em uma dissertação houve a elaboração de um livreto educativo, ferramenta que chamou atenção devido à ludicidade e aplicabilidade da mesma.

Como visto nas categorias temáticas, muitos são os assuntos em que envolvem a sexualidade e a Educação Sexual. Foi verificada também a pluralidade de ideias, métodos e ferramentas para o trabalho com o tema; sobretudo, foram desenvolvidos inúmeros projetos, como elencados nas sínteses, na seção resultados e discussões, indicando que é sim possível acontecer tais intervenções, seja na escola, na clínica, no hospital, no CRAS, na Igreja, em qualquer lugar que tenha uma ação planejada, se o intuito do momento for a educação formal.

No entanto, foram reconhecidas também as dificuldades da implementação da Educação Sexual, especialmente no âmbito da escola pelo impedimento do diretor e/ou gestor, por falta de apoio pedagógico, por falta de documentos norteadores e políticas públicas, pela cultura que ainda está atrelada a crenças que suscitam ideias errôneas sobre a temática, o retrocesso do atual governo, entre outros fatores, apontando para a necessidade de formação inicial e continuada.

Porém, apesar dessas adversidades, temos, neste estudo, a possibilidade de superação de algumas falhas, mesmo que, ainda em passos lentos, é possível colocar a Educação Sexual em prática a partir de atos diários que demandam esforço, planejamento e dedicação. Sobretudo, é tempo de se direcionar às soluções, dar início e/ou continuidade na mediação dos discursos positivos sobre as possibilidades de trabalho e intervenções com a sexualidade e Educação Sexual. Afinal, militância também é, em especial, fazer a parte que é dever do educador sexual: viabilizá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados alertam para a urgência em que a temática necessita ser vista com mais consciência, atenção e responsabilidade pela sociedade, pensando nas diversas situações que atravessam a sexualidade e, ainda, o quanto essa é inerente ao ser humano, não sendo possível ser desconectada e, conseqüentemente, desconsiderada.

A sexualidade está compreendida ainda hoje como um tema velado. Em linhas gerais, muitos indivíduos ao menos têm consciência ou sabem da importância em desenvolvê-la. Já outros seguem as amarras sociais que envolvem a Educação Sexual, acabando por menosprezá-la. Alguns entendem que deve ser abordada, mas não a consideram como temática emergente, mesmo percebendo que a todo tempo é manifestada. Essa fala parece um tanto quanto monótona [especialmente se o/a leitor/a for pesquisador da área da sexualidade], no entanto, as pesquisas ainda apontaram tais condutas, revelando o quão pouco a sociedade está avançando.

Todavia, a sexualidade, embora ainda dotada de muitos tabus e preconceitos, está sendo melhor compreendida – da necessidade de um trabalho educativo - por uma parte singela, porém mais significativa de pessoas, gestores, professores, pais e comunidade, fato visualizado por meio das entrevistas nas Dissertações analisadas, reelaborando conceitos sobre a importância, seriedade e comprometimento com o desenvolvimento humano.

Ao falar de comprometimento, o Programa de Mestrado em Educação Sexual da Unesp/Araraquara-SP coloca-se no cerne de sua função com as produções acadêmicas. Esse, favorece ampliação e divulgação na área científica enquanto propiciador de espaço para a criação de pesquisas, facilitador para o desenvolvimento de relações interpessoais, ambiente de diálogo e reflexão, quanto aos discentes, docentes e ao/à pesquisador/a.

No que se refere a história do Programa, foi possível acompanhar um caminho brilhante de luta política pedagógica para sua institucionalização, tornando-se o primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual do Brasil e América Latina, do qual todas as produções são comprometidas com a emancipação humana.

Desse modo, a identidade do Programa se revela por meio do respeito e seriedade com a temática no desenvolvimento do indivíduo, reconhecendo-o como cidadãos resultantes de diversas experiências, culturas, credos e tantos outros modos únicos e singulares de ser e existir, levando o ser humano a experimentar a própria essência como liberdade, tornando-se

essas, ações benéficas incalculáveis a vida, gerando resultados positivos em relação a qualidade de suas vivências.

As categorias puderam revelar onde caminham as pesquisas elaboradas no mestrado, além de colaborar na compreensão de como está sendo trabalhado a temática por diversos locais e espaços de diferentes campos, como enfatizado e discutido nos eixos desse estudo: TEMA 01: Olhares Pedagógicos; TEMA 02: Olhares Psicológicos; TEMA 03: Olhares Sociais e Culturais; TEMA 04: Olhares para a Saúde e TEMA 05: Olhares Históricos.

Ainda, enquanto resultado desse trabalho, apresenta-se a sistematização do mapeamento realizado, facilitando o acesso aos escritos selecionados, podendo, até mesmo, ser essa Dissertação utilizada como um guia ou direcionamento das produções que compreendem os anos de 2013 a 2019.

Os projetos decorrentes das Dissertações puderam suceder não só na conclusão de um Curso Stricto Sensu, mas também propiciou reelaborações ao leitor e ao entrevistado que permitem ressignificar conceitos por meio das indagações, do enriquecimento intelectual e do convite ao/à próprio/a pesquisador/a para refletir, além de propiciar a elaboração de novas interpretações. Além disso, o Programa, ao elencar tantas pesquisas críticas e construtivas no campo científico, é tido como uma ação de resistência e enfrentamento frente ao desmantelamento da Educação Sexual hoje no país.

Assim, esse contexto foi reconhecido por meio das pesquisas, o quanto a sexualidade ocupa espaços inatingíveis e que ela precisa ainda que seus aspectos sejam acolhidos, ouvidos e trabalhados; sanando dúvidas, compreendendo o desenvolvimento, percebendo a si próprio e o outro em um ato de empatia, deixando para traz estigmas, tabus, angústias e vivendo uma perspectiva emancipatória.

De natureza igual, avançando nas ações, enquanto comprometimento atestado pelas análises das categorias e por meio do mapeamento e estudo das Dissertações, o PPGEdSex encontra-se vigente e em consonância com as determinações. Posto isso, retoma-se o trecho:

- I – Desenvolver estudos a nível de pesquisa e extensão à comunidade no campo da sexualidade e da educação sexual visando contribuir para a formação de profissionais das áreas de Educação e Saúde do Brasil e do exterior;
- II - Aperfeiçoamento da qualidade dos setores sociais da administração pública nas áreas de Educação e Saúde;
- III – Capacitar recursos humanos vinculados ou com possibilidades de vinculação nos serviços públicos de educação e saúde, universidades e faculdades, em questões de

sexualidade e educação sexual, considerando o que preconiza a própria Portaria Normativa nº 17 do Mestrado Profissional, sobre “a necessidade de estimular a formação de mestres profissionais habilitados para desenvolver atividades e trabalhos técnico-científicos em temas de interesse público;

IV - Conferir o grau de Mestre em Educação Sexual, modalidade Mestrado Profissional (2021, s/p.).

À vista disso, registra-se o compromisso das *Produções Acadêmico-Científicas do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP - Campus Araraquara-SP*, reafirmado com o documento norteador, do qual sinto-me honrada em fazer parte, deixando aqui o presente estudo em que se finda, pertencente a categoria *Olhares Históricos (TEMA 05)*, podendo contar e recontar a belíssima trajetória não só de um Programa e suas Produções, mas o caminhar de pessoas que lutam por uma Educação Sexual, sobretudo emancipatória.

REFERÊNCIAS

- Alves-Mazotti, Alda Judith. (2001, julho, 13). Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. *Caderno de Pesquisa*. São Paulo. Volume 1. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a02n113.pdf>
- Amorim, Sylvia Maria Godoy. (2018). *Escola e transfobia: Vivências de pessoas transexuais* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Argenti, Paula Camila. (2018). *Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual*. 80 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Augustini, Érica Rodrigues do Nascimento. (2015). *Contos de fadas no Ensino Fundamental I: Analisando os recursos empregados e as estratégias que podem ser adotadas pelas/os docentes na desconstrução de estereótipos sexistas*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Balmant. Ocimara. (2012, maio, 07). Unesp cria 1º mestrado em Educação Sexual do Brasil. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo. Recuperado de <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,unesp-cria-1-mestrado-em-educacao-sexual-do-brasil-imp-,869621>
- Bardin, Laurence. (2011). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto, & A. Pinheiro, Trans.) São Paulo: Edições 70.
- Bardin, Laurence. (1997). *Análise de Conteúdo*. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). 4a ed. rev. atual. Lisboa: 70 Edições.
- Beauvoir, Simone. (1961). Na Força da Idade. (S. Milliet, Trad.). Vol. I. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

- Bedin, Regina Celia. (2010). *A institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, SP, Brasil.
- Bedin, Regina Celia. (2016). *A história do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual da UNESP* (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.
- Bertolini, Débora Brandão. (2015). *Sexualidade e adolescência: Rodas de conversa e vivências em uma escola de ensino fundamental* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Bianco, Adalto Perpétuo. (2017). *Tema transversal orientação sexual, prática pedagógica do professor de educação física: Trajetórias e desafios*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Borges, Rita de Cassia Vieira. (2017). *Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Brasil. (2001). *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural orientação sexual*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, (2ª ed., vol. 10). Brasília: DP & D: Ministério da educação.
- Bueno, Rita Cássia Pereira & Ribeiro, Paulo Rennes Marçal. (2018). *História da educação sexual no Brasil: Apontamentos para reflexão*. SBRASH- 29 (1); (pp. 49-56)
- Bulzoni, Ana Maura Martins Castelli. (2017). *Gestor Escolar: Sua influência na construção do Projeto Político Pedagógico no que tange a Educação Sexual*. (Dissertação de

Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Bulzoni, Natália Castelli. (2018). *O gênero feminino e os calçados: a influência do capital social como formação dos gostos de classes*. 69 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Bueno, Rita Cássia Pereira. (2018) *A história da criação do Papo Jovem: Um Projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma escola de ensino fundamental e médio*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Borges, Rita de Cassia Vieira. (2017). *Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil*. 186 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Baptistini, Juliana Cristina da Fonseca. (2017). *Comentários de blogs sobre sexualidade e gênero: um estudo das subjetividades acerca das relações de gênero desveladas no ciberespaço*. 193 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Branco, Aline Santana Castelo. (2016). *Educação sexual e comunicação: o rádio como alternativa pedagógica nas escolas a partir de uma intervenção*. 82 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Camilo, Vanessa Cristina Sossai Camilo. (2019). *Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores*. 112 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

- Campos, Claudinei José Gomes. (2004). Método de análise de conteúdo: Ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 57(5), 611-614. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>
- Cardoso, Daniel Cordeiro. (2015). *Análise descritiva da construção histórico-social do olhar da psicologia sobre a homossexualidade a partir de produções do Portal de Periódicos Pepsic: um estudo bibliográfico*. 68 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Carvalho, Ana Márcia de Oliveira. (2015). *Vozes masculinas no cotidiano escolar: Desvelando relações de gênero na educação infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schütz* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Colin, Andréa Simone de Andrade. (2019). *Percepções da infância na contemporaneidade: a escuta de educadores formadores de uma rede municipal de ensino*. 144 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Costa, Izelma de Souza. (2016). *Análise da formação e da prática em Educação Sexual de professores/as de Ciências e Biologia de escolas estaduais de Macapá/AP*. 115 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Coutinho, Télió Ribeiro. (2006). *Adolescência: o prazer em crescer (Educação Sexual e suas possibilidades no Ensino de História)*. (Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História). Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil.
- Cruz, Pâmela Cian & Silva, Ricardo Desidério. (2017). *Educação Sexual: Reflexões para sua efetivação na escola*. In: R. D. Silva, E. I. Hummel & I. B. J. Oliveira (Orgs.). Educação, sexualidade e diversidades: políticas públicas educacionais: avanços ou retrocessos?. 1ed. Londrina: Syntagma Editores, vol. 1. (pp. 36-50).

- Desidério, R. (2014). O que é sexualidade? Representações conceituais de professores sobre sexualidade em escolas paranaenses. *Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação*, 8(4), 945–960. <https://doi.org/10.21723/riaee.v8i4.4992>
- Dotoli, Flávia Saletti Grecco. (2018). *Do centro de ressocialização à reinserção social: o papel do poder executivo público municipal neste processo*. 141 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Fernandes, Karina Nonato. (2015). *Música e infância: compreendendo o significado da sexualidade através da Educação Musical*. 76 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Ferreira, Gabriella Rossetti. (2015). *Cursos de Formação em Educação Sexual que empregam as Tecnologias Digitais*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Ferreira, Norma Sandra de Almeida. (2002). *As pesquisas denominadas "estado da arte"*. Educ. Soc. vol. 23, n.79, Campinas. Recuperado de https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002000300013&script=sci_arttext.
- Ferreira, S. O. & Sartori, A, S. (2016). Educação dialógica na EAD: interface com a educação sexual emancipatória. pp. 81-96. In: *Sexualidade, educação e mídias: novos olhares, novas práticas*/ Org. Ricardo Desidério. Londrina: Eduel.
- Firmino, Flávio Henrique. (2017). *Educação Sexual de crianças e adolescentes em abrigos: O lugar do educador* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Giacometti, Fabiana Aparecida Prenhaça. (2015). *A identidade, o costume e o direito da decisão: um estudo sobre o uso e o desuso do sobrenome do marido*. 126 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

- Guimarães, Jayane Santos. (2017). *Igreja Inclusiva: diversidade sexual e experiências religiosas*. 133 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Krüger, Karin Elizabeth. (2018). *Sexualidade e Deficientes Intelectuais: Proposta de criação de material didático-pedagógico para intervenção escolar no município de Araraquara – São Paulo* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Lazdan, Alessandra. (2015). *O que os homens têm a dizer sobre as mulheres? Os novos posicionamentos de jovens do gênero masculino frente às transformações femininas nas relações afetivas: uma leitura sob a ótica da Psicologia Analítica*. 101 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Leão, Andreza Marques de Castro. (2009). *Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos* (Tese de Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, SP, Brasil.
- Lemos, Alex Eduardo. (2015). *Homossexualidade e velhice: Os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos*. 72 p. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Lima, Elânia Francisco. (2018). *Negritudes, adolescências e afetividades: experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo*. 134 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Lucifora, Cristiane de Assis. (2017). *A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de Fadas/Maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

- Manzini, Beatriz Rodrigues Kavaahara. (2017). *O professor de educação física no processo de exteriorização da sexualidade das crianças a partir das manifestações corporais, à luz dos pensamentos de Bourdieu* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Meyer, Caroline Arcari. (2017). *Livro "O que é privacidade?": uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças*. 110 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Meyer, Fabricio. (2017). *Análise do jogo “trilha da proteção” como auxiliar na diminuição da vulnerabilidade para a violência sexual infantil*. 117 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Moreira, Daniela Arroyo Fávero. (2015). *Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: O lúdico como estratégia educativa*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Navega, Débora de Aro. (2016). *Sexualidade e sífilis adquirida: relatos de pessoas que realizaram o tratamento*. 132 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Nogueira, Natália Souza. (2015). *O jovem e o “ficar” à luz da teoria bourdiana*. 79 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Oliveira, Isabela Virginia Pasquini Borges de. (2017). *Agentes comunitários de saúde: o elo entre os estigmatizados e o acesso à saúde*. 135 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

- Paliarin, Franciely. (2015). *Sexualidade e Deficiências: Dando vozes aos adolescentes por meio de oficinas pedagógicas* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Pereira, Maria Cleonice. (2017). *Violações de direitos e violência intrafamiliar em três gerações: estudo de caso*. 107 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Pongeluppe, Maria Angélica Brizolari. (2016). *A mídia e a infância: da exposição aos reflexos na escola no tocante à sexualidade*. 238 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Pola, Lorena Christina de Anchieta Garcia. (2018). *Sexualidade Humana e Educação Sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Pongeluppe, Maria Angélica Brizolari. (2016). *A mídia e a infância: Da exposição aos reflexos na escola no tocante à sexualidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, , Brasil.
- Rapatão, Andréia Serrano Cayres. (2015). *Educação sexual, saúde e sexualidade: (re) significando as relações entre pais e filhos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.
- Revista Diversidade e Educação. (2017, jul./dez.). *Entrevista educação para a sexualidade*. v. 5, n. 2, p. 07-15. Doi: 10. 14295/de.v5i2.7867 E-ISSN: 2358-8853. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/divedu/article/download/7867/5068>
- Ribeiro, Paulo Rennes Marçal. (2005). *A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos*. p.17-32. In.: BORTOLOZZI, Ana Cláudia;

MAIA, Ari Fernando (Org). Sexualidade e infância. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF.

Ribeiro, Paulo Rennes Marçal. (2016). *Caminhos da educação sexual nas memórias de um pioneiro da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP*, pp. 67-89. In: Rodrigues Jr., Oswaldo M. (org.). *Historias de las Sexologías Latinoamericanas – volumen II*, São Paulo: Instituto Paulista de Sexualidade.

Rodrigues, Paulo Jorge. (2016). *Coeducação dos sexos no estado de São Paulo durante a primeira República (1889-1930)*. 119 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Rodrigues, Suellen Silva. (2017). *Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: Proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetetuba-PA*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Rodrigues, Sylvia Regina de Oliveira. (2018). *Estratégia para a aprendizagem da diversidade de arranjos familiares na infância* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Ruis, Fernanda Ferrari. (2015). *Ser menino ou menina na Educação Infantil: Um entrelaçamento entre vozes* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Rocha, Anne Kariny Lemos. (2015). *O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: Análise do material “em seu lugar”* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Schiavon, Denise Maria Nepomuceno. (2018). *“Não deficientize minha sexualidade”: repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas*

pedagógicas. 102 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Silva, Carla Bessa da. (2015). *Formação inicial e concepções de assistentes sociais do interior do Rio Grande do Norte sobre a sexualidade da pessoa idosa*. 166 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Silva, Érick Roberto Freire de Araújo. (2016). *A educação sexual no currículo da rede estadual de ensino de São Paulo*. 142 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Silva, Evelanne Samara Alves da. (2017). *Sexualidade e conhecimento popular a partir do uso de garrafadas: possibilidades para intervenções em Educação Sexual*. 233 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Silva, Ricardo Desiderio. (2015). *Educação audiovisual da sexualidade: olhares a partir do kit Anti-Homofobia* - (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências e Letras, campus Araraquara-SP, Brasil.

Silveira, Drielly Teixeira Lopes. (2018). *Sob o signo da sereia: a feminilidade na experiência de mulheres trans deficientes*. 199 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Souza, Silvanie Campos de. (2018). *A construção discursiva do corpo do transhomem na perspectiva foucaultiana*. 109 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Svizzero, Nelma Eugenia. (2018). *Sexualidade e identidade feminina em “Iracema” de José de Alencar: da literatura romântica de vestibular à visão crítica dos vestibulandos*. 167 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Vidal, Melissa Oliver. (2019). *Abordagem metodológica sociodramática para a reflexão sobre a temática da diversidade em uma instituição de ensino*. 100 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Volpe, Alexandre Alberto Scabello. (2018). *Sou gay e daí: a homossexualidade declarada por jogadores de voleibol – um estudo de caso*. 131 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Zerbinati, João Paulo. (2017). *Desvelando a vivência transexual: gênero, criação e constituição de si-mesmo*. 138 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.

Zocca, Adriana. (2015). *A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara-SP, Brasil.